

J. DE SOUZA-ANDRADE

HARPAS SELVAGENS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

QUY DOS INVALIDOS, 01 0

1957

J. DE SOUZA-ANDRADE

HARPAS SELVAGENS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B.

1857

JHR
3544

110

869.9139
L 725 h

HARLES BERTAGIAS

BERTAGIAS

UNIVERSITY OF CALIFORNIA
LIBRARY

869.9139
L 725 h

ESTANCIAS

YAN
869.9139
D125h

ESTADIAS

HARPAS SELVAGENS.

I

DESESPERANÇA.

O' tarde dos meus dias!
O' noite da minha alma!...
A vida era tão calma
Aqui na solidão!

O' rio, que corrias,
Tuas aguas vão seccar...
Á flor no seu murchar
Que importa a viração?

O' sol da minha infancia,
Que valem-me os teus raios?
A lua em seus desmaios
Um tumulto embranquece.
E tu, que na distancia
Me deste a vida e a dôr...
Eu sinto — a esp'rança, o amor
Meu peito não aquece.

E eu que sonhei tanto!

E eu que tanto via

No longe d'algum dia

A vida apparecer....

No rio do meu pranto

Meus annos vão passando:

Assento-me, esperando

O meu triste morrer.

Assim, rapidas flores,

Donzellas da manhã,

Sem terdes amanhã

Nas limpidas capellas,

Passais; vão-se os amores

E o hymno da belleza:

Nem deu-me a natureza

Um dia! assim como ellas.

Divago os olhos lentos

Do plano ao monte, aos céos:

Eu lá vejo um só Deos,

Em Deos sómente o amor;

Aqui... levão-me os ventos...

Eu nada tenho... sorte!

No cume eu vejo a morte,

Nos valles morta a flor.

A mim pranto e saudade,
A mim funebre exilio,
Cantando umbroso idyllo
Da morte á sombra fria:

Em pallida orfandade
As dôres me acabárão
Miseriãs me embalárão
Nos berços da agonia.

Adeos... palma, que ouvias
Minha harpa á sombra tua:
Tu és a voz que é sua,
Eu sou tua criação.

O' tarde dos meus dias!
O' noite da minha alma!...
A vida era tão calma
Em paz na solidão!

Adeos á doce vida,
Adeos á rosea esp'rança
E o céu! que era bonança
Cobrindo o campo e o lar;

Adeos, terra querida!
Adeos, formosa infante!
Por ti, no mundo errante,
De novo eu corro o mar.

II**HYMNO.**

À liberdade os cantos!
A filha destes céos,
A filha do meu Deos
E minha irmã do peito,
Meus sonhos do meu leito,
Dos valles minha flor,
Da vida o meu amor:
O' doce liberdade,
Imagem da verdade
Dos meus altares santos!

Na tua divindade
Os astros nos parecem
Que pelos montes descem;
O mar sóbe o rochedo;
Os ventos o arvoredo
Diceras transportar;
A fonte a suspirar
Se perde na soidão:
Quem vibra o coração
Tu és, ó liberdade!

Ainda na saudade
Da patria, na distancia
Es tu que dás constancia,
Que fazes tanto amar
O sol, o campo e o lar!
O indio prisioneiro
Não teme o cativoiro,
Nem chora por ser vivo
O timido cativo
Chorando a liberdade...

Coitada philomella
Seu canto desfigura
Tirada da espessura:
Qual perde o murmúrio
Mudado o leito o rio:
Tambem a côr perderas,
Em tiras te fizeras...
E o mar que tens na face,
Que embebe um sol que nasce,
Foi só cadente estrella!

E o sol que do arvoredo
Crescia docemente
Raiando resplandente,
Por Deos despedaçado
No espaço foi lançado!
E o mundo todo em trévas,
Confuso o tronco e as hervas,

Os mares e o ribeiro
Em negro paradeiro,
Cahio monte e penedo!

E quando um astro novo
Viesse duvidando
Em vez do sol andando,
A vaga n'outros climas,
O céu por outras cimas
A desdobrar-se achara:
Tremera e se apagara!
Uns campos e outro monte
Já fórma outro horizonte,
E a lingua é d'outro povo...

Virente-aurea bandeira,
Eu chóro assim te olhando
No ar desenrolando:
A virgem d'innocente
Ouvio o homem que mente:
Enleia-te ao pendão,
És morto coração:
A raça está perdida;
Nem fôra denegrada
Não sendo brasileira...

Dos labios creadores
E a fronte, ó liberdade,
Tu foste a claridade
Que o astro edificou,
Nossa alma irradiou:

À crença tu me elevas
Na voz do vento e as selvas ;
Me levão nesta vida,
Qual ave ao céo perdida,
Os teus, os teus amores !

Bella arvore da gloria,
Teus frutos já pendêrão,
Teus filhos já morrerão :
Apenas á tua sombra,
Tão rota, e qu'inda assombra,
Á morte se arrastando,
Teu nome estrebuxando
Os vejo ! indifferentes
Á terra e o Deos ; descrentes
Rompendo a vil memoria . . .

E d'aguia ensanguentada
Nas serras, pelo abysmo
Gemendo ao despotismo,
O' victima piedosa,
Á voz baça e ruinosa
Diceste á eternidade
O adeos ! não ha verdade,
Razão, virtude, amor,
Nos campos não ha flor
Ás mãos da foice afiada.

O' mãe da humanidade,
O' raio de meu Deos,
Oh! lança-te dos céos,
Que o gelo se desfaça!
Teu echo em plena praça
Desdobre a palma de ouro
Por entre o verde louro!
— Ao peso de sua dôr
A força caia, horror!
Aos pés da liberdade.

Caudal açoita o rio
O mar, n'alta corrente;
E o mar, que é mais potente,
Rugio — ás cabeceiras
Reflue pelas balseiras:
Assim quebrem-se os ferros
Do despotismo d'erros
Nos infernaes altares!
Repousa nos palmares,
O' livre sol d'estio.

III

AO SOL.

Ἡμέρας πόθεν, ἔγχευα!

Timida e bella e taciturna virgem,
 Pelos campos, na zona solitaria,
 Do mar no isolamento, lá do azul
 Banhando a terra de uma lua argentea,
 Á matinada sobressalta e foge:
 Chama aos seios o manto, os pés retira
 Da terra e vò, descobrindo os bosques
 Que estremecem, do monte a sombra arranca,
 Toma á pressa os vestidos que vão soltos
 E as grinaldas d'estrellas, fugitiva.
 Roda o plaustro de um principe, os cavallos
 Vem nevados nos valles do oriente;
 Cobre os ares a poeira do caminho
 Alva como o pó d'agua; se arrepião
 No ninho as aves desatando o bico;
 Brisa fresca e geral passa acordando
 Os vegetaes, o oceano; bellas nuvens
 De marinho coral, nuvens de perola

Como a face de um lago os céos abrirão;
 Estende o collo o passaro cantando
 Por detrás da palmeira, qual pergunta
 Aos pastores, ao gado apascentando
 « Quem faz este rumor? » deslisa o orvalho
 Na flor, derrama o vento, o vento leva
 Ondulações d'incenso; a natureza
 Nas barras da manhã respira amores:
 A noiva docemente bocejando
 N'alva da noite da esperança longa
 Embalada nos berços conjugaes.

Sol! idéa de meu Deos, me aquenta
 Gelada a fronte pallida, sulcada
 Do scepticismo horrendo; sol, m'inspira
 Um cantico de paz, que a musa afeita
 Neste cantar selvagem, rude, asperrimo,
 Que o temporal da sorte ao peito ensina,
 Como ao rochedo a vaga, ao monte o raio,
 Como a torrente ás sombras da espessura,
 Duro golpe ao carvalho, ave enfezada
 Jámais cantou de amor: abrio-me a bocca
 Esta sede eternal, que eu mesmo ignoro,
 De um desejar... que secca-me a existencia,
 Que minha alma lacera, como ao peso
 D'um africo samoun sem fim rolando!

Abre um lado da abobada celeste,
 Amostra o rosto, só, centóclo e bello,

Rege de lá seu mundo: apaga os círios
Do seu altar da noite; arrasta a nuvem
E^s embalança nos ares, sombreando
O valle do pastor e das boninas;
Encarna de mil côres o arvoredó;
Pousa um raio na petala das flores
Como virgens abrindo alegremente;
Espalha almo chuveiro. Sol! ó sol,
Deos dos meus olhos, meu caminho franco
Á unidade invisível, me suspende
Deste lodo da terra onde hei manchado
A alma de meu Deos! rios, montanhas,
Levantai minha voz; aves, favonios,
Não pergunteis que nasce de alegria
Em vosso seio que vos move os echos:
Cantai, cantai de amor, subi louvores,
Batei as azas, penetrai os ventos:
É nosso pai! enchendo os nossos campos
Da terra de mil dons; as nossas veias,
Como do pensamento Deos nossa alma,
Banha de sangue e vida. A borboleta
Sobre as folhas dormindo, a agua passando,
Á beira da corrente, a ti se eleva
Em turbilhões de luzes centelhando,
Deslaçando seus vôos, que um raio fura
De cada vez que brilha, matizado
Do pó das azas d'iris; a velhice
Arrasta a ti seus passos; minha vista
Amo cobrir de lagrymas te olhando,
Fallar contigo, consultar-te o que és:

Embora a minha voz nos teus fulgores
 Tu percas desdenhoso, e não respondas.

Quantas vezes passava a contemplar-te
 Solitario no mar! sem pai nem mãe,
 Teus raios ensopei com minhas lagrymas,
 Que os teus raios seccárão: então contigo
 Sómente e o mar, meu pensamento errava
 Ante os meus olhos, mas sem ver abertos,
Nem despertava me roçando a fronte.

Amigos mendiguei, meu peito aos homens,
 Meus braços, minha fronte, abri minha alma:
 Como os homens vi rindo-me um momento!
 Me odeiavão depois, logo amanhã:
 Outros buscava; mas, as mesmas ondas
 Do mesmo oceano mentiroso e amargo;
 Corri terras em fóra e passei mares,
 Ví novos climas—sempre os mesmos homens!
 Nem um só!... nem um só achei que o nome
 Santo de amigo merecesse ao menos!
 Ah! se um ente nascera, que eu amasse
 Deste amor todo que meu peito espaça!

.
 Sublime erupção, nasceu minha alma!

.
 Desde então, na descrença resequido
 Murchou, cahio meu coração, e os homens,
 Que minh'alma tão rude calcinárão,
 Nunca mais pude amar.... vou solitario
 Pelas praias sombrias da existencia.

Às vezes recostado n'um penhasco,
 A minha criação faço ideal:
 Fôrmo um côro de virgens de annos d'hontem
 Nuas e puras; me rodeão, cantão,
 Eu adormeço.... mas, desperto, rujo!
 Tu, deos immovel, subalterno, seiva,
 Despertador da terra, ergues meus sonhos,
 Material hyperbole dos céos!
 Mentira, ou não sei que vejo em sua frente
 Que não entendo, e me repugna.... eu fujo
 Às minhas solidões, não posso amá-los:
 Ah! se eu podesse, bem feliz que eu fôra!
 — Mesmo de um Deos descri.... perdão, Senhor!
 E mirrado na dôr, pelos desertos
 Buscava sombra: — as arvores murchavão,
 Desfolhavão! da frente que eu sustinha
 Descançar pelo collo de seus troncos,
 Tocar meus pés sua leiva! exposto ao clima,
 O sol fendeu-me o dorso, como açoite
 Da Providencia, e amei p'ra sempre o sol.

O' tu, dia primeiro, em que no espaço
 A fogueira de ouro o sopro eterno
 Accendeu: quando a terra estremecia
 Em pasmo se revendo, e tudo em vozes
 Naturalmente! O' tu, dia vindouro,
 Em que a mão, que a ergueu, desça apagá-la—
 Que bella' scena! quanto denso fumo
 Não ha de se exhalar d'entre os seus dedos,
 Da tocha immensa no morrer! quizera

Sentir ranger meus ossos, perturbar-me
Nessa emoção de horror! vêr-te apagando,
Qual vêr-te ao mundo vindo, eu só quizera
Esses dous dias vida, entre elles morte.
Sol esplendido e bello! deos visivel!
Tu, corpo do meu Deos, queima o meu corpo;
Vá minh'alma á tua alma, ao Deos sómente!

Silencio. Passa o vento em meus ouvidos,
« Emmudece! » disserão-me: quem foi?...
Rios, montanhas, incolas do bosque,
Cegos nascemos, meus irmãos da morte,
Sem saber quem nós somos, onde vamos....
Para cantar?... Cantemos harmonias
Ao sol que se levanta do arvoredado,
Lá das terras de além, fruto d'estio:
Enchamos nossos olhos de seus raios,
Nosso peito de fé — Deos é mais longe!

IV

TE DEUM LAUDAMUS.

Et ego, et terra, mareque
Cœlumque, tibi canticum damus!

Já longe de mim vai comprida a margem
Da infancia feliz: navego ao largo,
Da barca ao leme; os gonzos ferrugentos
Rangendo são custosos menêados
Pelo meu braço que os tufões cançarão.
Na pesada corrente eu vou descendo,
A brisa vòa fresca, azul o céu;
Balança, entesa ou bate o panno eburneo,
Conforme a direcção; n'alta ribeira
Ondulações sonoras levantando
Indolente e penosa a vaga adunca
Arruinada em pedras, na fragura,
Na costa, no rochedo. Agora eu canto.
Os rios que desaguam se entorpecem;
A nuvem desce mais dos céos de seda,
Vem suspensa escutar-me; acalma o vento,
Cahida véla; fóra d'agua os peixes
O dorso ondêão; mudamente aleyone
Do humido ninho serpentêa o collo;

Distante a voz do mar, distantes praias
 Sobrê si mesmas desterrando vão-se;
 Acceleradas sombras das palmeiras
 As seguem para o extremo, as cumiadas
 As sombras deitão para trás da serra,
 Que cobrião-lhe o rosto: é amplo o berço!
 Calada a natureza espera em torno
 Minha voz responder. Agora eu canto:

« Meu Senhor Omnipotente!
 Minha harpa, as harpas do monte,
 Do rio caudal e a fonte,
Librada a nuvem nos ares,
 Perante ethereos altares
 Se humilhárão. Santo! Santo!

Deos immenso! eterno sopro
 Os labios teus fecundárão:
 Os céos de sóes s'estrellárão,
 Sobre os sóes outros céos vão:
 Nasce o mundo, a criação
 Nasce, e canta. Santo! Santo!

Cheio o vacuo, o espaço ondula
 Do infinito; retumbante
 Geme o cháos, e palpitante
 Começa brilhar, viver,
 Contemprar-se, estremecer,
 Rugir de horror! Santo! Santo!

E nos ventos, e nas ondas,
 No universo equilibrado,
 Harmonioso, animado,
 E n'um atomo da terra,
 N'uma flôr, penedo ou serra
 Teu nome está. Santo! Santo!

Echo infindo envolve o mundo
Infindo se renovando;
Hontem vi-me alevantando,
Hoje me vejo a cantar,
Amanhã no meu logar
Talvez serei... Santo! Santo!

Ande o mar lambendo a arêa
 Manso e calmo e deleitoso,
 Ou se estorça procelloso
 Cortado da ventania,
 O mar teu nome dizia,
 Dí-lo ainda. Santo! Santo!

Vezes quando o filho ingrato
Sobre o pó dorme indolente,
E renegado ou descrente
Não te vê na doce esp'rança,
Vingalivo e sem bonança
Deixa os leitos. Santo! Santo!

Erre a lua em brancas noites,
 Doire o sol rubras celagens;
 Estas montanhas selvagens,
 Estas compridas palmeiras
 Cantando pelas ribeiras,
 Dão louvores. Santo! Santo!

Meu Senhor Omnipotente!
 Senhor Deos da criação!
 Escuto o meu coração,
 Verguem-se os cumes do céu,
 Queime o raio o azul do véo —
 Repetirão! Santo! Santo!

Santo! Santo! Deos dos astros,
 Que lá no Horeb Adonai,
 O rubo cercar-te vai
 Em flammas de um fogo innato,
 Camadas de um fumo grato
 Circulando! Santo! Santo!

Me obedecêrão: pelos céos um côro
 Vai ondulando d'encantados orgãos —
 A voz dos animaes, dos elementos,
 Das plantas o meu cantico entôando.

« Tu, que enriqueces
 Abrahão nos desertos,

Que livras da infamia
 Moysés e Jacob ;
 Que fazes David
 Sonhar o Messias ,
Que o nome estremece ,
Destróe reis soberbos ,
Suas aguas que desce
Remonta o Jordão ,
 Suas altas muralhas
 Desfaz Jericó
 Aos olhos immoveis
 Do sol suspendido
 Nas mãos do Josué —
 Teus filhos encontras
 Na ingratição !

No paraiso esquecem
 Teu preceito: as feras
 Fraternaes, tão mansas,
 Inimigas são ;
 Venenoso insecto
 Os consome; os prados
Murchão como o sol!
 Já cidades vingão,
 Se corrompem, morrem
 Do diluvio aos pés.
 No céo arco de rosas
 Traçou nova alliança,
 E novas plantas nascem.
 Balthazar soberbo

No festim ruidoso
 Lá profana os vasos
 De Jerusalem:
 Da tua mão de fogo
 Pelo muro errante
 Daniel amostra
 As impressões fataes
 Ao assombrado cónviva:
 Deslocou-se o Euphrates!
 Babylonia préão
 Rubras mãos de Cyro!

Amavas Israel,
 A idolatria a ruina;
 Rainha que levantas,
 Tambem perdes Judá!...
 — Meu Deos, tão grande que és
 A terra que não sente
 Ignora-te, e sorri!
 — Nos seios te comprendo,
 Tua gloria me engrandece,
 Tu és minh'alma, ó Deos!
 Minh'alma um reino teu. »

No firmamento os ares se embalarão;
 Removidas as margens se approximão;
 Salta o peixe no mar, desprende aleyone
 Atado o longo bico e já revôa;
 A barca móbil nas argenteas azas
 Pelas correntes liquidas se alegra.

V

A LEGENDA.

« Onde vais? perturbado no semblante,
Da sombra de ti mesmo perseguido!
O que entre os dedos te reluz mal preso
Na mão se ennegrecendo, ó desleal?
Não ouves um gemido lá no monte?
O Christo é quem suspira... e porque foges?... »
Perguntava o plebeu d'asco. O discipulo
Treme, seus olhos se desconcertarão.
A exalação de um beijo nos seus labios
Inda fazia nuvens: e maldissè
Abominosa venda... oiro fatal!
— Lava Pontius suas mãos nas mãos da esposa,
« Tu disseste que eu sou » dizendo o justo:
Então ringio-lhe o coração do crime,
E de remorsos afrouxando os braços,
O templo resòou d'argenteas moles
Os pés rodeando de Caiphaz: « sanguineas,
A córbona as não quer, aos peregrinos
Sanguineos campos d'Haceldama comprem. »
— E no outro dia um'arvore encontrou-se
Estendida no chão, fogo nem tinha,
E em cinzas desfazia-se fumante!

Gemia o Nazareno ao longo açoite
 Do phariseu. Chorava o caro Pedro
 Quando o gallo cantou: negar trez vezes
 O rei de Galiléa! — em nardos — triste,
 As oliveiras do horto entristecendo
 E as torvas aguas que de ouvi-lo voltão.

O sonho confirmou-se dos prophetas:
 O que viste morrendo era o Messias!

Fallava Jeremias inspirado —
 Sábias revelações: « Caim primeiro
 Invejou, foi traidor: dinheiros vís
 Do primeiro assassino a terra os veja
 Cometa errante despertando longe,
 Longe, e fazê-la estremecer de assombro
 Cada vez que gemerem malfadadas
 Entroncadas irmãs no cofre impuro:

D'igneo facho perseguido,
 Abre as mãos o irmão d'Abel,
 Vendidos serão d'escravos
 Tristes filhos d'Israel;

Vendido verão d'infamia
 Sagrado, puro Messias!
 Muitos sóes hão de turbar-se... »
 Porém, calou Jeremias.

Como ao chefe poderoso,
Fatal á bella Orleans,
Como ao rude pegureiro,
Como ás rosas cortezãs!

E quantas vezes nas grutas
Não verás teu coração,
Como do demonio oppresso,
Sacodir-te a vibração?..

Recolhe sobre o teu peito
Puras virgens argentias;
Maculado nunca o oiro
Fatal a dôr do Messias.

Quasi ao sol posto, nos logares santos
Romeiro velho entrou, de pó coberto;
E de fóra uma voz se ouviu correndo
Entre soluços por historia longa:
« Vês, filha minha, aquella cruz pendente?
Ali gemeu profundo, doce e manso;
Aqui por estas naves assombrosas,
Açoitado de varas... arrastado...
Suores rubros derramou Jesus!
Estas paredes salpicadas, negras,
Sedenta a terra que pisavão monstros
Ensanguentou de pranto... e roto o corpo
De lançadas crueis... desfallecia
Da lagrimosa mãi nos castos braços,

Que a fronte beija que os judeos cuspirão!
 Fugirão seus discipulos; a preço
 Seus vestidos os cães dilaceravão!..
 Ali a fenda pavorosa, escura
 Onde os supplicios uma vez descansão—
 Calix amargo de azedado fél,
 C'rôa tecida d'espinhosa vime...
 Inda este vento que na cruz se enlêa
 —Meu Deos! meu Deos! porque me abandonaste?—
 Parece répetir, como se o lenho
 Nessa voz eternal fundido fôra:
 Dentro ainda de um sol vejo uma fronte,
 E dentro della uns olhos de piedade!..
 O céo trez horas s'envolveu de sombra;
 Do dia a nona o véo do templo rasga,
 Como o raio divide a noite densa,
 E cahio trovejando em duas partes;
 Tremeu a terra e se fendêrão as pedras!
 Erguem-se os mortos que dormião, correm
 Novos viventes visitar seus lares!
 Sobre esta rocha deslocada um anjo
 De semblante de luz, de argenteas vestias
 Assentou-se, e de um braço tão nevado
 O caminho apontou de Galiléa
 Sorrindo á lamentosa Magdalena,
 Que chora de prazer compridos dias,
 Encarnada visão doirando as nuvens... »

Ia fallando como o vento grosso
 Na matta, a filha pela mão, que ouvia

Movida e terna o compassar prophético:
 Na garganta gelou sua voz dorida,
 Choro rouco vertendo: era tão triste,
 Do passo tactêando, os olhos cheios,
 Uma entrada por onde elle sahisse!
 Os échos descahião das ruinas,
 Entre os pés dellas repousarão lentos.
 — Santos sepulchros! perennal socego,
 Mysteriosa paz, soidão profunda
 Suspensa em sombras — qual vapor, deixando
 Levantar-se a verdade, nua e bella!
 Que não em cónos de loquace fama.

Onde vais, pobre donzella?
 « Ah, senhor, meu pai morreu!... »
 A todos ella abraçava,
 Corria louca e gritava:
 « Vêde a luz! a luz é bella...
 Mas a orphã desgraçada
 Hoje só por essa estrada...
 Ah! senhor, meu pai morreu... »

A rouxidão do occaso apenas dava
 Pelas montanhas da cidade santa:
 E n'um silencio pensativo o velho,
 Como o que a noite faz subindo os astros,
 Descançou n'uma lasca da ruina;
 Lavada do crepuse'lo a fronte calva,

Ermo rochedo que as escumas cercão,
Nos hombros virginaes da filha amada
Um pouco recostando adormecia...
E meiga infante com seus dedos roseos
Das faces lhe tirava os regos d'agua.
— Da noite a brisa se alevanta e verte
Das suas azas em torno della o somno:
Córos celestiaes cantando ouvia
Em seraphica voz n'um sonho vago,
Quando ao seu grito despertou: d'aurora
Innundada — e seu pai buscava em vão!...

Inda alguns dias, nessas mesmas horas,
O clarão boreal se apresentava;
Formado a pouco e pouco, e se extinguindo
Tão docemente. Nem noticias houve
Mais da pobre filhinha que o guiava.

VI

A HECTICA.

De amor e goso , ella vai morrer ;
apenas a larangeira da vida começava
abrir-lhe a vigesima-nona flôr : suas
folhas crestárão no viço , a seiva não
circula mais. . . mulher !

Nascer hontem , morrer amanhã,
Um só dia na vida existir,
Hoje só ! como a flôr da romã,
Ver sua petala rubra cahir :

Mariposa das noites mimosa ,
Vendo a aurora na bella candêa,
Sobresalta ao nascer, e amorosa
Seu encanto sua morte incendêa :

Alvo pó de suas azas trementes,
Todo o corpo em amor desfazendo ;
Olhos grandes de Venus humentes
Inda bellos de morte languendo,

Inda amores pedindo famintos
No pesado levar derradeiro
Ou cahindo, qual lampada extinctos
Se envolvendo no crepe agoureiro :

Mulher! tu não vieste sobre a terra
Para a impura existencia: nessa idade
D'infantes annos, folha tenra e verde
Lançada pelo vento sobre o tumulo,
Contrahida e mirrada. Ignorante,
Que de ti tu não sabes.... Providencia!
Que ao menos morres sem sabê-lo ainda.
Soffrega, accesa, devorando amores
Sem temperança, n'um só golpe o calix,
Derramando d'excesso e de offegante,
Acabaste-o, cahiste embriagada,
Voluptuosa; n'um suspiro longo
O veneno tomou-te. E tu nem pensas
Porque medrosa e tremula palpitas;
Porque bates tuas fontes, fugitiva,
Inconstante te abraças toda inquieta
Co'os frios braços de marfim; e as tranças
Desdobradas pendurão-se em teu corpo:
Anhelante, frenetica, demente
De um gosar.... que não ha nem é da terra:
Fusão terrivel do inferno e o céo!
Seccos labios em fogo e os olhos humidos
Lampejando fugaces.... E eu maldigo
De minha vez o amor! o amor, que é vida.
Mulher, anjo celeste que minha alma
Toda abranges n'um riso, ó meus amores!
Não tu, que me ouves: eu te choro, sim,
Com piedade sincera e dôr que sangra;
Mas sobre os teus meus labios nem meu peito
Não se alimentão, não: mulher sem mancha,

Bella e simples, mulher como eu comprehendo,
Anjo, irmã, doce esposa e mãe do homem,
Seu amor e ideal, com essa eu fallo.
O' desespero, ó fado! e sempre, e sempre
Nessa quêda abysmosa! lindo fruto
Da manhã suspendido á florea coma
Que a borrasca fatal, que a mente accende,
Agita e lança ao pó: cobre-o a poeira,
Pasto dos bichos, apodrece e acaba!
E o mundo todo escarnecendo della,
Sua victima, se o brilho a còr apaga
E as faces murchão. Então passa mendiga;
E os homens que de amor hontem nutrira,
Que em seus labios ardêrão, desdenhosos
Cospem-lhe a fronte! e na miseria some.
Amor material d'immundas victimas,
Nada tens de commum com os meus amores!

O' sorte da mulher, destino horrendo
Se apascentando em casta virgindade,
Tigre tão farto! e descansar nem sabe
Do candido rebanho todo avaro
Matar — sómente o sangue bebe e a boca
Ama eterna em cruor banhada, e dorme!
Sem vida o coração, pisado o corpo,
Arido e vil bagaço agora o deixa
Sobre os campos aos corvos, á immundicia.
O' sorte da mulher! Anjo coitado,
Sem azas, sem vôar.... quem fez-te assim?

E' tua vida sómente o despontar,
Quando longe do amor o peito dorme
D'echos vasio do estrondar das veias,
Que vão sombrias, e os sentidos livres
Innocente se expandem, como esta arvore:
Na face o fresco virginal, e os olhos
Cheios de humor de luz; é flôr abrindo
Toda perfumes, nitidez e côres,
Que os insectos rodêão — não na toquem!
Toda doçura e mansidão, agora
Toda selvagem, d'infantis cruezas,
D'inconstancia infantil; ora piedosa,
Toda um riso e brincar, toda esquivança,
Vergontea ao vento, singeleza toda —
Foi sua vida em botão. E o vento sopra:
E mais forte a vergontea já resiste,
Para o breve estalar.... e sopra o vento:
E já n'alma lhe ancêa amor; seus olhos,
Seu coração, suas veias, todo o corpo
Emboborado em amor, o calix pende,
A flôr abre — ai, coitada, o fim 'stá proximo,
As folhas pelo chão vão-se perder....
— Se queres ser feliz, amor não queiras:
Mas onde ha vida quando amor não ha?
Antes a morte.... ou ama eternamente,
E nem te illudas porque não viveste....
A vida toda está no fugir della.

E o homem ruge contra ti d'impura,
Com voz do temporal. Homem malvado,

Nojosa, immunda criação da terra,
Tu, fraco seductor, monstro fallaz,
Porque de joelhos lhe beijaste os pés?
Donde veio-te a falla tão sonora,
Que em balido amoroso a ovelha arrasta,
Branca, indecisa da existencia ao tumulo?
Donde veio-te o pranto, mentiroso?...
E a pobre crente, que tu dizes, finges
Ella o teu deos que teus designios rege,
Arrancou-te da morte, e triumphante,
Em seus delirios natural perdida,
Geme em teus braços.... Pallida desperta,
Solitaria se achou! espalha a vista
De si em torno, em solidões vacias,
E rompe fundos ais! ninguem a entende.
Baço medo escorreu-se-lhe no corpo;
Vestio-se de mortalha, á terra, e só!
Longos adeoses, porém tarde, expira.
E o homem? como ave ensanguentada
Da rapina nocturna alça o seu canto,
Nem olha para trás fugindo — a infame.
Oh! não te rias da pobreza sua:
Fraca e amante, que grandezas d'alma
Humana e franca! Bruto, que a calcaste
Ás plantas vis, demonio dos infernos!

Lisboa.

VII

A ***

Tu não és como a arabe infante
 Encantada no branco corsel
 Nos desertos d'arêa brilhante,
 Aurea adága no cinto de annel,
 Ou na doce cabilda—ondulante
 Nos amores de louro donzel ;

Nos floridos kiosques saltando,
 Ou n'ogiva fumosa a dormir,
 Cousas d'Asia amorosa sonhando,
 Que sonhadas se fazem sentir :
 Tu não és como a arabe—amando
 Tens no rosto mais santo sorrir !

Nem semelha-te a rútila estrella,
 Nem as ondas douradas do mar,
 Nem a flôr mais esplendida e bella ;
 Terra e céo não te sabe imitar :
 Brilha uns olhos de bronze a donzella,
 Docemente te vejo a me olhar.

Alto mar.

VIII

VISÕES.

Oui, mademoiselle, adieu...
adieu pour toujours.

Sim, donzella, te amei, victima pobre *ll*
 Dos caprichos do homem vão do mundo: *duro*
 Minha falla escutaste; a voz sonora
 Dos labios teus brandio lá na minha alma,
 Tanto dentro a calar e tão suave...! *detentant*
 Mas, um momento : esvaecia aragem
 Pelos sinos da torre que dormião,
 E passou. Indeciso inda o silencio
 Estava e bello, quando estala o raio :
 Candidos seios virginaes tremêrão, ?
 Sensitiva mimosa se fechava :
 Formosa luz do sol se esverdeando
 Por frescos ramos de frondoso estio,
 Que a nuvem tólda, que o tufão desloca.
 — Uns olhos infernaes, blasfemia a bocca
 Latio damnosa contra ti, ó deoses !
 Nem tu mesma o sabias, d'innocente
 E descuidada amando, os sentimentos
 De flôres pela morte assim te davão.

Fizerão-te saber que era de amores
 Que vermelha te vias, tão vaidosa,
 O pensamento meu, no fundo espelho
 A radiar de formosura e encanto
 Passando, te enlevando, ora assaltada
 Quando o sangue alterado refluía
 Envenenado ao coração : me vendo,
 Que tu amavas para sempre o creste.
 Eras como avesinha que ás primeiras
 Ondas do sol sacóde e estende as azas.
 Ah, que o mesmo nascer dessa manhã
 Foi pôr do sol do amor, ambos morremos!
 Já foges diante mim, teus olhos bellos
 Sobre os meus, vergonhosos já se apagão
 Em mudo prantear do que passou-se.

Sua cabeça me encostou no peito
 Namorado, sua nuvem de cabellos
 D'ambrosiadas noites na montanha
 Despejou nestes hombros longos crespos !
 Cheirosa e pura, como os lirios são
 No vaporoso e candido crepusculo
Do luar da lua — respirei, por nuvens,
O corpo seu de vaga suspirando.
 Eu vi fundido um seculo n'uma hora!
 E hoje as horas seculares sinto
 Se desencadeando dos meus dias...

Soluçaste, ovelhinha mansa, ouvindo
 O tronco de que és fructo á ventania

Rugir horrendo e máu : « amores vis,
Amor de poeta nos teus seios, louca !
Vaga criança, ou fuge á lyra torpe,
Ou de teu pai e á côrte abandonada...
E os teus paços doirados, e esse mundo
Que luminoso te rodêa ? oh, crime !
A filha da riqueza amando o artista
Que vive d'illusões ! sonhar, que vale ?
Seus cofres de papel sómente aos vermes
Estão cheios, bem como os raios vergão
De seus armarios de volumes aridos
Dos outros seus irmãos, que assim viverão.
Raça de loucos, pobres e orgulhosos,
Formando uma familia e sós se amando,
Porque só uma sorte é para todos
Em todo o tempo; voão pelas nuvens,
Leves como ellas : nós de ouro brilhantes,
Equilibrio da terra, o céu gozamos !... »

Porém, tu, innocente, sim, perdoa :
Lancei odio a teu pai; quiz dentro em mim
Romper as leis da natureza, odiando-te !
Á voz do pensamento eu vi minh'alma
Cahir de horror ! morrendo nos meus pés !
Eu pisei-a ! e sorri-me, de tão fraca...
Ai tu, que me fizeste ? amar sómente,
E o homem ingrato te maldice, anjo !

E hoje, enraivecido, hoje eu te deixo :
Odeio o mundo, és d'elle. Dá perdão,

Perdão.... ó virgem ! se me amaste um dia,
E s'inda o pódes: não porque eu mereça:
Por minha imagem não manchar teu peito:
Tão puro como o achei respire eterno.

Tambem não sei.... não quero ver-te, e morro
Se penso que esse amor desses treze annos
Que primeiro por mim sahio-te n'alma
Como o sol no oriente que esperasse
Sómente por seu dia inda nas trevas,
Para á voz do Senhor apresentar-se,
Tão de hontem falleça a luz das alvas !
Minha flôr que eu plantei ! orvalho della,
Zephyro della fui.... quem que arrancou-te
Da terra propria, para transplantada
N'outro clima te dar, onde lá cresças,
E já planta mais fraca e triste e pallida?
Ah ! com que viço o teu amor vingava !
Ah ! se sómente a mim, donzella, amasses,
Como feliz tu fôras, ensopando
N'um só amor tua alma !... Tu, sem crença,
Impio, assassino, homem, que eu mordera
Teu sangue ! mas, respeito: delle corre
Seiva de flôr: a veia torna limpida
Alveo puro. Cobarde eu fui, ó meiga,
Pelo mundo fugir, dar-te o desprezo !
— O Luso como é bello ao deos da sorte
Vida, amor exhalando ! o Tasso amante,
Victima assim, os dias seus prolonga
N'um tumulto que os echos lhe esfriavam

Dos ais doridos, de um ou dous seus passos
Na terra entrando : Josaphá piedoso,
Teu pranto vai morrer no lago impuro,
Estéril ás cidades, e o Sorrento
Mesmo, viste o Sorrento como as cinzas
Das prëstitutas que cercavão o Asphaltito !
E o cantor de Marilia, quando os campos
Suas hervas estremezem de escuta-lo
Em tão saudoso adeos lá se ausentando,
Branco touro amoroso das pastagens
Mugindo aos montes : arrastado o levão
Pelas torpes correntes da politica
Gemer em negros climas ! Inda amão
Todos elles morrendo : eu já não te amo...
Eu que te amava, e não co'amor de labios :
Com amor d'alma, em que eu amo angustiar-me,
Em contracções de morte me exaurindo ;
Essa paixão de furia ardente, horrivel,
Que sóe peito de poéta arder sem fim !

Dar-te ao mundo, sua filha, por no mundo
Esmagar-te infeliz, zombar de ti !
Não sabes, atro cão, que a branca virgem
D'homem carece para amá-la, e amante
Doces harpas lhe afine, onde ella passe
Viva e mimosa á idade que não morre?...
Gasta o ouro a mão d'homem, o tempo o marmor
Faz cahir das cidades, podres fructos,
Vão-se com o tempo os deoses ; mas a lyra,
O sec'lo, as gerações passando qvívirão

Á eternidade, e o tempo azas nem corta.
 E ver não temes da innocencia os dias,
 Longo viver, finados tristemente,
 Escorrendo das mãos de vil materia,
 Quantas vezes no vicio mergulhadas ?

.
 Oh ! tu, porque me amaste ? e os nobres tantos,
 Que te incensão de roda, não bastavão ?
 Para que me quizeste, eu longe andando ?
 Foges delles para mim.... Não : emmudece
 Á pobreza, ao candor : tambem no bosque
 Deixa a selva frondosa ingenua pomba,
 Vai no pallido e fraco e humilde ramo
 Recostar-se e gemer — assim no peito
 Sonoro e livre, de singela, a virgem
 Ama abrigar-se e suspirar, morrer.

Que longos dias, dos tão curtos, poucos
 Dias que eu tenho a percorrer ligeiro
 As campinas da vida, eu hei perdido
 Em tua adoração, penosos, tristes !
 Arreponder-me.... não, que esta existencia
 Toda minha não vale um teu semblante,
 Um teu rapido olhar. Quanto me custa
 A tua ausencia sopesar ainda !
 Amo ao longe te ver ; roçar os muros
 Que habitas ; 'stremecer julgando ouvir-te ;
 Nutrir-me de illusões, de que me nutro,
 Cantando nas soidões da minha vida,
 Em humidos suspiros meus amores

Expirando em teu peito; esta saudade
Que deixaste embalando-me nas lagrimas....

.
Eu sou ditoso de perder-te! adeos....

Adeos! perdoa, se inda o podes, virgem!

IX

O ROUXINOL.

Rouxinol, o que procuras
Por entre o verde murtinho,
Por entre a grama cheirosa,
Por entre as moitas da rosa :
Procuras acaso o ninho
Que a torrente deslocou ?

Teu amor inda dormia
Na ramagem do espinheiro
Dando á prole almo calor :
E vais perguntando á flôr,
Como ás aguas do ribeiro,
Quem teu ninho te levou.

Teu só possuir no mundo,
Doces filhos, doce amor,
Tudo, tudo te acabarão....
Ai, porque não te matarão
Essa torrente de horror
E os gritos do vendaval!

Ora somes na toiceira,
Ora na pedra musgosa
E pelas fendas da terra,
Como quem se desenterra;
Levantas na voz queixosa
Teu canto, que diz teu mal.

Denegre a terra tuas pennas,
Rompe tuas pennas o espinho:
Não sentes? e vais cantando,
Teus amores demandando,
Embora perdido o ninho
Cheio de fructos de amor.

Vês o sol como refulge
Depois que a chuva estiou,
Reflectindo sobre o orvalho
Pelas folhas do carvalho?
Nunca o sol não rutilou,
Quando o peito ancêa a dôr.

Os pimpolhos resplandecem,
Perfuma a brisa o jasmim :
Nada sentes, philomela,
Que no mundo sem tua bella,
O mundo ledo carmim,
São trevas nos olhos teus.

Sobre a margem do ribeiro,
Túmido e torvo correndo,
Triste e muda a terna amante,
Desplumada e delirante,
De tempo em tempo gemendo
Acaba os instantes seus.

Ei-la junto de seus filhos,
Ambos mortos! roto o ninho!
Rouxinol, pára o teu canto,
Respeita seu mudo pranto,
Nas coifas do rosmaninho
Vai solitario chorar.

Ella não te ouve, não te olha,
Toda na prole sem vida !
Elles morrerão da sorte ;
A mãe lhes dará sua morte ;
E tu á amante querida :
A todos vejo acabar !

Tu, amor, que cegas o homem,
 Dás mortes mil á mulher;
 Tu, que eu te chamo deos;
 Tu, que dimanas dos céos,
 Porque não fazes morrer
 A mim que tudo perdi?



CANÇÃO DE CUSSET.

Se fosses, moreninha, sempre bella,
 Tão bella como és hoje nesta idade,
 Eu fôra exp'rimentar se amor perdura,
 Te amando muito.

Eu sei que amor existe emquanto brilha
 A flôr da mocidade resplandente;
 Porém, que logo morre, quando os annos
 A vão murchando.

O sonho que de noite nos embala
 Em vagas estranhezas não sonhadas,
 Apaga-se com o sol — rompendo as nuvens,
 Elle é qual é:

Não sabes, moreninha, que os amores
São astros deste céu do nosso tempo ?
E' noite que, passando, além d'aurora
Deixa a lembrança ?

Não quero pois amar, sentir não quero
A dôr que sempre dóe, que sempre dura
Daquillo que passou tão docemente
E tão de pressa !

Eu tenho inda saudades dos brinquedos
Dos tempos festivaes da minha infancia,
Dos beijos que bebi da mãe querida
E a benção de meu pai ;

Eu tenho inda saudades da donzella,
A quem dei meu amor, o amor primeiro !
E ella ao romper d'annos tão queimada
Nessa paixão !

Os lares paternaes, meu berço amado,
Com quem no bosque andava os companheiros,
Amigos que eu perdi... basta p'ra a vida
Levar-me ao fim.

XI**UM DIA É SEMELHANTE À ETERNIDADE.**

Nasce a menina, e suspensa
Como um fructo matinal
Dorme nos seios da mãe,
Bella serpente do mal.

Já desperta no outro dia,
Branca rosa abrindo amor,
Se cobre de pejo e graças,
Como os mysterios da flôr.

E foi virgem só n'um dia,
E no outro dia é donzella,
Esposa e mãe já mais tarde
Tambem cria a prole bella.

Quando não foi prostituta
E n'alva a estrella apagou,
Nem foi a fria velhice
Que sob os pés a calçou....

Quando no crime e nos vícios
Não afoga o coração,
Quando maldicta não some
Debaixo da perdição.

E é sempre a mesma scena
Que repete, illude o mundo,
Como a pagina dos annos,
Como o sol no céo profundo.

XII

MINH'ALMA AQUI!

Eis o céo todo estrellado,
Eis as campinas do prado,
Eis o monte cultivado
Que tantos annos não vi!

Andei por terras estranhas,
Entre amor, bellicas sanhas,
Grandezas eu vi tamanhas!
E sempre minh'alma aqui!

Pela candida capella
Do valle, sonora e bella,
Onde o pastor, a donzella
Salvas cantão do Senhor;

Pela campestre harmonia ,
 Por esta vaga poesia ,
 Pela innata sympathia
 Da natureza do amor ;

Por este bosque de flôres
 Entreluzindo em verdores ,
 No paiz dos arredores
 Ondeando o plano e o monte ;
 Por minha terra palmosa
 Á tarde, enferma e saudosa ,
 Quando manada formosa
 Varia as margens da fonte ;

Pela rustica choupana
 Do lavrador, da silvana ,
 Da coberta americana
 Erguendo espiral o fumo ,
 Qual no horizonte do mar
 Branca vela a balançar ,
 Á luz d'aurora a cortar
 Sereno, transverso rumo :

Esqueço o marmor lavrado
 Nas cidades levantado ,
 Como figuras do fado
 Por nuvens mettendo a coma ;
 Esqueço o céu sobre a terra ;
 Doirado gelo na serra ,
 As torres que desenterra
 Sagrada, ruinosá Roma !

XIII**A VIRGEMZINHA DAS SERRAS.**

Vês, ó mãe, que vão dizendo,
Toda a gente do arrabalde?
Que eu amo, porém de balde,
Que o meu amor vai-se embora,
Que na lyra se evapora
Tanto amor que elle me tem...

Elle deu-me um beijo, ardente!
Tão doce como a sua falla,
Que de sua bocca se exhala
Como o perfume da flôr; - *para a aben-*
Mas... foi um beijo de amor,
Que ainda me queima o rosto.

Meu coração estremece,
Minh'alma foge de mim:
Eu nunca senti assim
O correr da minha vida...
A paz da infancia é perdida,
Minha mãe, eu vou morrer.

Eu agora o comprehendo :
 Elle chamou-me infeliz,
 Nem mais afagar-me quiz,
 Nojento da sorte sua :
 Hoje bella como a lua ,
 Para ennoitar a manhã.

Elle chorou uma lagryma
 Na minha face , coitado !
 Era tão triste e mudado...
 Meu Deos ! me vendo, dizia,
 E eu de ouvi-lo tremia
 Sem saber o que ora entendo :

« Sentir amor nessa idade,
 « Nesses treze annos de flôr,
 « Qual manhã tinta de côr,
 « Que logo se esváe no dia...
 « Como a tua sorte, Maria,
 « Começa-te hoje enganar !

« Tu sabes ? eu vou partir...
 « Quem déra que eu não partisse !
 « Sempre commigo te visse
 « Em vida eterna de amor !
 « Adeos, Maria, chorar
 « Seja sempre a nossa vida. »

Meu senhor! porque me olhaste?
Porque me ensinaste amar?
E tu vais correr o mar,
E, talvez! queimar por hi
Teus olhos que sobre mi
De amorosos se extinguião.

Que queres do mundo? e sabes
Onde vais? o que procuras
Nessa sede de loucuras?
Oh, não vás... fica commigo...
Por estes valles te sigo
Das minhas serras de Cintra.

Irei de rubra saloia
Plantar a terra lavrada,
E debaixo da ramada
Na calma te acolherei:
Teus suspiros beberei,
Na serra gemendo as aguas.

Me vestirei como as flôres...
Para a lyra te enflorar,
Só por mim doce a tocar!
Humilde no teu mandado,
Pastora de nosso gado,
Eu serei, oh! tua escrava.

E uma escrava te não basta
E uns amores de treze annos ?
Pelos céos americanos
De Cintra a filha não queres...
Tu choras... não tem poderes
Os olhos que a patria chorão.

Eu te sigo... Queres livre
Ter no mundo o coração.
Uma captiva é prisão ?
E só maldizes tua sorte,
E só me fallas de morte :
Saberei te consolar.

— És selvagem dos teus bosques,
Dos teus climas do equador :
Sôlta a vida, sôlto o amor
Ao fallar da natureza ;
Tu amas pela aspereza
Resvalar teu pensamento.

Terás, ó vento da selva,
Terás, ó voz natural,
Com o meu amor virginal
O teu ser livre senhor...
Porém, chorando sua dôr,
Beijou-me... não sei... vôou !

Sonhos máos eu vi de noite,
 Com rios d'agua sonhei!
 Meu choro, ó mãe, verterei,
 E como as ondas andando
 Tristemente e soluçando
 Vou morrer tambem no mar.

Minha infancia perturbarão:
 Com minha mãe socegada;
 Me deixarão desgraçada,
 Que docemente eu vivia...
 Era a noite irmã do dia:
 Meu amor tudo acabou!

Meu amor foi só d'uma hora,
 Foi como o lirio sorrindo:
 Sentia minh'alma abrindo
 Qual filha do sol n'um raio!
 Porém murcha já desmaio
 Nos seios de minha mãe.

Cintra.

XIV

HORA COM VIDA.

Eu contemplava o céo no pôr do sol,
 Olhando para o sul. Anna commigo,
 Depois de toda a tarde em nossos brincos,
 No cahir do crepusculo assentou-se
 Nos meus joelhos, pensativa olhando;
 E depois nos meus hombros por dormir
 Deixou pender sua fronte somnolenta,
 Como essas flôres de alegria, como
 A rosa branca matutina, infante
 Bella entristece no fechar da noite.
 Dorme, flôr da manhã, somno sem sonhos
 Na arvore do amor, pomba celeste
 Que adormeceu na terra, sê meu zephyro
 Com teu alento virginal: teus seios
Como nos seios de tua mãi eu sinto.

Como ethereo rochedo, negra nuvem
 Começou a crescer; atrás se abrião
 Relampagos, relampagos, que fendem
 Como o fogo da casa dos pastores
 Entre a parede rustica accendendo.
 A noite desentrança-se em desordem

Por toda a terra; os ventos furiosos
Soltarão-se acoçando a chuva adiante;
O bosque estronda, como em desfilada
Mil cavalleiros nos despenhadeiros;
O mar repete o céu; perto o trovão,
Qual sobre nós rolando pelos tectos,
Pesado brama, e sob a terra o sinto
Os meus pés levantar, qual de medrosa
Reflectindo sua voz que cahe dos ares,
E o mar debaixo arremessando os uivos!
Os raios despejavão-se em distancia
Sobre uma torre negra: e o bronze rompem,
Todo o templo arruinão, como os anjos
Do fogo, que o Senhor aqui mandasse
Destruir seus altares profanados.
Mas, passou. Branquearão mansamente
As estrelladas ondas, morre o vento,
Espalha-se o luar pela montanha,
A limpidez do céu brilha a torrente
Para os valles sonoros, e eu desperto
Como de um sonho matisado d'extasis.
Corri a minha mão no corpo d'Anna:
Qual n'um raio do sol mimosa pomba
Arripia o pescoço, estende as azas
Em sensações gostosas, se encolhendo,
Me apertando com os braços longos, brancos,
Estremece, e tão placida ondulava!
No manto meu agasalhada, humido
Pelas rajadas que de um lado entravão.

Eis uma hora da vida que me encanta.
 Ah, que um' hora eu vivi nesta existencia!
 — Meus sentidos, minha alma á tempestade
 Horrivel, bella; e sobre o coração
 Um anjo virginal, uma criança.
 — Ella depois fallou-me dos trovões,
 Que vendo-me tão quieto não temia
 Dormindo; e deu-me um beijo, e pela mão
 Leva-me junto de sua mãe rezando.

XV

DEM, Ó NOITE.

Já partem do occaso as sombras primogenitas da noite : já imagens de amor diante mim revôão, nascem á meus lados, chamão-me — e eu estremeço!

Dem, ó noite esperançosa,
 Sobre a montanha descer,
 Nas azas sombrias, longas,
 Tantos crimes esconder.

Lá fuma a linda cabana
 Onde irei morrer de amores,
 Dem, ó noite, me arrebatá
 Para a filha dos pastores.

Com teus mádidos alentos,
 Varrendo a flôr e os perfumes,
 Amorna o fogo embalado
 Pelo aquilão dos ciumes.

Fujo a Deos, que me condemna,
 Foge a filha ao velho par —
 Para amor! oh, vem, ó noite,
 Tantos crimes occultar.

Auteui,

XVI

A ***

Tambem por entre os cardos abre a rosa...

Amor! amor! na mangueira
 Já cantarão os passarinhos:
 Acorda, ó linda, no monte
 Vamos ver nascer o alvor: *duas*
 Mesmo assim desentrançada
 Vem, não tardes, meu amor!

A' frescura repousemos
 Do boninoso pomar,
 Meigas auras, meiga flôr
 Contemplando, ó doce amor!

A borboleta respira
E deslaza ébrios revòs,
Como a folha solta ao ar:
Mas ás correntes do olor
Não, não anda, ó virgemzinha,
Louca, louca vai de amor.

Prateado rompe o lirio
Nevinitentes casúlos,
Roda delle o beija-flôr
Illude-se vendo amor.

A lorangeira offerece
Lindo adorno á linda noiva....
Matiza os verdes raminhos
De scintillante candor:
É bello o pomar! mais graças
Vejo nelle ao ver-te, amor!

Já se doirão teus cabellos,
Doirou-se toda a manhã,
Teus olhos dão mais fulgor....
Não fujas.... ó doce amor!

Foi o sol.... como é formoso,
Leda barca em mar de azul —
Fazes do mundo um primor!
E mais que o mundo o teu rosto
D'eburneo-roseo pallor:
Por elle que tudo alegre,
Por elle rujo de amor.

Sobre nós vérga a ramagem
O murmuroso espinheiro
Symbolizando o pudor :
O' virgemzinha os espinhos
Nascem mais onde ha mais flôr :
Pudibunda e rigorosa
Tambem me foges, amor.

Tens medo que o sol te veja ?
Deste zephyro em tuas tranças ?
Tens medo que o saiba a flôr
Que tens nos olhos amor ?

Coitadinha, anjo innocente !
As azas de musa temes
Manchar da manhã na côr
Do primeiro sol da vida !
E delirante em rubor
Ao seio as fechas, nem sabes !
Plantando rosaes de amor.

XVII**SONHOS DA MANHÃ.**

A ***

Foge do sol, ó noite, lenta barca,
Vais no golfo do dia naufragar :
Aqui sómente os temporaes me agitação :
Remonta ao largo mar.

Recomeça tuas horas somnolentas
Do cume das estrellas para o monte ,
Cadentes d'astro em astro; o sol que morra
No fundo do horizonte.

Oh, maior do que um deos, dobrado escravo
Sobre a terra, meus olhos te adoravão!
Estranha de me ver assim, teus olhos
Castos se envergonhavão.

Eu beijava os teus pés, que nos meus labios
Se contrahião fugitivos, frios,
Qual tremula mimosa sensitiva
No calor dos estios.

D'innocente, ignorante, qual murmuras
Timidas negativas amorosas,
Que sómente se lêem na côr das faces
Como vermelhas rosas.

Cercada de uma luz religiosa
Tens dentro das tuas mãos a minha mão :
Não se ouve uma voz, sómente arqueja
A bocca e o coração.

Nossos olhos formavão longo pranto...
Oh, quantas vezes limpidas torrentes
Engrossarão de novo adormecidas
Moribundas correntes !

Por sobre o nosso peito ondeante baixos
Debruçavão sua luz morta, embebida
Nas aguas dos seus rios da esperança
Como d'extincta vida :

Como dous corações que se buscavão,
Errantes sombras de soidão, de dó :
Quebrados de emoção estremecêrão,
Só pranto... e pranto só.

Oh, tu nunca me olhaste ! e o que mais falla
Do que essa lagryma espontanea, pura ?
Como o sulco celeste, como as veias
Retratando a espessura.

E um respeito de amor prendeu-me os labios,
E eu pedia aos céos tu não fallasses,
Anjo mudo... terror bello subio-me,
Julguei a voz soltasses :

Foi brando soluçar ; comó na aréa
Cae suas ondas azues queixoso mar,
Como a lua, passando as jardas nuvens,
Respira outro luar.

Já sentia no tecto as andorinhas,
A calhandra no ramo, o rouxinol
Entrando pelas fendas, e os obreiros,
Tudo dizia o sol.

— Temeste acaso que de ti soubessem ?...
Cahia a minha mão : eu despertava
Da tua adoração : perulea sombra
Já longe se apagava.

Qual lymphatico sol vejo rodêando
Meu corpo como a terra, que fecundas
De força e vida ; qual de amor, d'esp'rança
Toda minh'alma inundas :

Depois, desfez-se em raios vaporosos ;
Meu peito era só lagrymas : eu via,
Toda minha existencia desgraçada
No sonho se esvaía.

E de hora em hora mais eu tenho amor :
Eu abro diante mim sombras da morte
Por ver-te no longinquo duvidoso,
Embora, embora a sorte !

E' por ti que estes montes fructificão,
Que estes campos do mar são meus amores ;
E' por ti que nos céos tenho um só Deos,
No prado tantas flôres !

Tu és a voz que exprimo, és o meu echo,
Es minh'alma, és a minha eternidade !
O' noite, volta a minha vida, apaga
Do dia a claridade !

XVIII

M.....

Maria, porque choravas
Na minha triste partida ?
Sou tão longe, escuto ainda
A tua queixa perdida !

O nosso amor educado
Dos berços, na solidão,
Foi como a flôr enganada
Aos bafos da viração.

Crescemos: e d'innocente
Me davas o teu amor.
Amei-te! porque te amava,
Fui teu sévo ceifador.

Porém, essa flôr colhida
A grata sombra da palma,
Encanto! ideal mimoso!
Aroma eterna minh'alma.

Amei-te! tua voz d'aragem
Ainda ouço, donzella,
Nos olhos meus embebida
Foste para sempre bella.

Ês commigo em ceos estranhos,
Toda formosa aldeãa.
Inda juntos nos deitamos
Nas ramas do piryman.

Os annos que vão descendo
Sejão dias d'esperança,
Á noite de tempestade
Succede o sol da bonança.

Maria, dos olhos bellos
As veias limpidas pára,
Não laves do fogo as faces
Que eu amoroso beijara.

Maria, constancia e vida,
 E todo esse amor d'outrora :
 Os annos a flôr não murchão
 Quando o amor não descora.

Paris.

XIX

POBRE FILHA DA POLONIA.

Uns olhos d'eterno, saudoso cantar
 Que em ondas vanzêão, se arqueão no mar,
 Que em pranto se fazem,
 Que em luz se desfazem
 Se enchendo de amor;
 Uns labios tão tintos
 De vida e pudor,
 Não vendas, donzella
 De fronte d'estrella !
 Embora mendiga, chorando na terra
 D'estrânhos, sem pais,
 Não manches essa alma no goso mundano,
 Que o céo vale mais!
 Tyrannos opprimem tua pobre familia,
 Tua patria infeliz...
 A França é tão bella ! coitada avezinha,
 Tu sejas feliz!
 Encontres um ramo nas selvas gaulezas.

Oh, tua mãe te faltou, virgem, bem cedo,
 Flôr sem rocio, rouxinol sem ninho!
 E nossa mãe perdida... chora! chora!
 Qual pára o viajante, e mudo e triste
 Ante o abysmo... não foi da morte a idéa:
 E nem pranto e nudez sem dôr os homens
 Te virão, lindo céo d'alvas estivas.

Paris.



BERÇOS DO AMOR PRIMEIRO.

(EPISODIO.)

Tristes recordações! a mãe chorosa,
 Como quem busca confirmar um sonho
 Ante a sombra que fica do passado
 Errante pelos sitios tão queridos
 N'uma saudade sem poder deixa-los,
 Carpe sua filha amada: julgou vê-la
 Naquella flôr ao vento s'inclinando;
 Vaga promessa a natureza exprime
 Em doces gestos de quem vai ser mãe,
 E ella já sente palpitar-lhe os seios,
 Ella embala-lhe os braços d'esperança —

Espera — assalta — vai — porém sorrio-se,
 Foi leve susurrar daquelle ramo.
 O amor materno triumphou, quebrou-se
 Mundano orgulho aos pés da humanidade :
 Tudo a convida ás lagrymas, e o mundo
 É tão mesquinho, que um amor sómente
 O faz esvasiar! Delira e geme,
 Vendo harmonia abençoada em tudo,
 Sua filha amando como as aves amão,
 Innocente e divina, e ser maldita
 Fugitiva do lar: remorso a come —
 Cerdosos javalis a acommettendo,
 Em gritos, sem lhe a voz sahir dos labios—
 É seu vivo sonhar. E contra o filho
 O homem, que é mais bruto, inda fremia!

Nos berços vivião d'argentea existencia
 Tenrinha donzella, ephébo gentil:
 Mais elles crescião, mais nelles vibravão
 Assónias d'amores na crença infantil.

Tão linda era a virgem! mais linda que a lua
 Na face das folhas, nas ondas do mar—
 Seu rosto era nota de lyra encantada,
 Seu corpo cadencia de um vago pensar:

E elle tão nobre, sisudo e formoso,
 No raio dos olhos derrama a paixão —
 Feridos centelhão de morte, na calma
 São órgãos sagrados em branda canção.

Intriga se erguêra, vai lisa serpente
 Fallaz, venenosa minando as familias :
 Os velhos rugirão vingança de sangue ;
 Os moços choravão compridas vigílias.

Furtivos uma hora no templo se vião :
 Na hostia e no calix seus olhos jurarão :
 No eterno da noite da vida distante
 Um sonho de um dia sómente sonhárão.

Em labios ardidos não dormem suspiros,
 Qual aves de fogo perdidas no espaço
 Carpindo seu ninho, seus olhos se fechão ,
 Coitados amantes, ouvindo o fracasso.

E filhos da infancia que amavão seus pais,
 Já ouvem suas bençãos em mudo terror :
 Tão doce d'outrora, sua mãe aborrece —
 Mais crua se a leva, mais nutre-a de amor.

Sobre os joelhos paternaes o moço
 Delirante cahio nas mãos sostida
 A fronte apaixonada. Ella innocente
 Ás discordias senis: « Senhor, » dizia,
 « Minha vida não dais, eu sou mendigo
 « Por serdes pai, e só... na divindade
 « Deste amor que é do céu minh'alma apuro :
 « Que não sejais maldito nos meus labios ,
 « Menêai a cabeça
 « Crespa de cãs : de balde não são ellas
 « O sello da prudencia... »

Semblante de punhal cingio-lhe o aspecto,
 De amarello clarão banhado e tinto
 Dos olhos dentro de uma sombra negra,
 Qual se gemeos não fossem, transtornados;
 Vacilla o corpo; os dentes se arrastarão
 Em seus rancores; convulsando os braços,
 Viscida boca biliosa impreca:

« Vai-te! » e repete: « vai-te!
 « E o pranto, fraco! desses olhos tira. »

Solitaria estava a virgem
 No seu exilio de amor,
 Em torno della gemia,
 Emquanto a brisa corria,
 Indecisa, breve flôr—
 Timidamente exprimindo
 Seu viver encantador.

Com seus pés sua mãe se abraça
 Toda em lagryma banhada:
 Seus olhos erão piedosos,
 Seus cabellos envirosos,
 Como a sua alma cortada,
 Dolorosa a cruz do Christo
 Na mão de cera ajuntada.

Apresenta-lhe nos braços
 Os lacteos seios que amou
 De maternas vibrações,

Onda n'alva dos verões
 Que o mar na praia ondulou :
 « Pela nossa ilha prezada
 « E este sol que Deos creou ,

« Pelas flôres que plantaste
 « Nas terras do teu jardim,
 « Por este lago dormente
 « E pela verde corrente
 « Que cerca os pés do jasmim,
 « Pelas aves que te amirão,
 « Fructo que nasceu de mim !

« Não queiras de um pranto funebre
 « Tudo murchar que foi teu :
 « Que valem do mundo amores,
 « Como estação de verdores,
 « Como uma aurora do céu?...
 « Desgraçado o amor que a filha
 « Em féra vil converteu !

.
 »

« Meu caminho tu levaste
 « Para o encontro do amor :
 « Eu era ovelha innocente,
 « Tu vias essa alma ardente,
 « E nem vias com terror
 « Uma paixão que crescia
 « Como para a morte a dôr !

« O amor com os annos muda
 « Em cada quadra da vida :
 « Hoje á mãe pertence a filha
 « Que depois o amor humilha.
 « És culpada, ó mãe querida,
 « Sigo as leis da natureza...
 « Nem sou maldita perdida. »

Ira de pais da terra sibilava
 Contra o casal de Deos e de natura.

Flôres, abri-vos, perfumai a relva
 Nos braços da soidão; sombra da balsa,
 Cahi fresca e tremula dos zephyros;
 Vinde do monte, estrellas taciturnas,
 Do monte, ó sol de raios creadores,
 Aos cantos matinaes da cotovia!

E o colono cantava :
 « Nos meus valles da Germania,
 « Meu amor junto de mim,
 « Nunca o dia foi tão bello,
 « Nunca a noite amei assim!

« Morremos n'um sol—do céu
 « Nosso amor foi tão sómente
 « Um raio puro do Eterno,
 « Que logo a si se recolhe
 « Destes pedestaes do inferno. »

—É voz etherea— os amantes
Dizem sempre quando a ouvião
Sahir do rio ou do campo—
Morrêrão n'um sol! tão breve
Passa na esphera o relâmpo.—

N'uma noite de prazeres
Quando as luzes se apagarão,
E longinquas desmaiarão
Sonorosas vibrações

Das coplas que elles cantvão
No mui saudoso violão,
Como oppresso coração
Almas irmãs exhalando;

Quando pelo ameno rio
Subião longas canôas,
Longa palma em curvas prôas,
Véla de ramos ao vento;

Pelos bancos de remeiros
Nocturnas alas cantando,
Melodias balançando
No silencio dos mangueiros,

Melodias encantadas,
Melodias que choravão,
Que nas correntes boiavão
Das mansas aguas do Anil —

Dos regolfos á cadencia
Do remo na pá tangida,
Como ás vezes comprimida
Parece a nuvem cantar;

Quando n'um leito de sombras
Pallida lua descia,
Como que seu rosto erguia
Lá de trás dos horizontes —

Por ver os astros ficando,
Por ver a terra jazendo,
Por ver ás auras correndo
Brando arfar o palmeiral,

Esse rumor indeciso
Da natureza, a ardentia
Que ruga a pròa e desfia
Subindo na maré cheia;

Quando o monte está dormindo
Sobre os valles debruçado,
E sombrio e rodeado
De vago e bello pavor —

Um'ave parou no tecto,
N'azas o somno estendeu:
Nem mais o vento correu,
Nem mais ouviu-se uma voz.

Era o tempo em que os campos do outro anno
Queimão os pastores ao pacigo novo:

Um fogo occulto da juncosa terra
 Os seios lavra e lambe. Sobre o rio,
 Só, pendia a cabana graciosa
 Do par amante em páramo espaçoso,
 Branco arbusto de flôr entre a verdura.

Virentes trepadeiras nas paredes
 O buxo e a primavera s'estendião,
 Perfumadas de flôr:
 E arde o fogo na flôr, arde a pindoba
 Em rapido estridor.

Entre o fumo de altar, batendo as nuvens
 Suave claridade entrou no céo.

Já nada existe!

Passando os pescadores na còrrente,
 Perguntão « viste? »

E o boato correu. Conta na historia
 Junto do fogo de á noitinha á porta,
 Á calada da rustica familia,
 Candido e crente o camponez vizinho:
 « Não descambavão as estrellas ainda:
 « Vi florir no oriente uma roseira
 « Como o dia: sobre ella revoárão
 « Duas rodas de nuvem tão bonitas,
 « Tão limpidas, tão alvas como o pombo!
 « E a roseira as levou — rosas e o dia —
 « Lá para o fundo do anilado céo.

« Tornou anoitecer : e sobre as margens
« A cabana das vozes archangelicas,
« Qual na entrada do estio do passarinhos
« Fazem seu ninho, se aninhando cantão,
« Não vio-se mais; assim desaparecem
« Lá nos mares do Norte ás luas mortas
« Palacios encantados a deshoras. »

Quanto é doce a desgraça dos amores,
A lembrança das lagrymas enxutas
Servindo de horas vagas namoradas
Ás camas d'ambrosia, são preludios
De um eterno gosar que os céos ensaião!
— Mas os dias felizes são tão poucos...
Já nada existe!

Passando os pescadores na corrente,
Perguntão « viste? »

XXI**O PRINCIPE AFRICANO.**

(EPISODIO.)

O amor do céu vem á terra só
por um dia, e morre como as
flores morrem.

« Bella escrava da minha alma,
Do teu principe senhora,
Adeos — a ilha m'espera,
Já desponta a rubra aurora. »

« Não, ó principe, não fujas
Da sombra da tamareira :
Só contigo, como é doce
Descansar nesta ribeira !

Olha, a praia é tão deserta,
Tão deserto este areal....
Vejo o mar leão sanhudo
Com sua juba de crystal. »

« Filha da noite sem astros,
O' filha minha, Nydah !
Flor do verde sycômoro,
Dias de sol do Saarah,

Mil homens levão a guerra
Às mærgens do Senegal:
Em ferros trarei mil homens
Nestes caminhos de sal.

Quando a lua andar trez vezes,
Vindo depois a nascer,
Dos teus braços desatado
Nos meus braços te has de ver. »

« Não, ó príncipe, não fujas!
Não sei o que n'alma eu sinto...
Morrerei... se assim te fôres:
Crê nos meus olhos, não minto.

A voz d'abestruez n'aurora,
Estes soluços do mar,
O vento morno, o céo triste
Não sentes tanto fallar?..

Já debaixo do baobab
Veem com o sol saudar o dia:
Sagrado o fogo se accende,
Templo de folhas lumia:

Batendo o pé das raizes,
Dizem aos teus antepassados
Que jazem dentro do tronco
Ha dous mil annos passados—

Que venhão ver seus dominios,
Que ainda existe a nação —
Todos adorão cantando,
Todos joêlhos no chão.

Acordão... vão pelos galhos
As sombras dos velhos reis...
O povo e o reino bemdizem
Vivendo n'antigas leis...

Fizeram o gyro... lá descem
Na ordem da successão...
Em torno o povo já dança,
Ruidosas palmas na mão.

Despedio-se o anniversario
Do que foi vivo primeiro.
Entrarão as almas... só pende
Um braço do derradeiro...

Grita o atropos ao lado,
Fazendo voltas, zumbindo,
Craneo pallido em seu dorso,
Gestos sinistros abrindo...

Oh, não vás! calamidade
Move o braço e dá signal:
A morte vóa na guerra
Do peão ao principal.

E esse vegetal sarcóphago
Onde dormem teus avós,
Nau perdida vejo em mares...
Servindo de terra a nós !... »

Amor de gloria insensata
Vence os amores da escrava :
E o coração que não mente
Vingança delle bradava.

Como ave a fugir do ramo,
Que prende o laço, a donzella
Sua alma tem pelas azas
Em forças nos braços della :

E mais longe indo a piróga,
Mais a luta se animava :
E d'azas longas o alado
Comsigo o ramo arrancava.

Seus gritos aterrão os ventos
Voltando as vagas no mar,
O cávo da vela eburnea
Veio-se opposto formar.

Rolou nas abas do monte,
Gemeu na beira arenosa,
As ondas vierão mansas
Lamber-lhe a pelle mimosa :

Sabião d'agua por vê-la,
Fazião-lhe um berço amigo,
Umás escumas de flôres
Trazendo vozes comsigo.

Pávidas fogem. Das praias
Longa o berro a penedia :
« Minha sorte ella sonhava,
Pendente o braço a dizia. »

Parou seus ramos o tronco,
Yalofô nobre ululando :
As rochas forão sensiveis,
Seu choro ás rochas levando.

Inda os olhos se desfião
Por negro-nitido rosto,
Inda gelava na bocca.
Mudas fallas de desgosto,

Uns fructos nas mãos guardando,
Gostoso pasto de amor.
Tomou-a nos largos hombros :
« Morre o que comigo fôr ! »

Como o elephante mordido
Do insondi no palmar,
De vê-lo as vagas recuão
Amedrontadas ao mar.

« As correntes ! as correntes !
Tempestade e o vento largo !
Meu rumo o abysmo, do nauta
Voz de agouro o pranto amargo. »

Passa a ilha de Goréa,
Passa as terras de Daccar,
N'outro dia o Cabo-Verde
Ficava longe a boyar.

Navegando á negra pôpa,
Elle a vive, ella o matava :
Seu pranto em fumo se exhala
Do corpo frio que lava :

Elle a cinge sobre o peito
Comprimindo o coração :
A frialdade da morte
Faz-lhe querida illusão.

Libra-se no ar indecisa,
Saudosa e tarda a pairar :
Olha sos céos, olha na terra,
Não póde a terra deixar

A alma que a terra amou :
Ave muda esvoaçando
Em volta do bello passaro,
Partindo sempre e ficando.

Morria contente o amante :
Por nuvens a sombra vendo ,
Abraçava-se com a morte ,
Membros a ella estendendo .

Elle já vê-se em caminho,
A vida na morte está ;
Mas, vê-se vivo: « m'espera ! »
Brada « ó alma de Nydah ! »

Ninguem sabe aonde o junco
Acaso fôra encostar—
Naufragado, em terra imiga ,
Pelas costas de além mar :

Qual n'arêa a caravana
Veze some nos desertos,
As ondas nada disserão
Nestes campos descobertos.

Inda hoje pelos valles ,
Pelos montes vai gemendo
Errante, sombria gente ,
Os nomes delles trazendo .

E, tão lenta, vem com a noite
Nos cumes da penedia
Arrancar ave estrangeira
Fundos pios de agonia :

Depois revòa, chorando
Sobre a praia e sobre o mar,
E se perde no horizonte
Para outro dia assomar.

Dizem ser a alma do príncipe
Que futuros vem contar :
Perderão seu rei, sua tribu
Terras altas de Daccar.

Senegambia.

XXII

PRIMEIRAS-AGUAS.

O' tempo onde a poesia tambem nasce !
Coróa triumphal das mãos das auras,
Dão-te louvor os animaes contentes ;
Conversa a natureza com suas hervas ;
Cresce a vegetação, cantando o rio ;
O céu de transparente azul, e os mares
Pela corrente balançosa o levão
N'um leito de liquor : eu tambem vivo !

O céu, a terra sorri,
Brilhão astros, nascem flôres,
Cantão aves na montanha,
Formosa estação de amores !

Nas plantas do prado ameno
Favonio passa e voltêa,
Fallão nayades na fonte,
Falla na vaga a serêa :

Novo o campo, a rez esmalta,
Mimosa cria a pular ;
Lisa fusca novilhinha
Anda a manada inquietar :

Roga as pontas aguçadas
No touro, fuge ligeira,
Cava ou berra, e na planicie
Doudeja incerta carreira.

Verdura matinal da criação !
Primeiros dias da existencia, quando
Nas mãos de Deos o mundo palpitava !
Encantado prazer da natureza !
Nua donzella peregrina, candida
A sahir da espessura aos campos verdes
Abrindo as flôres, despertando os zephyros !
— O horizonte se embala, como os olhos
Da formosura preguiçosos librão
Vagas fórmãs de amor : matiza o monte ;
Pela baixa odorante o insecto gyra ;
A serrania se trajou de galas ;
Em seus galhos os troncos se encurvárão
Desdobrando suas folhas vigorosas,
Aos esmaltes do sol pendendo a fructa ;

Deitou-se a onda, por adormenta-la
Desce apenas galerno; em seus clamores
Vai queixoso ribeiro, qual perdido,
As pedras compungindo e o penhasco.

Sobre a margem do ribeiro,
No regaço da espessura
Terno á voz quebrada d'agua
Exalta o moço gentio
Os encantos da tapuya,
Da caça quando voltou;
Nos seus braços còr do côco
Doirado no manzarí,
De ramo em ramo o japi,
Chuva de flôres por elle,
De leito em leito a corrente,
Olhando ao céu descansou:
E tão ditoso de amores
Brincos engendra com ella,
Tece-lhe as tranças corridas
E depois uma capella,
E depois, de vivas tintas
Enche-lhe a face de côres.

Como minha alma s'engrandece ao ver-te,
Principio da existencia do equador!
Nem os annos caducos envelhecem
Na zona perennal, formosa, esplendida:
Nasce o inverno em candida menina,

Educada e nutrida do alvo leite
Da camponeza forte, e como a planta
Viçosa desenvolve-se uma virgem —
Vezes nos olhos centelhando o raio,
A bella voz nas azas do trovão,
Pelo corpo robusto lhe ondulado
Esta vegetação d'Eden — ás vezes
De uma tristeza pensativa e doce,
Um vago contemplar — vezes risonha
Se diffundindo em trinos contedores
Na fresquidão dos ramos, sobre a aurora
A espalhar-se de amor — ou se amostrando
Na flôr aberta da geniparanna,
Do maracujá rôxo, aos afagos
Da natureza rindo-se, a fugir-se
Aos seus beijos na ponta da vergontea.
Dos castellos argenteos do zodiaco
Venha agora o verão, nem desfallece
Dando-lhe o reino florescente a irmã,
Que seis mezes depois torna a ser della,
Quando ás flechas do sol o campo fuma
Calcinado e fendido, e o vento move
Branco areal os astros retractando;
Quando dos montes para a beira descem
Ledas tropas — eu amo ouvir suas vozes,
Dormir na choça, levantar-me cedo,
A malhada mugindo a alvoroçar-se,
Como o grupo das nuvens no oriente.

O bosque mollemente se sacode

Nos vapores da terra embalsamada;
As palmeiras se abração pela encosta,
Amorosas donzellas se esquivando
Aos enleios dos zephyros que gemem,
Seus esgalhos e as pencas arrebetão,
Aonde o sabiá guarda o seu ninho,
Os cachos pelo collo suspendidos;
Pericumán que passa bracejando
Pelo longo d'arêa echos repete
Da voz dos vegetaes, por toda a parte
Renascente harmonia; acordão os psalmos
Entre as aves palustres pela borda
Da azulada lagôa; o cysne a corta,
Formosa jaçanan dá-lhe accidentes
Erguendo as azas esmaltadas, longas;
Na moita do capim depõe seus ovos,
Qual outros picão, qual já estão tirando;
Attrahida ao seu canto urubarana
Vem no bico morrer da bella alcyone;
Nos ares a araponga, alimentando
Doce pomba-sem-fel no ramo a prole.

Lá ronca o pecorí, restruge a onça
Das entranhas da brenha—amor a leva,
Amor a mata no cahir da sombra
Da tabóca frondosa: as féras te amão,
Innocente sorrir da natureza!

Reunem-se os vaqueiros nos curraes,
Estão ferrando o gado: as ancas fumão

Na chapa dos senhores, berra a aneja:
 Rompem-se as festas: das cortinas saltão
 Para o touro que parte e a vacca brava
 Se approximando inquieta á voz dos filhos
 Inda encostados: na planicie amansão
 Os poldros, e á parelha se desfilão.
 Percorre a baccalar o senhorio,
 Os agricolas fallão de suas lavras.

O camponez na rustica choupana
 Passa alegre o serão junto da amante:
 Á terna viola que nas mãos lhe treme
 Como em doce gemer se evaporando
 Seus amores reconta apaixonado,
 Flôres perennes aos que são ditosos
 (Meu cypreste fatal que nunca murcha,
 Co'a negra lança me escrevendo letras):

« Te lembras, zagala, ainda
 Quando o amor nos ferio?
 Esses dias tão formosos
 Da quente sésta do estío,
 Esses floridos no inverno
 Fazião pelos meus olhos,
 Eu te não vendo, o inferno!
 Dês que a terra escurecia,
 Como a noite eu a chorar:
 Mocho nocturno me ouvia,
 Ouvia-me a lua branca
 Nestes céos a divagar;

Inda acordado me achava
O canario, o rouxinol
Quando a romper começava
Mimosas canções ao sol;
E eu sózinho levava
As ovelhas ás campinas;
Não me alegravão matinas
Em lindo rôxo arrebol... »
E desperta, e deixa o canto,
Nos olhos a pôr-lhe um beijo:
« Como tudo está sorrindo,
Zagala, que assim te vejo ! »

Porém no prado da ribeira guião
Em balada amorosa alvo armentio;
Reluz o orvalho no capim rasteiro,
Que mais se atentra pela sombra irmãa:
E ali se brindão de murtinho e flôres,
E em virentes juncaes paixão na sésta.

XXIII .

VAMOS JUNTOS!

Tu seras ma bergerette,
Je serai ton pastoureau :
A nous chanle l'alouette,
A nous bondit le taureau.

Formosa Anna dos campos, vem commigo,
Vamos ver pascentar nosso rebanho,
Como salta na relva o teu castanho
Carneirinho que tanto e tanto estimas :

Vem trazer-lhe nas mãos cheiroso trevo,
A lã mimosa lhe afagar : tremente
Virá de manso, candido, innocente
Resvalar em teus pés, lambar de amor.

A tarde já se estende na campina,
E já balando a ovelha ajunta os filhos
Tangendo para o cerco : os verdes trilhos,
As alvas ancas d'alvas tetas banha.

O gado é todo alegre nesta quadra
Quando a terra florio, primeiras aguas ;
Contente o peito humano esquece as magoas,
O Janeiro a sorrir pintando os montes.

Risor
Errar
A vis
Solid

Ver c
As fo
Com
As av

Subiu
A fre
Das f
N'ass

Ver c
Nédir
Cont
Quan

E de
Em p
Cont
Aqui

E eu
Que
A lu
Nos

Risonhos céos, na lavra as plantas nascem :
Errar é doce os campos viridantes,
A vista dilatar pelas distantes
Solidões melancolicas, caladas ;

Ver como brandamente embala o vento
As folhas meneantes da palmeira,
Como ao choro lá cantão da ribeira
As aves que com ella vão descendo.

Subiremos o cimo da collina
A fresquidão gozar da tarde amena,
Das filhas do silvedo a cantilena
N'assombrada espessura realçando ;

Ver como do salgado já rumina
Nédia manada á sombra dos mangueiros,
Contemplando das ondas os cruzeiros
Quando passa a canôa a navegar.

E depois, o serão gostoso e grato
Em pratica innocente e deleitosa :
Contarás em tua falla sonora
Aquillo que mais soube te agradar :

E eu te escutarei nessa harmonia
Que faz minh'alma delirar, morrer !
A lua tão vaidosa em seu correr
Nos ares sentirá tanta ventura.

Formosa Anna dos campos, vamos juntos
 Pelos sitios do nosso alvo rebanho,
 Pela relva onde brinca o teu castanho
 Carneirinho gentil, que são teus mimos.

Pericuman, 1852.

XXIV

O INVERNO.

São lagrymas, são lagrymas fecundas
 A chuva no arvoredado carregado
 Arrastando no chão sua flôr e os ramos :
 Exhala o campo os mádidos aromas
 Às borboletas esmaltadas, bellas,
 D'azas largas e azues, aos mil confusos
 Insectos de ouro : lá no bosque longe
 O lago herrador. Fresca roseira
 Toda aberta de rosas encarnadas,
 Como um anjo da guarda se arripia,
 Susurra ao beija-flôr que ruge as azas,
 Defendendo suas filhas : e amoroso
 Elle pia e faz circulos, defuma
 Suas pennas em seus bafos virginaes ;
 Porém, respeita a voz materna e maga,
 Mimosas folhas, e os botões que inclina
 O viço esplendido e o crystal — humanas
 Donzellas, que verteis na mocidade
 A rubea seiva que de excesso monta.

Salve
 Doce
 Eu a
 A ter
 Aqui
 Á voz
 Ai de
 Aqui
 Dessa
 Desap
 Cór d
 No m
 Serp
 Da fo
 Qual
 Co'a
 Da m
 Mãi c
 O sol
 Symp
 Gemo
 Mui :
 Com
 Char
 Ao re
 Prole
 Vaga
 O ad
 Eu v
 Resp

Salve ! felicidade melancolica,
Doce estação da sombra e dos amores —
Eu amo o inverno do equador brilhante !
A terra me parece mais sensivel.
Aqui as virgens não se despem negras
Á voz do outono desdenhoso e despota,
Ai dellas fossem irmãs, filhas dos homens !
Aqui dos montes não nos foge o throno
Dessas aves perdidas, nem do prado
Desapparece a flôr. A cobra mansa,
Côr d'azougue, tardia, umbrosa e ductil,
No marfim do caminho endurecido
Serpentêa, como onda de cabellos
Da formosura no hombro. Á noite a lua,
Qual minha amante d'innocente riso,
Co'a face branca assenta-se nas palmas
Da montanha estendendo os seus candores,
Mãe da poesia, solitaria, errante :
O sol nem queima o céu como os desertos,
Sympathicas manhãs é sempre o dia.
Geme ás canções d'aldêa apaixonadas
Mãi saudoso violão : as vozes cantão
Com nautico e celeste modulado.
Chama ás tacitas azas o silencio
Ao repouso, aos amores : as torrentes
Prolongão uma saudade que medita :
Vaga contemplação descora um pouco
O adolescente e o velho : doce e triste
Eu vejo o meu sentir a natureza
Respirar do equador, selvagem bella

De olhos alados de viver, á sombra
Adormecendo d'arvore espaçosa.

O touro muge ; a ondulação passando
Deita o junco, que torna a levantar-se,
E de novo se acama e s'embalança.
A filha das soidões e dos mysterios
Do meio dia e da tarde desmaiada,
A mãe dos ais, a rola desgraçada
Geme, geme! — se cala a natureza,
Tudo se despovôa e se deserta,
Entrando a revocar reminiscencias,
Que a lembrança perdida ella desperta.
Vê-se um genio a vagar por toda a parte
De mãos no rosto, de pendido collo
E os ébanos compridos em desfios —
Eu amo o inverno! — e o genio que divaga
Desce a collina pelo valle ás praias,
E lá perante as aguas pára e chóra,
Irmãs tão bellas que se sympathisão ;
E os seus prantos consomem-se nas fendas
Ennegrecidas pela encosta parda.

Cae a tarde dos serros emanando
Os vermelhos vapores do occidente.
Não teve sol o dia, suspendido
Da chuva por detrás, vento nem houve :
Grosso orvalho se escôa na espessura :
O céo d'um azul vasto se evapora.
Sae da varanda do casal a filha,

Tão cheia da amplidão que está na tarde ;
 Pura e candida e vaga, tudo amando,
 Chega ao pé de uma flôr, afaga-a e passa,
 Como quem dice « não és tu » : se nascem
 Das hervas que a rodêão com suas flôres
 Borboletas de prata, se estremecem
 E vem suas azas lhe encostar nos braços,
 Pousar em seu vestido e seus cabellos
 Dos seios almos humectando a alvura.
 Virgem das brenhas, eu no teu regaço
 Dormirei placido? eu nesses teus olhos
 Longos esquecerei meu pensamento,
 O coração de amores s'inflammando?...
 Vai distrahida pela estrada nova,
 Do cajú rubro e o limoeiro em fructo
 No manto florescido se encobrinndo.
 Eu amo o inverno ! ó matta silenciosa,
 Onde suspira a nambú-preta, e canta
 Psalmos o sabiá d'intimas harpas !

Deu mais um passo a natureza, e nasce
 A viração mimosa do crepusculo :
 Quando a canôa do anajá se abrindo
 Da parte do poente a flôr miuda
 D'eburnea fenda pelo tronco entorna,
 Como a perola corre perfumada
 Dos labios de uma esposa ; se desprende
 Um côco e faz a vibração no sólo.
 A cigarra se esváe penosa, e morre.
 — Dá mais um passo a natureza, e s'ergue

Nocturna brisa pelos negros ramos;
 E já sómente senhorêa a noite
 Juncada de luar. Espasma os gritos
 O urutauhy na umbahubeira alvar,
 Tão conchegado a se perder no tronco,
 Como se o tronco que desconcertasse
 Uma voz vegetal pelas soidões.
 Qual d'estrellas em pó que os ceos filtrassem,
 Treme o horizonte de folhame argenteo,
 Dorme aos piados de desagasalho
 Do caboré friento. Agora estende-se
 Uma nuvem de chumbo: e n'alta noite
 Gemia a chuva: a madrugada é bella,
 Linda menina a amanhecer na fonte.

Estrala a ave no bosque, aves ignotas
 Rompem alegre matinada: o rio
 Enlaça o pé da languida jussára,
 Onde o tocano embala-se engasgado
 Cantando sobre os cachos: zumbe a abelha,
 A silvestre urucú se envermelhece
 Nos humidos matizes, se revolve
 Na dourada resina que destilla
 O bacuri-panan de âmenos balsamos
 E amorenada fruta. O sol fechou-se.

Doida acorda a avezinha que dormia,
 Anjo da tempestade, ella a conhece,
 E começa a gritar voando inquieta:

Os
 Pel
 E e
 D'ig
 E e
 Vai
 Cor
 Seg
 Das
 Cor
 Do
 E n
 Eu
 Rec
 Nos
 Na
 Do
 A r
 Ou

Os ramos fervem : fogem se abrigando
Pela barreira os roseos trovadores ;
E ella só tempera-se estridente
D'igneos carmes ! o cedro range e os montes,
E entre os pólos vanzêa a tempestade :
Vai lançada tinnindo pelas nuvens
Contra os trovões que se arrebetão ; guincha
Seguindo o raio, e, no cruzar dos ares,
Das azas sólta electricas faiscas !
Como ella, tambem prezo os balanços
Do vendaval furioso e do relampago,
E minha alma agitar na voz dos ceos.
Eu amo o inverno ! aqui durmo de amores,
Redobrando a galharda seriquara
Nos bamburraes do rio ; a espreguiçar-se
Na montanha a palmeira ao doce fluído
Do aureo dedo do sol, doirada phenix
A renascer-se da cinerea noite —
Ou minh'alma agitando á voz dos ceos.

Maranhão.

XXV

À PARTIDA DE UM VELHO ENFERMO.

« E eu deixar este ceo... como este clima
 Na sua eternidade de verdura...
 O'maravilha vegetal do Eden!
 Trinta annos passei, como nos berços
 D'uma hora encantada: ouvia apenas
 Arrastarem-se as aguas pelos valles,
 Em seus saltos partidas sobre a rocha...
 Oh, vi por toda parte a natureza
 Eloquente, orgulhosa em magestade
 Como a lua de Agosto em flôr aberta!
 Fiz aqui minha patria... hoje estrangeiro
 O filho teu verás, fria Germania,
 Errante e deslocado como a ave
 Que desconhece ao manhecer seu pouso;
 E timido o meu passo não se fixa
 Pelas margens do Rheno... ah, sorte do homem!
 E eu deixar este ceo... Nem vim faminto
 Sómente ouro buscar: amei no peito
 Minha alma dilatar ante a harmonia;
 Extenso o coração sentir rugindo,
 Meu ser engrandecendo!... Adeos, Brasil!... »
 Os olhos alimpando, assim fallava

O tão nobre ancião descendo ás praias
No seu enfermo andar : embarca ; e a vista
Elastica deixava sobre a terra
Como presa, quando elle já navega.
As costas para o rumo do navio,
Encostado na pôpa, em longo pranto
Generoso desfaz os ceos e o monte
Onde jaz o gigante, e sob os mares
O Rio-de-Janeiro se escondia ;
E elle inda nos pés se suspendendo
Procura as cumiadas no horizonte.

XXVI**FRAGMENTOS DO MAR.****A. L.**

Paris.

Adeos, ó Luxembourg d'árvores grandes,
D'estatuas bellas e marmoreo lago,
Eu não vos verei mais ! Chorai commigo,
Eu só não vos amei, tambem me amastes,
No estrondo vegetalouvi meu nome —
Adeos, Luxembourg ! Tronco d'outrora,
Fronroso castanheiro, a cuja sombra
Meditava as lições d'alta Sorbona,

Meu velho amigo aonde eu recostei-me
 Cheia a cabeça dessa vida d'alma
 Que as sonoras paredes exhalavão,
 Qual feridas do echo d'eloquencia
 Do Lévêque e Saint-Marc, senti meu peito
 Abraçar-vos ! da casca onde eu vos beijo
 Rebente um galho, e nelle um nome viva.
 Inda hontem, dos ramos d'esmeralda
 Cheirosa e fresca e doce primavera
 Escorrieis em mim : hoje sómente
 Estremeceis á minha voz, adeos !
 Brisas do Luxembourg e as flôres delle.

Qual dos bosques sabindo, ainda se arma
 Á voz da patria moribunda a filha
 Do pastor, generoso anjo da guerra !
 Foi seu primeiro amor a liberdade,
 Seu esposo fatal desfallecendo
 Por entre os homens ! E ella enverga a espada,
 Os seios tece virginaes e a fronte
 D' aço luzido, e a cruz pende do Christo
 No cinto feminino. Ei-la heroína !
 Dando patria á sua patria, ao rei sua c' róa ;
 Á sua voz de Josué treme Orleans
 Esperançosa, e despe-se do manto
 Ensanguentado que a cercava oppressa.
 Ei-la atada a columna, qual detida
 Para aos ceos não voár pelas suas azas
 Que as chammas crestão, e os valles de Ruão
 Da fogueira sua voz separão e dizem :

« Vendida na traição fraterna... vede-a,
 « Martyr do amor da patria » ; ó dores d'alma!
 Aurora boreal nos ceos suspensa,
 E de vergonha a terra envermelhece
 Ao longinquo clarão. Passando o vento,
 As aves que a rodêão quando cantão
 Na vizinha ramagem, todos juntos,
 « Donzella d'Arc ! » repetimos sempre.
 E de uma a uma percorria as alas
 Destas mulheres mudas, pelo nome
 Chamando-as e dizendo-lhes sua morte.

Ledo casal de cysnes sobre o lago
 Corta dous sulcos docemente iguaes :
 Eu peço a Deos a vida destas aves,
 E uma esposa feliz, anjo, amorosa,
 Manso e piedoso e candido cordeiro,
 Mudos levando assim nossa existencia.

Quantas meninas vão por entre as flores
 De bellas graças, de formoso corpo !
 Pisando a relva de Diana a casta
 Montanheza e da magica Velleda :
 Virgens materiaes, ó lindas flores !
 Humanas flores, candidas donzellas !
 Minh'alma diante vós ama e revive
 Em sol, orvalho, amor, brisas desfeita.

Eu parto, a torre já marcou meu tempo,
 Adeos, Luxembourg ! Inda as muralhas

Passando eu vou bater co' as minhas mãos
 Da longêva Sorbona, a mãe das lettras;
 Inda uma vez eu vou mirar-lhe as ondas,
 Como a deshoras ao luar do Sena
 Sobre a ponte das artes debruçado
 Indo á patria, indo á patria ás vozes d'agua.

Golfo de Biscaya.

Como foge-me a terra dos pés,
 S'envolvendo nesse amplo horizonte!
 Vão-se terras da França, perdidas!
 Lá sumio-se Paris trás do monte:

Como o sol quando no occaso
 Palpitante desfallece,
 Duvida um' hora entre nuvens,
 Por nuvens desaparece.

« Sejas feliz! » me dicerão.
 Sejas feliz... ah, quem déra!
 Não mais que um dia! e mais triste
 Na minha infancia eu morrerá.

Quantas lagrymas dás-me, ó bella França!
 Abri-vos, solidões, quero chorar;
 Brisas da noite, emmudecei; oceano,
 Abafai minha voz nas vossas ondas...

Elo vasto de vozes grasnadoras
 O horizonte cingio, se enrouquecendo.

O vento levantou; gritarão aves
Pelo em torno da náu; procura abrigo
A andorinha nas vélas; meio corpo
Erguem-se os peixes; enfurece-se o mar;
Cruzão raios no céu em vez d'estrellas,
Pousão nos montes de suspensas nuvens,
Raios nos mastros pousão: tudo horrores
E raiva, tudo ameaça! o claro verde,
O puro azul das aguas florecidas,
Como campo murchou, que sangue anegra.
Amo viver no seio compulsado
Do vendaval, batendo impuras azas
De nocteo corvo; os ares corta o bosque,
Uiva o mar á sua sombra fugitiva:
E minha alma estremeça muito embora,
A morte os hombros a calcar-me, amigo
Minha face afagando á falla, ao menos
Não dorme no ocio de cansada paz.
— Encastellão-se as ondas: qual cidade
D'homens, que no orgulho vão suspendem
Seus ricos tectos sombrêando os valles
E a casa humilde do pastor, que os raios
Aquecião do sol subindo os montes.

Dá signal de perigo, leva rota
Bandeira de soccorro ao mastaréo:
Librados todos vão, ninguém soccorre,
Nas azas infernaes da tempestade.
Nem olha Deos á terra, o céu fechou-se.
A voz do official apenas se ouve

Lugubre, como o vento que fallasse,
 Ou da véla que rasga-se e desfralda
 Antes de ser colhida. Homens tão fracos,
 O que fazeis agora murmurando
 Debaixo do convés, mudado o rosto?...
 — E a náó que passou desarvorada,
 Qual ferido tapir salvando abysmos,
 Lá quebrou-se na ponta do rochedo —
 Dormindo, mudo! e os mares levantarão
 Sua voz nocturna á voz da ventania,
 Aves, que no cahir da presa morta
 Soltão em desordem triumphante grito.
 Lamentações humanas, tudo a morte
 Respirou, consumio em si, sómente
 Esparsos restos do naufragio ondêão:
 Sanguinarias corôas tem na fronte,
 O medonho livor mais carregando.
 E as vagas tóão, e túmidas se atirão
 Sobre as vagas — mulheres desgraçadas,
 Perdidos filhos, seus esposos mortos.

O tempo serenou; ri-se o semblante,
 Como vai se compondo o mar: já sobem
 Á coberta, ás ruínas se arripião,
 Que jazem como a selva descomada.
 Canta o nauta, redondão-se alvos pannos.
 Por ver brincar o atúm, se ajuntão ledos
 Á tarde sobre a borda os passageiros.

Densas nuvens de fumo doloroso
Fazem-se em tiras, despregadas caem
Através do horizonte: a lua franca
Abre seus seios de donzella, e despe
Seus vestidos no mar, como estas ondas
Ardentia de prata espanejando;
Candidas pombas vaporosas vôão,
Tecem com as azas por seu rosto um véo—
Menina rubra pondo a mão nos olhos
Um'hora se escondeu, um'hora os astros
Amostrão seu brilhar, depois se apagão.
A lua feminina, é fresca noiva:
As brancas nuvens que a rodêão manso
Os enxovaes de sedas ondulantes;
O céo cheio d'estrellas o seu templo
Onde espera o amante, incensos auras;
E o oceano os orgãos levantando
Em doces, divinaes epithalamios.

Na batida em que vai, fareja e rosna
Alado negro cão mordendo as ondas.
Eu só medito, a Deos só me alevanto;
Confusa multidão povò a errante
O convés, e da terra os homens fallão:
Para elles é mudo o isolamento
Do mar, cahindo a tarde fria e triste.
E o mar sombrio despentea a grenha,
Descrente e sem esp'rança, de loucura,
De frenesi, que o desespero arrasta:

Engulir-nos d'um golpe, os nossos ossos
 Despedaçar o vejo n'um momento!
 E os homens reúnem-se, amontoão
 Oiro sanguinho e jogão; se enraivecem
 Uns contra os outros, sofregos de sangue.
 Na voz da natureza o Deos nem ouvem!
 Amo-te, ó mar, em louca tempestade,
 Mais do que os homens com bonança n'alma;
 Com as cousas do mundo elles procurão
 O Eterno esquecer! são condemnados
 Serrando ouvidos, sacudindo a fronte
 Á justiça que falla-lhes da victima,
 Que geme ainda ensanguentada e quente.

Traga o dia sobre a fronte
 Aurora lactea dourada,
 Ou distante precipite
 Em sombra negra e pesada
 Sanguento occaso a seus pés:
 — Deos quem é? quem é que adoro? —

Estas vagas eloquentes
 Ao seio desção das aguas,
 Ergão seu collo, se empinem,
 Se despedacem nas fraguas,
 Convulsas, enfermas, bellas:
 — Deos quem é? quem é que adoro? —

A onda pergunta ao vento,
 Quando a levanta a passar;
 Mas o vento a despertava

Para tambem perguntar:
E a mesma voz se repete,
Vagando de mar em mar.

E sómente a mudez destes desertos
Se responde ao seu echo no infinito.

Serras de Cintra.

Oh, magestade do oceano! eu vi-te
Ampla fronte deceu de Deos : sobre ella,
Como ante o sol nevoeiro transparente,
O pensamento em ondas infinitas
Passar.... passar! e calmo o rei do sec'lo
Nem toscaneja ou estremece a testa.
Eu senti-me nascer, e tu me viste
Turbado nos teus olhos, era um raio
Que mais lucido raio engole e apaga :
Calor vital correu-me pelas veias
De prisioneiro que por muitos annos
Fechado em negros carceres a vista
Abre ao dia, e de jubilo prantêa,
Delira o coração, de vida exulta!

Comparava tua fronte esse universo
De sentimento e meditar que exhala;
Eu pesava tua voz nos meus ouvidos
Consultando a harmonia; um ar celeste

Palpitava umas ondas rodeando-te.
 Guia na cerração, beijei tua dextra,
 Que se esfria nos annos mergulhada,
 Coberta dessas rugas generosas ;
 Essa mão sujeitada envelhecida
 No doce captiveiro das insomnias,
 Em metro moldurando o pensamento :
 E de tua vez, senil, piedoso pranto
 Em teus olhos quebrou-se ! ó sentimento,
 Que brande á alma do poeta sempre virgem
 Limpido choro, que os verões não seccão !

Pensador solitario, orfão, proscripto,
 Poeta ! ei-lo assentado ; estão com elle
 Sómente os seus dous cães, junto á lareira,
 Brancos como a candura ; mansos, tímidos
 Como a fidelidade. E não encontras
 Nos homens um amigo ? e os animaes
 Amão-te mudos e naturalmente.

A paz te rodeava, e nas paredes
 Pendião quadros dos que amaste, e forão ;
 E todos no silencio da saudade
 A pagina da vida parecião
 Desenrolar a ti, com a vista lenta
 Memorando o passado. Qual se membro
 Dessa familia eu fôra, ha longo tempo
 Perdido, ausente, no meu lar chegado,
 Senti minh'alma abrir-se ingenua e larga
 Á branda atmospherá que eu respiro :

Um dos cães te afagava, como vendo
 Nos teus olhos luzir o amor paterno;
 O outro vinha a mim lamber-me a face
 E as mãos, inquieto de alegria e festas
 Felicitar-me do rever meu pai!

.
 Eu parti; tu virás á patria ver-me.

Eis, minh'alma se expande! Como o vento
 Tão livre e solto, meu irmão me entende,
 Me esperta e espalha pela fronte ardente
 Com pedaços de nuvens meus cabellos!
 Qual amigos achados, que se abração,
 O coração no coração vibrando
 D'entusiasmo, e offegos derramão
 Da bocca aberta generosa chamma,
 E os sentimentos ás feições remontão.

Aqui Byron cantou. Mesmo esta pedra,
 Que ora sente uma gotta fria e rapida
 Do meu pranto que apaga a viração,
 Talvez estremecêra de escutá-lo,
 Qual do raio ferida. Oh! me parece
 Que aqui te vejo, ó Byron, a meu lado,
 Á minha esquerda unido me incitando
 Ao desespero da descrença imiga
 Com tua voz infernal — verdade horrivel!
 — E á minha dextra o tenho, anjo da guarda
 Preso a meu braço contra a força tua,
 Me arrancando de ti: co'um dedo santo

Aponta-me p'ra o sol que sae das serras
 Piedoso Lamartine! e o penhasco
 Brandêa e geme no pesar da luta:
 E d'um lado o demonio e o anjo d'outro,
 E eu no meio, minh'alma despedaçõ!
 — Vôa commigo, ó anjo, nas tuas azas
 Candidas salva-me: o demonio embora
 Me persiga mostrando-me os meus dias
 Como são desgraçados... porém, antes
 Fallaz esp'rança, que a descrença eterna.

Aqui tambem virás, sol dos teus dias,
 Sol dos dias depois, de todo o tempo,
 De tua vez suspirar: e tu, ó pedra,
 Has-de mover-te então, e não do medo
 Da tempestade bella, e nem do pio
 Da andorinha perdida que não sobe,
 Que nas fendas descae; porém de ouvi-lo
 Tão sonoro e divino, que no monte
 Embatendo-se os montes e os penedos,
 E o olmo e o pinheiro, que de antigos
 Passa o vento e não dobrão-se — entoárão
 Como o côro do templo á voz solemne
 Que do altar se levanta: o plano e o valle
 Aos céos, aos mares levarão seus echos:
 E do seio dormente a natureza
 Ignoto o canto universal desperte!

Oh, minha alma s'expande! ampla se exhala
 No céo! e o corpo que terreno á terra

Languido cae, ainda é bello ver-se
Sacudido das nuvens que o rodêão.

— Meus olhos inda a vêm — lá vai minh'alma
Pelas torres de Mafra resvalando,
Pelo horizonte, além, no mar azul,
No ether puro e sem fim, mais longe, em Deos,
Na minha patria, que é de Deos tão perto!
Grandioso spectac'lo ! scena immensa
Que o pensamento ávido percorre !
Eu amo a vida assim... assim eu vivo...
Eu amo a vida assim ! lidoso vento
Oco varrendo suffocado estrondo,
A desramar o castanheiro annoso,
O basto pinheiral, a mim se lança
Como aguias ethereas, com suas azas
Agitando, espertando-a langue e lassa,
Pobre minh'alma em somno : em rijos gritos
Sinto me suspenderem, meus cabellos,
Meus braços arrancando ! — E a nuvem passa
Pelo valle com o gado dos pastores ;
E o mar escuma além, se encruza e brama
Se perdendo no céo ; levanta o ether.

Como se o Creador não acabasse
O edificio do mundo, e que estas pedras
Fossem materiaes e estas montanhas ;
Uma columna, um panno da muralha
O Corcovado americano e os Andes ;
Este mar que ficou á tempestade
Devêra fonte ser deliciosa,

Não paiz de naufragios; e estes ventos,
E estes valles chorosos, o arvoredos,
E a pobre humanidade ensaio fôra
Para um céo eternal d'harpas ethereas
D'um só cantico e amor: e, distrahido,
Ou de cansado, ou morto o Autor-Supremo,
Ao acaso ficou tudo sem ordem,
Antros feios, montoadas penedias:
Tudo pergunta o que é.... que vale.... tudo
Balbucia em sua dôr! as aves trinão
Sem saber do seu canto; os homens chorão;
Bale a ovelha no campo; as nuvens tremem,
Vão fugindo de horror, nada se entende;
E por fallar se esforça a natureza,
Que de imperfeita está desfallecendo.
Que bello templo, se acabado o mundo!
Natural harmonia a um Deos sómente,
Uma vista, uma voz; não este inferno:
O bruto contra o bruto, o homem do homem
Esconde-se da terra nas entranhas!
A fera amára ao candido cordeiro,
Nem de morte manchára a lã mimosa;
As aves não perdêrão-se nas nuvens
Perdendo o ninho e o bosque de medrosas;
Nem os filhos do Christo sangrarião
Nem morrêrão na lança musulmana;
Não virão tantos seculos idólatras
Deoses de ouro banhar fumante sangue:
O mar sempre bonança, o céo d'auroras,
O raio não voára entre o negrume

Pousar no velho tronco, ave de fogo,
E fazê-lo cahir, gritando aos homens !

O' grandeza sublime ! oh, eu quizera
Ver com meus olhos esse dia, quando
O echo da palavra era o nascer,
Gravitar e cahir, o amontoar
Dos seres — confusão negreja os ares,
N'hora tudo surgindo ! oh, eu quizera
Meus ouvidos nutrir desses terrores
Do fracasso das aguas e dos montes,
E ver divino o vulto suspendido
Pelo espaço, que rasga-se ante delle,
Atrás delle ondulando ! Aberta e franca
Nasce a lua sem còr, scintillão astros,
Lampêa o sol.... Porém, meu Deos dizia
Que só hoje eu devêra remontar-me
Ao principio e nascer, e contemplar,
Rugir d'ignaro, e de blasphemias vezes
Os labios escumar, fender minh'alma !

E bando alado de phantasmas gyrão
Em manadas no ar comosas nuvens
Que o pastor Aquilão conduz ao sul :
M'envolvem, paixão, amão estar commigo
A minha imagem projectando nellas ;
Pela face do sol se espalhão lentas,
O plano e o monte sombreando, e as flôres
Arrefecendo e os homens do trabalho,

A lua desmaiada está na serra
De saudade e luar banhando o pincaro :
Sympathia e candor trouxe no rosto
Que move a terra, qu'emmudece ao vê-la.
Sobre a grama cheirosa estendo o corpo,
N'um meio somno amollecidos olhos,
Tremulos raios sobre as minhas palpebras
Envergão seus fulgores, que antevejo
Frescos, longinquos, límpidos, saudosos,
Como a luz virginal d'alvas de leite.
— E' tarde pura : muito longe encontro,
Tão longe ! apenas onde a vista alcança,
Como elasticas aguas se estendendo,
Como restos de luz, mimosa relva
Amena e verde ; um'arvore a sombrêa
Que bello monstro enrola, e frutos pende.
Um homem como o dia transparente,
Rodêado de sol, com fórmãs de homem,
Mas, que as perde se as buscas, que é tamanho,
Que na simple unidade é só visível !
Lá está no cume de dourado monte :
Um formoso casal anda a seu lado
De robusto mancebo e loura moça,
Redondos seios e os cabellos lisos,
Innocentes brincando com as feras
Que andão tão mansas que não fazem mal.
O vulto crystallino contemplando
A harmonia geral da criação,
Interdiz um só fruto ! e os abençõa :
Entrou no seu repouso as sexto dia,

No cahir do occidente... Horror! das nuvens
Longa espada de fogo meneando,
Bradando um anjo dentro d'azas desce....
A' voz de maldicão tudo se aterra!
Fogem delles os brutos! vão banidos,
Coitados... Vão chorando desses campos...
Lá se assentárão tão cançados... ólhão
Para trás de saudade... arida a terra
Já regão de suor, pedindo um fruto...
Perseguidos do insecto o corpo cobrem,
Dantes tão bello ao sol!... filhos já nascem
Pervertidos tambem: nascem nas dores
Da mãe, que hão-de amanhã, seios que os crião,
Partir de mágoa... de miseria os homens
Já desfazem-se! — O ceo cresce d'encantos;
Na porta da choupana ha quem m'espere:
Ás vozes de Maria as serras desço,
Respondendo ao meu nome, que ella chama.

Oh, selvagem que eu sou: maldigo um'hora
A innocencia que eu amo! ella inda n'alva
Tremula, esquiva e timida de ver-me,
Ás vezes sobressalta, aperta os seios
Como sustendo o coração que foge
Co'as mãos frias e brancas; se enrubece
Nas faces ambas, e seus labios tremem,
E seus olhos fugaces não se fitão
Sobre os meus... e ella ama-me! ella foge!
E eu... quero assentá-la em meus joelhos,
Correr a minha mão nos seus cabellos,

Cobri-la minha irmã toda de beijos,
 Nutrir-me da sua falla... Oh, desespero!
 Eu manchá-la ella teme! e já tem n'alma
 Esse amor de mulher, o amor do goso,
 Delle embora estremeça?... O' anjo! o' virgem!
 Meu amor não é esse, o amor da fera:
 Eu nutro-me de amar, vivo porque amo
 D'existencia e poesia encher minh'alma,
 Que não de torpe e languida e cançada
 Esvaece em desmaios, e os sentidos
 Com o pensamento embrutecido morrem.
 Mas, idade feliz! pobre innocente,
 Hoje teus olhos só movem teu peito,
 Teus ouvidos tua voz. Lá vai cantando
 Seus canticos d'infancia, que sua mãe
 Ensinou-lhe levar a Deos. E eu rujo,
 Não sei de que... de amor! bracejo os braços,
 Sacudo a fronte ao respirar mais livre.
 Oh, não cantes: se queres que eu te escute,
 Seja dos meus joelhos, anjo! virgem!
 — Aqui eu vivo: em mim tudo renasce,
 Sentimento de amor e d'esperança
 Que a multidão gastava-me do peito.

 Tejo.

Quando o sol de além das nuvens
 Despeja os raios no mar,
 Todo encarnado o horizonte,
 Longe, longe a se afastar,

Começão auras do Tejo
Aberta vela a embalar.

Um chora o adeos da patria,
Um cáe nos braços do amigo
Saudosos, sem perigo;
Aquelle beijou sua mãe.

Uma só, mimosa e virgem,
Não teve quem abraçar,
Do pai aos lados pendente
Corria a vista no mar.

Tão orfã! tão piedosa... eu logo amei-a
E para sempre! eu creio... e a virgem amou-me!

Tinha treze annos de idade!
Idade da transição,
Quando da vida assaltada
Sente mimosa emoção.

Formosa e pallida e bella,
Toda expansiva de amor,
Na graça púdica verte
Emanações de pudor.

Ambos nós orphãos na terra,
Achados acaso assim...
Meus olhos ião sobre ella,
Seus olhos vem sobre mim.

Eis vultos nascem no horizonte, crescem,
Assombrão céos e mar: quem sois, phantasmas?

Descobri vosso rosto e os vossos olhos...
Cintra! Cintra, que sem mim ficais!
Tudo de lá me acena, ó meus amores,
Monte saudoso, ó Pena! que me ouvias,
Bracejando com as nuvens e orgulhoso
Do céu, do sol, meu canto qu'ensinavas.
Tudo me acena! as fontes mais suspirão,
Maria joven lá me bate o lenço
Alvo como ella, e humido do pranto
Como o seu peito, que como elle ondula;
Alvorçada grita... ai! que parece
C'os os braços arrancar a alma e mandar-m'a:
Dizer-me « novo amor guardão-te os mares:
« Me foges: lá nos céos te encontrarei... »
Tão nova, como as breves primaveras
Que tem florido nesse valle ameno.
—O' bella Cintra! arranca-me, saudade,
Meu coração do peito, e que palpite
Sobre as ondas da serra; ou vós, ó penhas,
Montes, erguei-vos, me segui com ella!
Cintra! Cintra, que ficais! ó mares,
Que a verde coma desfolhais ao vento,
Não regaceis o vosso collo undoso
Para encobri-la... ó nuvens derrocadas,
Não cahi diante mim... O' Cintra! ó Cintra!
Qual meus olhos no pranto, vos sepultão
No ether espaçoso os horizontes...

Ilha de S. Vicente.

À palavra de Deos cahia o mundo :
Foi um gigante o que surgio no espaço!
D'homem que era, abrindo os olhos ávidos
E a garganta inflammada, hiante — ri-se,
Julgando seu irmão defronte d'elle —
E sobre o Creador, á imagem humana
Emquanto sua obra contemplava um pouco,
Lança-se! — Deos se retirou de um lado:
E devorando o vio sua propria sombra,
Velloso coração rangendo, um monte
Nas cavernas do peito! de cansaço
A lingua pendurava, immensa serpe,
Como espada de sangue fumegando
Que de dentro dos hombros arrancasse!
Horrendo berro, como o vendaval,
As nuvens separou — no desengano:
E de novo a cabeça suspendendo,
Ondulante muralha se antepunha,
E o monstro gyra por detrás mugindo.
— Então, contra esse filho o Deos dos astros
Seu raio d'indignado fulminando,
O fez despedaçar: diz « Do teu sangue
O oceano se forme, e dos teus membros
A dura terra, que produza vermes
Como tu és»: e novos homens nascem,
Nasce a serpe e germina a morte delles;
E este mar de verdete é sangue humano

Acre, e sempre a ferver pollutas fézes;
 A mais arida rocha, onde se quebrão
 Ventos, naufragios cobrem, e nunca treme,
 Vem do seu coração; e os outros órgãos
 São essas outras terras, matto, abrolhos;
 E o homem que do cerebro lhe sáe,
 Peior do que elle foi aqui respira,
 Como essencia volátil deleteria,
 Minimo em corpo, em ser cruel grandissimo!

Porque não repousais uma hora, oceano?
 Como o espirito do homem, que não dorme
 Até morrer! um echo indo passando
 Pela esphera: « quem sou? quem deu-me o ser?
 Onde me levão? donde eu vim?... » perdeu-se.
 Vos espera tambem o fim do homem?
 Quão grande não será, solemne e bella,
 De vossa morte a hora! n'um momento
 Sulcando o céo, qual raio luminoso,
 Do aceno da mão divina a sombra,
 Contrahireis; d'immenso estremecendo,
 E como a vacillar da voz que ouvistes,
 Levantando um gemido — e depois... nada!
 E como o homem, sem saber que fostes,
 Vossas cinzas varrendo o vento leva
 Pelas soidões sem fim. Que sois, oceano?
 Eterna agitação, suspiro eterno
 Tendes no seio: emmudecei, dormi...
 Não podeis, qual minha alma, e força occulta,
 Que sempre contra mim se ergue e me quebra

Como hastea resistente, vos ameaça:
Além a tempestade se revolve
Para açoitar-vos. Já, como eu, convulso
Rugis, lutais; como eu vós pereceis,
Desangrado cahis: inda expirando,
Somos irmãos, oceano, inda o buscamos —
Embalde! e sem viver nós morreremos.
—Erguei, erguei a voz! ide entre os astros,
Batei as praias, sacudi os montes,
Despertai o universo, que responda,
Como depois do estrebuxar de um sonho
Em sublime acordar, terrível, forte—
Que nós somos, porque, Deos onde existe,
O que é... Na penedia negro sulco
De fogo um raio fez, rio de fumo
Susurra e serpentèa; os céos tremêrão!...
Silencio! A sombra de meu pai me olhava....
Fechou suas nuvens, e se erguen nos ares.

Vai-se a vida como passa
Leve esquite pelas ondas:
As aguas abrem-se adiante,
Atrás s'escôão desondas:

Seu rumo agulha no occaso;
De lá se levanta a terra;
Mais proximo, a praia embranca
Lavando as plantas da serra.

Arrasta a quilha n'arêa,
Toca a prôa n'um penedo,
Noite! e o nauta incauto andando
Espanta um grito de medo.

Responde o echo da margem:
« Pára! chegaste no porto. »
E o navegante do mundo
Baquêa na praia morto.

Donde veio? do nascente;
Aonde ia? elle o não soube:
Na direcção do sol-pôr,
Á noite chegar só poude.

E nas trevas envolvido,
Sómente uma voz lançou:
E nem se ouvio o que dice
Passando o triste — acabou.

E o mar todo é coalhado
De mil gentes passageiras,
De ledas vagas cercadas,
Susurrosas, lisongeiras:

Ás vezes em tempestade,
Muitas vezes em bonança:
Porém vão-se desondando...
A nossa vida é mudança.

A' tarde, quando o sol da sphaera atira-se
E no occidente, qual guerreiro, morre

D'além funereas nuvens que suspensas
Mil bizarras figuras, mil castellos,
Selvas, ruinas pelo céo desenhão,
Illudindo de maga phantasia
Rubras campinas solitarias, amplas,
Como juncadas de sanguinea relva,
A sombra de um combate que ficára,
Que pelas fendas deixão ver as nuvens
Tão longe! sobre o sol pousa minh'alma,
Juntos naufragão. Então amo perder-me
Na soledade etherea, e divagando
A' discrição da minha imagem, eu erro.
Mas a tarde s'esváe, os céos s'estrellão,
A meditar cansado ora me assento
Nocturno e triste na sonora prôa,
Solitario co'o mar e a fresca brisa ;
O pensamento aberto, mas torvado
Da grandeza ideal, pasma sómente,
Admira e não sente o que comprehende,
Como de amor embrutecido, cae.
Errante, agora me debruço á borda,
Vendo as ondas passar embranquecidas
Como plumas de cysne, minha fronte
A humedecer de pó. De noite eu vejo
Povoado de sombras, de florestas,
De fogos de pastor o mar deserto,
E rodeado de mudez, acórdo.
Anna roçou-me o braço : fria, tremula
Pelas sombras procura-me : « que eu vejo
Tanta tristeza e solidão na tua alma !

Enche-a de mim ... Tua fronte desdobrada
 Ao longo pensamento, o que tens nella
 Qua a faz tão pallida e piedosa e doce
 Como a luz do crepuseculo longinquo?
 Que frieza te banha o coração!
 Murchando como á voz d'ave agoureira....
 Amanhã inda ha sol.... não morres hoje...
 Oh! desperta, brinquemos nesta idade
 Da risonha manhã, nevada e pura,
 Borboletas do campo, a flôr colhamos! »

 E eu sonhava: e eu vi-me solitario,
 Olhando o espaço balançando estrellas.

E esses sonhos que eu via, onde já forão
 Da apaixonada aurora? e foi-se o dia:
 E eu que fui? e amanhã, quando outro sol
 Lançando-se em seu vôo arrebatado
 D'agua que se abre para o cume azul
 Novos sonhos prestar-me e nova esp'rança,
 Que eu serei amanhã, nesse outro dia?...
 Eu não tenho amanhã: minha existencia
 Toda acabo sempre hoje, embora triste,
 Mais triste o meu porvir me aterra sempre.

E tu, esperança, e tu, consoladora
 De todos, que me fallas? oh, não queiras
 Mais perseguir-me; vai-te, ó inimiga,
 São mui longas tuas horas, mui comprido

Tu me fazes o tempo.... que elle passe
Para mim, como um ai de moribundo!
Enfadonha, pesada, aborrecida,
O' vida d'esperança, que és penosa
Tortura deste inferno da existencia!

Manga esvelta das nuvens se despenha
Farejando o mar, penoso e longe
A voz das vagas se embateu no occaso:
Um braço de gigante monstruoso
D'etherea serraania se alongando
Penetra as aguas, famintando presa
As entranhas revolve; longas ondas
O rodêão e bravejão, como feras
Seus irmãos defendendo: lentamente,
De um pulso cheio, convulsivo, igual,
Indifferente vai colhendo, engole-as,
E se recolhe, e sobre o peito encruza.
E o chuveiro passou, desfez-se a tromba,
A onda que a beijava ao mar se aplanha
De recentes rosaes: assim da torre
O preso se debruça e estende o corpo
Por a amante chegar, que se suspende
Nas pontas do alvo pé, que as mãos se tocão
D'uma invisivel attracção chegadas.
Volta ás sombras da torre o prisioneiro;
Pelas paredes resvalou saudosa
Qual raio fugitivo, e desaparece.

Menêa a larga cauda e as barbatanas
 Limoso leviathão cheio de conchas
 Com dorso de rochedo que ondas cercão ;
 Chrystallinos pendões planta nas ventas,
 De brilhantes vapores, que em bandeiras
 Iris enrolão de formosa sombra.
 Negra fragata lá circula as azas
 Sobre a nuvem dos peixes voadores.
 Agora rompe a náó lençoes infindos
 Que o mar tepido choca, e vindo a aurora
 Já salta a creação d'escamas bellas.

Vem formosa galera a largos pannos
 Arquejando anciosa ; silva o apito,
 A cortezia nautica responde-se.
 Já ia bem monotona a viagem
 Nesta mortificante calmaria :
 Tristes campinas da agua, se não forão
 Essas novas surdindo-vos dos flancos,
 Fazendo de alegria estes semblantes,
 Ou torva tempestade a desfazê-los.
 De novo já nos vamos isolando :
 Apenas desta ilha sobre ess'outra,
 Que vai ficando atrás do pó que erguemos,
 Os olhos inda estão ; e os meus sómente
 Procurão naufragar, morrer.... quem déra
 Porto de salvação onde ancorassem !
 — Um mar tempestuoso eu tenho dentro,
 Como este mar desesperado eu ando :
 Estes raios da noite almo-fluentes

Não me afagão. A lua côr das alvas
Atravessa o occidente matutino,
Hostia christãa nas sacrosantas aras;
Em fogos de rubim fronteira rosa,
Luzente calix se suspende no ar
Pela mão invisibil creadora
Do sacerdote rei, do Deos dos astros.
Nem as horas do sol são minhas horas,
A noite para mim perde o seu somno,
Nem é meu nem sou delle o mundo — eu amo!

Quem foi que t'ensinou tão triste pouso,
O' solitaria virgem? onde vagueão
Teus pensamentos? que um suspiro corta
Nesse mimoso, candido, tenuissimo
Arfar — teus seios limpidos se erguendo
Igualmente, e de ti mesma esquecida,
Teus olhos onde vão? quanto és do céo
Pousada assim l de claro-azul vestida,
Esvelta e simples, singeleza toda,
Desmazelada e virginal e infante,
No braço longo reclinada, n'haste
Botão pendido ao crystallino peso
Da aromosa manhã. Vezes s'enrugão
Tua fronte e os olhos, sob o pensamento
Que n'uma ave passou na face d'agua.
Um doce encanto, amores espontaneos
Correm como onda do teu rosto, e o corpo
Quebrado pelo meio! E tu nem pensas,
Pobre innocente, o ar que tu respiras

É minha vida derramada em torno.

.....

.....

Meu pensamento delirante, oh, nunca
 Co'essas azas não vões ! ave atrevida,
 Arrojada n'um céu delicioso
 De fantasias magas ! tenho zelos
 Do meu louco ideal pensando nella,
 Zelos dos sonhos meus.... minh'alma açoito,
 Reprehendo os meus olhos, meus desejos,
 Quando por ella liquidos fluindo,
 Querem morrer, devanear d'amores
 Desterrados por ella.... e tão coitada,
 Tão d'innocente mansidão.... Horror !
 Oh, remorsos ! manchei-a na minh'alma :
 Sombrio abysmo, um antro, abri-me o inferno,
 Onde eu possa esconder-me do meu Deos !

Costas do Brasil.

Salve ! pincaros frondosos
 Do meu frondoso Brasil,
 Os pés em verde esmeralda,
 A fronte n'um céu de anil.

São meus irmãos estes ares
 Que vem meu rosto afagar,
 No meu encontro saudosos
 Correndo por sobre o mar.

Da
 Ao
 Os
 Aos
 A v
 Das

As aves sabem que eu venho,
Escuto seu doce canto
Na montanha realçando
Pelo céo longo descanto.

Requebrando-se as palmeiras
Respirão suavemente,
Como virgens encantadas;
O regato ergue a corrente.

O sol desonda seus raios
Pelos declivios do monte;
As nuvens se purpurêão,
Vestem galas o horizonte:

Como a familia que espera
O filho por muito ausente,
Em festas tudo se ennova,
Tudo alvoroça contente.

O' terras que o ser me derão,
Recolhei-me em vosso seio,
Como os irmãos a José,
Quando d'escravo lhes veio.

Da cara patria, ó musa do crepusculo,
Ao céo azul que está sorrindo, acorda
Os pretos olhos, e os cabellos d'ebano
Aos ventos, solta aos ventos, doce amada!
A voz d'alma desprende á voz do monte
Das palmeiras sonoras e dos rios

Que nos campos se erguendo ao mar se lançaõ !
 O' musa, ó musa ! acorda o somno eterno
 Do leito de além-mar, da fria Europa.
 Á sombra do deserto, erguido o vento,
 Sob tuas mãos tuas harpas se desatem :
 De tua vez adormenta a selva antiga
 Que te soube educar feliz d'outr'ora
 Na vida maternal d'alva dos annos,
 Escutar-te o vagido acalentado
 No canto de seus passaros brilhantes.
 Recebe o filho teu, patria adorada ;
 Mãi piedosa, não sequeis-lhe o seio.

Rio de Janeiro.

Nem olhes para o chão servil dos homens,
 Falcão divino ; das tuas nuvens sente
 Da terra a vida, o inspirado encanto :
 Qual india virgem das florestas suas,
 Que seu leito são ramos de folhagem
 Onde ella dorme á natureza e cresce
 Energica e selvagem, nua e bella,
 Ao echo de Amazonas e palmeiras
 Que em toda parte lhe renasce, e embala
 O deserto e os sertões. Ella divaga
 Porque a alma tem cheia d'existencia :
 Ora pende no rio e dá-lhe ouvidos
 Por entender-lhe a ondulação das vozes,
 Vendo c'os braços se uma estrella apanha,
 Luzentes boyas nos espelhos d'agua ;

Ora a
 Que
 Com
 — E
 Aos o
 E a in
 Sem r

 Torre
 Que a
 Repre
 Com
 Que d
 Em lo
 Sem s
 E as d
 Que e
 O mur
 Com m

 Este c
 D'ame
 Subinc
 Dos pr
 Roxas
 De opu
 Vegeta
 Saias p
 Rompe
 O teu c

Ora abraça uma selva e lhe pergunta
 Que diz no seu fallar — quando ella acena
 Com seus ramos ao céo — que diz o vento?
 — E a criação seus canticos esmalta
 Aos órgãos perennaes da natureza,
 E a india virgem por seus montes erra
 Sem medo d'homens, sem temer as feras.

Torrentes de poesia, essa poesia
 Que a muita dôr talvez, talvez a idade
 Represou no teu peito, ha de exhalar-se
 Com tua alma desfeita, como o fumo
 Que do cedro que arde ergue-se puro
 Em longinquo horizonte do crepusculo
 Sem ser dos ventos perturbado aos céos.
 E as douradas cadeias sonoras
 Que em bons tempos viris eternisavas,
 O mundo todo arrastaráo de novo
 Com mystico poder que tens dos céos.

Este céo tão azul, e o sol n'um fogo
 D'americana luz; este mar verde
 Subindo pela encosta ennegrecida
 Dos pincaros do sul sempre de galas,
 Roxas nuvens no cimo, um regio manto
 De opulenta, eternal, fresca e cheirosa
 Vegetação ondeando-lhes nos flancos,
 Saias por corpo de mulher formosa,
 Romperáo.... romperáo, cysne celeste,
 O teu canto final ! que vais partir....

.
 Porém, tudo isto, ó pai, dá-me só lagrymas,
 Não entendo porque: parou no peito
 Meu coração, minh'alma de medrosa
 Sob si se recolhe, e de uma noite
 Tão pallida como ella envolta, cae.
 É minha vida um pesadelo eterno
 D'uma noite affrontosa: quando um dia
 Raiará para mim? quando este peso
 Poderei sacudir, que tanto mata?
 Acordar, levantar-me deste leito
 Da terra, duro e triste, e sudorado
 Do meu peito que em forças se desfaz?...

Bahia.

O' minha sorte d'hoje! ó sorte d'hontem!
 Não me viste passando, ó mar, tão ledo
 Nas azas da esperança? e uns doces ares
 Sem esforço levavão-me inspirado
 N'um circulo de amores vaporoso,
 Primaveraes graças respirando,
 Rosa encarnada ao sol exposta abrindo.

Que viagem feliz! quanta bonança,
 Quanto galerno! as ondas se humilhavão
 Por deixa-la passar, que amor sentião
 E murmurando amor se debruçavão
 Nos braços do oceano indo em suspiros.
 Dia, encanto diffunde em torno della

Doce
 Não
 Pass
 N'un
 Roça
 Lam
 Do
 Resp
 — M
 Voss

Nem
 Seu
 Toda
 Doce
 Dep
 Pelo
 Os B
 De s
 Espr
 Com
 Nas
 Astr
 Sing
 Do
 Sóm
 Eu
 Ness
 Quar
 Duv

Doce luz d'innocencia erguendo os raios.
Não a viste, matrona brasileira,
Passar na glauca relva? pomba nova
N'um voar titubante á flôr do lago —
Roçando a ponta d'azas docemente
Laminas deixa vinculando, tintas
Do carmim matinal, do verde lacteo,
Respirações do dia em frescos berços.
— Meigas rôlas azues do umbroso norte,
Vossa irmãa se perdeu, gemei na selva.

Nem oiro nem riquezas a fazião,
Seu ser todo era ella, uma flôr núa,
Toda cheirosa e bella de si mesma:
Doces nuvens de um puro firmamento
Depois da chuva á tarde, os seus vestidos
Pelo seu corpo algodooso e tenro,
Os braços longos de vergontea, os hombros
De seda, se anilando se abrandavão;
Espreguiça no seio alvóreas perolas,
Como ás bonanças do alto mar vivendo;
Nas conchas de marfim, como de petalas,
Astros nos pólos dous orvalhos tremem:
Singela como a estrella do crepusculo
Do céo azul trajada, e como o lirio
Sómente de suas folhas innocentes,
Eu via-a minha noiva! matutina,
Nessa idade fatal, quando eu as amo;
Quando esparso o pudor na luz do rosto,
Duvidosa a paixão, ignorão e temem;

Porque naturalmente inda só sentem
 A dôr que os olhos vertem, e assaltadas
 Com vaga timidez nos fogem: pensão
 No seu recolhimento, e de piedosas
 Só nos sabem fugir; pobres! nos amão
 De um amor virginal apenas d'alma,
 Que os vís sentidos não se nutrem d'elle.
 — Cae tuas folhas, Bahia, das mangueiras,
 Da jaca murcha a flôr, teus fructos morre;
 — Vós, o' rôlas azues do umbroso norte,
 Deixai as pennaç: a perdi... perdi-vos.

Novilunio na humida montanha
 Brando claro das faces estillando
 De azulado crystal, que lava o templo
 Das compridas palmeiras, que amorosas
 Estremecem dos pés á rama e envergão
 Doces arcos aos zephyros dos cumes,
 Emquanto a baixa de sereno empasta:
 O astro se perdeu; deste horizonte
 Vejo a terra em meus pés desfallecendo!
 Agora os temporaes são meus encantos,
 Mesmo o naufragio amára, em noite horrenda
 Brigar com a morte: compulsar minha alma
 Gósto em sonhos de amor, ou nos perigos
 Então eu vivo. Os mares 'stão mudados,
 Oh, ella não vem mais... olhai as ondas!
 Cahio a noite em mim, nem mais seus olhos
 O dia me alevantão, como d'antes.

Recife.

Salve, ó barca formosa! Salve, ó barca!
Paiz dos meus amores do alto mar:
Sem tê-la vossas azas vos erguendo,
Como as ondas correis? onde a deixastes?
— Á direcção do acaso, nos meus olhos
Mil vezes eu a vi, que nella eu penso:
Foi sómente a illusão da imagem pura
Emanando-me d'alma á diante... ó sombra,
Que em tua sombra me cansas fugitiva!
Inda a impressão guardais dos pés mimosos,
O' barca, no convés—quando ella andava
Distrahindo, radiando o pensamento
Pela verdura da agua? Que respeito!
Começavão nos céos as tempestades,
As nuvens desfazião-se ao vê-la!
— Debalde a multidão rompi de noite,
Estrella subalterna que perdeu-se
Do seu astro, e, sem luz, por trás do espaço
Vai apagada, errante; oh, foi de balde
Que tudo pareceu-me a ti! não era.
Porque deixaste o teu vestido azul?
Que fazia-me ao longe conhecer-te,
Como pelas suas flôres qual a planta,
Como pelas suas nuvens a manhã.

Maranhão.

De sob a prôa se levanta d'agua
 Tão pura como o céu, corôada d'hervas
 Bella nymphá do norte: o Pindo helleno
 O sol que thessalino alumiaava
 Lembrar fazia; americana Pallas
 Se enlevando no mar, como vaidosa
 Corre os olhos em torno pelos hombros
 Nos filhos, como selvas que a rodêão:
 — Aquelle vê, que as tabas desenterra
 Sepultas na folhagem do carvalho,
 Ao clima das palmeiras transplantado,
 Enche-as das festas do guerreiro e os cantos
 Á voz do maracá ruidoso e bello;
 Caminho de Pascal, sobe os altares
 Beijar suas mãos, sacrificar a Newton,
 Cingida a fronte; a corrupção moderna
 Açoita voz romana. Já mais perto,
 A minha vista me perturba, sinto
 Banhar-me o peito um ar... que eu não estranho,
 Mas, que procuro conhecer... Eu amo
 Estas costas, aquelle pedregulho,
 Que a resposta de um indio fez o nome,
 Isolado e limoso ali suspenso,
 Estrella reflectindo ao navegante,
 Apertado nos braços das escumas,
 Rei d'agua sacudindo a cabelleira
 Entre as brancas oceanidas risonhas!

Mais
 Neg
 Em
 Cing
 E p
 Vejo
 Pelo

Ilha
 Banc
 Ver
 Circ
 Me a
 Nas
 Ao l
 Nest
 As
 E o
 Que

Selv
 Por
 Amo
 Das

Amo
 Corr
 Meus
 Desc

Mais longe espalha-se uma terra... Alcantara!
Negra ossada d'incognito cadaver
Em sepultura abandonada, bella
Cingida das barreiras como sangue;
E pelas torres tristemente errando
Vejo as sombras dos meus antepassados,
Pelos avitos tumulos se encostão.

Ilha de São Luiz! meu Deos, eu morro!
Bandeira de São Marcos, entre as palmas
Verdes como ella! Doce claridade
Circumda-me, em transportes, qual a morte
Me adormece d'enlevos! Deos, ó Deos!
Nas aguas deste mar lava-a minha alma,
Ao lado de meus pais deixa o meu corpo
Nesta hora de rever o Maranhão,
As minhas terras, minhas ondas glaucas
E o meu sol do equador, meu céu, minh'alma
Que é tudo isto que fórma a minha patria!

Selvagem sou, nos montes eu nasci
Por entre as camponezas e os pastores:
Amo a vida levar entre os louvores
Das aves do meu lar cantando a mi;

Amo os costumes em que fui creado,
Correr livre no bosque e na ribeira,
Meus amores á sombra da palmeira
Descantar, e dormir somno enlevado;

Amo a voz de poesia na floresta,
 E o zumbido nocturno dos insectos,
 Invernosos concertos incompletos
 Dos lagos, invernosa a tarde e mesta;

Eu amo o trovejar, tremor do monte
 Quando em lascas o tronco atira o raio,
 Ver os astros cahindo em seu desmaio,
 Nas torrentes perder seu leito a fonte;

Na matta o sabiá melodiando
 Quando a chuva estiou, e os passarinhos
 Da meia noite; andar pelos caminhos,
 Amo ouvir os tropeiros ir cantando;

Amo a voz da cigarra no horizonte,
 A tarde quando poussa ave sombria
 Ante a fronte da noite e os pés do dia,
 A mãe com os filhos a voltar da fonte:

É esta a minha terra, este o meu sol,
 Estes meus ares que eu respiro n'alma,
 Esta a rama que abriga-me da calma,
 Este o meu céu da tarde e do arrebol.

Suspenso nestes cumes arenosos
 Sou ave do seu ninho em torno olhando,
 E, vaidosa! suas azas levantando
 Canta, e percorre os climas tão saudosos;

Triumphante adormece, inebriada
De extase e prazer ao som das vagas
Cahindo no aréal, batendo as fragas,
Encantando os jardins d'agua salgada;

E longa o echo pelas praias lento;
De sensações as pennas arripia,
Estremece de amor, e a onda fria
Nos desertos lhe leva o pensamento.

Este paiz é meu! tudo me falla:
Ando na terra, os arêaes e a relva
Engolem, rangem nos meus pés; a selva
Seus ramos docemente em mim resvala.

Abrem-se á minha vista os céos, se amplêão;
Os zephyros me afagão, meus cabellos
Banhando de perfume, e os hymnos bellos
Meus ouvidos harmonicos enlêão.

Subi, vagas! subi—vinde abraçar-me,
Não recêeis de mim, sou vosso irmão:
Julgastes embalar meu coração,
A sombra do meu corpo a embalançar-me.

Como é bello o navio que navega,
Offegante escaler preso na pôpa,
Longas vélas o nauta ao vento ensopa
E pelo mar á terra o peito nega!

De noite o mar de pescadores coalha —
 Um concavo rumor de tudo echoa,
 O remo tomba surdo na canôa;
 Desce o genio dest'hora, a dôr se espalha :

— Um nautico estrondar na marge opposta,
 — Uns lamentos fataes se alevantando,
 No fundo dos desertos ululando,
 De vozes a cercar toda esta costa....

Como descantes do ruidoso dia
 Que na terra calou, que se evaporão,
 Gemidos que mui longe se descórão
 Das harpas que a gemer no sol se ouvia :

Encantado pavor, ethereo e mago,
 Silencio — cheio de uma voz amada,
 Voz — de silencio mystico impregnada,
 Rugir das roupas desse genio vago!

Quanto tempo não faz que eu não ouvia
 O terço dos soldados no quartel,
 Qual voz do derradeiro menestrel
 No monte quando sua harpa suspendia!

Inda á sombra da lua na choupana
 Baixo canta na viola essas cantigas,
 Que eu amava da infancia, tão antigas,
 Triste escravo... é sua dôr que ali dimana.

Pelas dunas me estendo, qual de amor
Abraço-as mesmo á face do luar;
De dia inda me sentem delirar
Entre os raios plangentes do equador.

D'um céu de negro azul tépido vello
Grosso e limpido cae, nevando a terra,
A mim e os valles e o rochedo e a serra,
E eu m'envolvo da noite e o céu tão bello!

Dias do meu paiz! como eu revivo
Debaixo do meu sol de um clima ardente!
O vento muge e sopra duramente
Fendida encosta do calor estivo.

Vejo em torno de mim minhas irmãs,
E as minhas virgemzinhas mais crescidas,
Mais timidas, sisudas, mais queridas,
Meus amigos, meus velhos d'alvas cãs:

Em todos braços eu me lanço e choro,
E todos emmudecem me revendo,
Doce pranto dos olhos escorrendo,
Doce peito me abrindo, aonde eu moro:

Escutão minha falla, a reconhecem;
Meus ouvidos eu encho d'harmonias:
Oh, que eu torno encontrar meus outros dias
Dos outros tempos, que nos annos descem!

Da minha vida recomeço o fio:
Do dia de hoje ao dia da partida,
Deos! apaguemos... á estação florida
Inverno succedeu, renasça o estio!

Qual n'um sonho eu vacillo, eu paro, eu ólho,
 Vácuo o peito d'ausencia quero encher...
 Sinto necessidãde de morrer !
 Na minh'alma sombria me recolho.

Porém de novo o circulo me estreitão
 Contemplativos, tocão-me, se chegão ;
 Um momento meus olhos não enxergão,
 Nos seus hombros me atiro, em meus se deitão.

Aqui a vida corre docemente
 Como a existencia dos primeiros annos,
 Lhana e despida e limpida de enganós,
 Onda azul pelas voltas da corrente.

Aqui sinto nascer alegre o dia —
 A andorinha no tecto, a voz d'infante
 Chorando, o rouxinol : marmorea amante,
 A lua que commigo adormecia,

Desmaiou, s'escondeu nos meus lençóes
 Fugindo como adultera; e, zeloso,
 Bellos dardos despede o bello esposo
 Guerreiro sobre mim dos arreboés.

E no silencio a lua vai tão bella !
 Deixo minh'alma, deixo o pensamento
 Perder-se na amplidão do isolamento,
 Emquanto eu vou saudar minha donzella....

.



NOTES

WOLFE

* Ne
parte :
bracos
razzo q
gar-lhe
peito , a

NOITES*

XXVII

O CYPRESTE.

« Em horas silenciosas,
Quando a lua desmaiada
Roça os declivios celestes,
De pranto a face cortada ;

Quando arranca dos meus ramos
Tremula sombra e restampa,
Como o véo sobre o cadaver,
Na lisa face da campá —

Se estendendo, alva balança
Pendida lá no occidente ;
Que volta e beija-me os pés,
Vôando bella e crescente —

* Nem presumo serem meus os pensamentos philosophicos nesta segunda parte : em todo o tempo elles existirão , desde que o homem , descendo os braços estendidos ao céu , olhou sobre si , e interrogou a natureza com a razão que lhe dá a verdade de uma Existencia infinita , e que parece negar-lhe a vida além. Fôrao simples dissertações escriptas em verso. Eu respeito , amo a idéa universal — encantadora ! sublime !

Eu sinto pelo meu tronco,
Desatadas sobre a aragem,
Tranças leves se abraçarem,
Cabindo prantos na lagem.

Prantos regão-me as raizes,
Banhão-me as folhas suspiros,
Abro os seios aos gemidos
Dos mais longinquos retiros.

Os queixumes soluçados
No sepulchro maternal
Penetrão, vibrão meu corpo,
Phantasma pyramidal.

Da viuva meiga e triste
Lacerados sentimentos
Seus labios vertendo puros,
Embalão-me como os ventos.

Solitario e mudo e grave
No meio do cemiterio,
Terra pallida de mortos
Envolve em fundo mysterio :

Dou sombra aos ossos da campa,
Faço o passante pensar,
Do negro bosque do inverno
Eu presido o desfolhar ;

Trajado de folhas negras,
Pinta-me o gesto a tristeza....
Mas, aos tumulos dou sombra,
E uma voz á natureza.

Medrosa e tão fida aos votos,
Amparo a virgem que chora,
A minha seiva alimenta
A que ella perde e descora ;

Louco amante, qual fechado
Na minha vestia fatal,
Sobre a campa da donzella
Deixa o corpo e um punhal :

E do peito qu'inda bate
Arranca a alma ! e qual vento
Passando leva-me, ás nuvens
Lançada n'um pensamento !

E no socego da noite,
Quando as estrellas esvoação,
Até que os raios do dia
Mãi de longe a terra ameação,

No frio jardim dos mortos
Eu vejo espectros nascer :
Todos irmãos me rodêão,
Ave nocturna a gemer ;

Desapparecem n'uma hora,
N'um duvidoso rumor ;
Renascem, vagão, murmurão
Sombrias longas de amor ;

Pelas muralhas contemplão,
Acenão passada a vida. ...
Porém, tão tristes caminhão
Para a eternal dormida :

Nas sepulturas os vejo
Sobre os ossos se estendendo,
E depois com o véo da terra,
Que rompêrão, se envolvendo :

A cada pedra que abate
Longo gemido se exhala.
Acorda o mundo dos vivos ;
No meu paiz tudo cala.

E do nascer ao sol pôr
Plantão mortos no jardim,
Novas flôres que com a noite
Vingão em torno de mim. »

Mystica sombra da vida,
Da morte a negra expressão —
Eu amo o cypreste ; a rosa
Não me esmalta o coração :

Encantos do afortunado
 Amoroso trovador.
 De cypreste a minha lyra
 Menêa canções de dôr.

XXVIII

A VELHICE.

Talvez ainda uma noite... Seus olhos
 forão no horizonte: um vinculo de la-
 gryma assomou: e o velho distrahio o
 pensamento.

Fria e pallida velhice
 Desce lá no fundo valle —
 Tão fundo, que não se enxerga
 Nas sombras envolto o leito!
 Desce, a paz leva no peito
 Como quando a palma envêrga:
 Do justo a vida se exhale
 Nos berços da meninice.

Gemendo ao peso da idade
 Fraquea o languido passo;
 E desce, e pára, rodêa
 Por toda a parte seus olhos:
 Adiante tecem-se abrolhos!
 Atrás um monte se arquêa!
 Deste lado encontra o espaço!
 Deste lado enche a saudade!

E depois n'um mar de pranto
 Naufraga, banha o horizonte ;
 E depois... sem remo e barca
 Não tem senão mar e ceo!

Toda a esperança perdeu,
 Seu pulso a vida não marca,
 Apaga-se o sol no monte
 Por entre nocturno canto.

Monte fatal d'annos seus
 De seus dias tão pesados,
 Erguidos tão lentamente,
 Tudo jaz no pôr do sol !

No cume'stá murcha a frol ;
 Roda a terra do occidente
 Em passos tão apressados
 Para o nascente de Deos !

Já sua fronte empallidece,
 Seus olhos lá se fitarão
 Longe, além... riso da morte
 Roça-lhe o vello da face :

Celeste expressão já nasce
 Em seu semblante. Tão forte,
 Como sua alma arrancarão,
 Olhando obliquo estremece !

Coragem ! mais um só passo,
 Da porta não recueis :
 Á casa de vosso pai,

« Tris
 Escra
 Tenh

Eu sin
 E mai
 Quere

Donde partistes, chegastes :
No caminho não cançastes ?
Descançai, entrai, entrai !
— Elle passou. Percebeis
Do viajante o fracasso ?...

Nada. Tudo emmudeceu :
A poeira do caminho
Sobre os seus rastos cahio :
Morre uma voz no horizonte.
Seccou a veia da fonte
Que pela terra sumio,
A ave parte ao seu ninho,
Um homem hoje morreu.

XXIX**A ESCRAVA.**

« Triste sorte me arrasta nesta vida !
Escrava eu sou, não tenho liberdade !
Tenho inveja da branca, que tem della
Todas horas do dia !

Eu sinto me crescer vida nos annos,
E mais veloz que a vida amor eu sinto
Querer abrir em mim... eu sou escrava,
Minha fronte é servil.

Por estes céos meus olhos amorteço,
 Nestas plagas de anil piedosa os canço ;
 Ah ! neste horror da escravidão perdida...
 Nestes céos não ha Deos !

Tenho amor, sinto dôr, minha alma é bella
 Aqui na primavera a espanejar-se !
 Porém nas proprias azas me recolho,
 O cativoiro as cresta.

Um só raio do sol não me pertence,
 Eu nunca o vi nascer ; quando elle morre
 Ainda o encarnado do occidente
 Não posso contemplar :

Mesmo esta hora que furto á meia noite
 Ao meu repouso do alquebrado corpo,
 A ver as estrellinhas nos meus olhos
 Como no manso rio,

Eu não tenho segura ! o vento leve,
 A lua como eu sou d'alvas camisas,
 Fazem-me estremecer ; eu vejo em tudo
 Meus soberbos senhores.

Eu me escondo, que a terra não me veja,
 Nas sombras da folhosa bananeira :
 E os insectos nocturnos me parecem
 Denunciar meu crime...

Oh ! n
 Minha
 Da br

Eu so
 Mais c
 Sóme

Do m
 Que r
 Mas,

Embo
 Prece
 Virge

Tenhe
 Quant
 Passar

Ouvir
 Dos v
 As flo

Oh! não digão que eu venho ao astro pallido
Minha sorte chorar... Eu tenho inveja
Da branca, porque tem todas as horas
Do dia todo inteiro!

Eu sou bella tambem, minha alma é pura,
Mais do que ella talvez... cança o meu corpo
Sómente o cru servir, nervosos medos
E o delirio da morte...

Do mundo o meu amor não se alimenta,
Que não ha liberdade: eu sonho os céos...
Mas, nos céos não ha Deos... na minha vida
Não ha nenhuma esp'rança!

Embora, o sangue do meu peito seja
Preces ao Creador, meu coração
Virgem dei-lhe: gemendo ao sacrificio,
Por elle inda se exhale.

Tenho inveja da branca, com tal sorte
Quanto eu fôra feliz! os dias todos!
Passára todo o tempo aos céos olhando,
Quizera ver meu Deos!

Ouvira todo o cantico dos passaros,
Dos ventos e das selvas e dos mares;
As flores eu amara como adorno
Do meu templo d'estrellas...

Escrava eu sou, embora abra-se a vida,
 Esmorece-me tudo e desanima ;
 Além deste horizonte eu nada espero,
 Aqui me vexa a sorte... »

Cantava o gallo preto: ella esquecida,
 Veio a aurora encontrá-la, que até hoje
 Não vira, nunca. Lhe pasmava a vista,
 Mas enlevada e doce, prolongando
 Nas faces novas reluzentes fios :
 E de um encanto rodêada esteve,
 Quando o açoite vibrou longe. — Era um preso
 Que gemia ao nascer, ao pôr do sol,
 Harpas memnonias se escorrendo em dôres,
 Até que desmaiasse, e adormecia
 Á cadencia dos golpes que o rompião.
 E o deixavão jazendo : a vida e o sangue
 Bófa em golfadas d'expirante bocca.
 — Todo o dia dormio, talvez sonhasse...
 Inda dormindo está, no braço o corpo
 Em desmembros lanhado se amontoa
 Transudando uma agua: a ver se é morto,
 Com a ponta do açoite o tócão : immovel,
 Ergue os olhos de vidro, e lento os cae
 Da luz aos passos lh'inundando os ferros
 De sombria prisão. Vive : e começa
 De novo a desfazer nos ais um nome ;
 E tornava a dormir, até que acaba :
 Inda o sacodem, gritão, e ferem ainda !
 — Era da escrava o irmão : joven como ella,

Gen
 Des
 De g
 De s
 Elle
 Que
 Foi
 De s
 Sym
 A vi
 Nos
 E do
 Com
 Puro

Tim
 Leva
 Com

Men
 Da f
 Em

E el
 Qual
 E cor

Gemeos do mesmo amor, ambos sonhando
Deste ideal que as almas arrebatava
De generoso enlevo. A linda filha
De seus senhores, da crioula inveja,
Elle amára, coitado ! ó cor, ó sorte,
Que negro e escravo o fez ! Sentenciado
Foi aos ferros morrer de fome lenta,
De sede lenta ; e na manhã, no occaso,
Symbolisando o sol, ir pouco e pouco
A vida mais sensível derramando
Nos laços infernaes do viramundo !
E do seu peito retalhado nasce
Como da terra um som subterraneo,
Puros orgãos de amor crescendo aos céos.

Timida espanta-se a crioula, e foge :
Leva o dia a vagar sósinha errante,
Como quem da existencia em despedida
Saúda o sol e os campos.

Mendigando piedade, chora ás portas
Da fazenda vizinha : os homens rião,
Em troco lhe pedião seus amores,
Sobre o seu collo uma hora :

E ella estremecia, e d'innocente
Qual vagas de pudor vinhão sobre ella.
E como o sol cahisse, ella voltava
De si mesma ao senhor.

Seu erro a confessar, os pés lhe beija,
Que a magôão : soluços não lhe valem
Nem pranto virginal nem Deos do céu,
Tudo emmudece á escrava !

Estendida no chão de finas pedras,
Que já sangrão-lhe o corpo que se arquêa,
Pedia a Deos justiça da innocencia,
Compaixão ao tyranno.

Peiada em duros nós, lhe começavão
Despir o corpo e o seio : ella tranzio :
Gargalhada infernal obliqua ao mundo....
Emmudeceu. Mysterio !

E seu irmão gemeu no mesmo tempo,
Em seu tumulto o sol tambem fechou-se,
E todos para o Deos partirão juntos —
Crioula, escravo e sol.

XXX

A MALDIÇÃO DO CATIVO.

Sou cativo, na côr trago a noite
Desta vida d'escravo tão má !
Mãos do dia que algemas nos tecem
Sanguinosas, no inferno são lá !

No silencio d'umbroso passado
Um gemido recorda sua dôr :
E o fracasso dos sóes qu'inda vem
Serão sempre gemidos de horror.

Inda mesmo que mude-se a sorte,
Inda mesmo que mude a nação,
Terra onde gememos em ferros
Junquem flôres servís — maldição !

Não dormido nos braços da esposa,
Que por terras estranhas vendida
Nunca mais eu verei : eu que a via
Entre os dentes d'uma onça incendida...

Vi seu collo arquejante cruzado,
Magoada sua face de amor...
Muito embora, mas nunca dobrada
De mulher que era minha ao senhor !

Entraçada com peias na escada,
Compassados açoites sibilão,
E banhados da carne que trazem
Vão n'arêa, e de novo scintillão :

E a cadencia do golpe e dos gritos
Mais o horrivel da scena redobra :
Ruge a fera de um lado ; a innocente
Oh, de dôres se morde, se encobra !

Vi seu corpo de negras correntes
Enleiado, que o roto vestido
Bem mostrava-lhe, e os ferros e o corpo...
Muito embora, mas nunca vendido !

Muda e lenta passou, fatigada
De um trabalho d'insano soffrer :
E os seus olhos e os meus se encontrarão,
E entre pranto vi pranto correr.

Dura vida, que amava, onde foi?
E nem mais minha filha e mulher,
Que em labores d'escravo erão brisas
Que em seus seios me vinhão colher.

A deshoras, sopito o tyranno,
Ao mortico clarão da candêa
Minha filha afagou minha dextra
Lá no rancho palhoso d'aldêa.

Minha filha cresceu, e formosa
Como a flôr lhe nascia a feição —
Erão faces de um preto retinto,
Erão olhos de um vivo loução.

E, depois da ignobil vingança,
Já vendida na praça, e por hi,
Sem respeitos á igreja — qual Deos,
Faz um'orfãa, uma viuva, ai de mi!

E da magoa infantil esquecido,
Doce mãi quando a obriga açoitar...
E eu cravei-lhe as cadeias... nós ambos
Só por ella esta vida a levar —

Abre os olhos de fera sedenta,
Amoroso da pobre filhinha,
Amoroso... que fera não ama :
Diz, fazê-la, rendida, rainha

Porém eu que no peito cozia
Ódio ingrato de um vil coração ,
Aguardava pretido a donzella
Da serpêa, fallaz seducção.

Mas a filha d'outrora paterna,
Bem depressa, qual sempre a mulher
Delirante do mundo, de amores
Em seus braços se foi recolher :

Desprezou minha benção ! perdido,
 Destruí-los pensei : desgraçado,
 Ambos juntos segui pelas sombras,
 Como espectro d'infernos armado.

Não que em sangue insensato almejasse
 Minha faca tingir : que ante o riso
 Da filhinha a quebrára, coitada,
 Também Eva peccou no Paraíso :

Mas nas hervas da dôr, mutilado
 Do tão crú meu senhor vingativo —
 Cepa fértil, que fructos lhe dava
 De alimento e de amor... ah ! captivo —

Eu fui cão de farejos damnados
 Trás da prole infeliz e o senhor :
 E esta faca como iuda se escorre
 Em dous sangues ! mas de uma só côr.

E eu agora por brenhas erradas,
 Por invias me fujo a vagar ;
 Seccas folhas meu leito da noite,
 Negra coifa por cima a embalar :

E phantasmas me cercão, medrosas
 Vão-se as feras no antro esconder ;
 Leve aragem, passando por longe,
 Sinto os gritos quebrar do descreer :

Tudo pasma de ver-me ! natura
 Treme o monstro como ella não gera !
 Não, sou homem tambem... E eu matára
 Mais mil vezes laivada pantéra !

Fujo as mádidas horas da tarde ,
 Molles raios da lua me aterrão ,
 E esses hymnos do sol dessas aves
 São sybillas que dentro me berrão.

E no eterno da dôr sombras lúbricas
 Vem-me a fronte d'insomnias pisar ,
 Se destorce o meu corpo , em minh'alma
 Se desfarpa o remorso a calar !

Mas de Deos não sou reprobado, o peito
 Nem malvado nem bronzeo é meu :
 Ensopado nos oleos do crime
 Onde geme a innocencia, accendeu.

E d'impuro que era, inda sinto
 Os meus ossos tremerem rangendo ;
 Oh ! são lavas que as veias me inundão,
 Febreas linguas me a pel refrangendo.

E eu matar minha filha... e nem prezo
 D'abrir sangue tyrannico, ignavo.
 Porém, sou renegado, assassino —
 E eis a sorte, e eis a vida do escravo.

Baldo em corpo, que outro homem domina;
 Alma esteril ruinando nos vícios,
 Desgarrada nas trevas da morte,
 Longo inferno de longos supplicios:

Oh! quem foi que forjou-nos os ferros?
 Oh! quem fez neste mundo o cativo?
 Açotado, faminto, sem crença,
 Sem amor — sem um Deos! — vingativo.

Vós, ó brancos, calcando soberbos,
 Inhumanos assombros sangrentos,
 Negra relva de humildes cabeças,
 Como alados de presa sedentos:

Não sentís esfolhada no peito
 Murcha paz d'esmaiada virtude,
 E de grata poesia estalar-vos
 Aureas cordas de um santo alaúde?

Não sentís sentimentos sublimes,
 Céos divinos d'enlevo e paixão,
 Estrangeiros medrosos fugir-vos
 Sem asylo no máo coração?...

Vossos filhos já nascem amando
 As delicias do açoitado brandido,
 Como os cães esfaimados se agarrão
 Pelo flanco ao tapir perseguido:

Nascer
 A for
 Quanc
 Despe

Castiga
 Mãos
 Quem
 Que a

Oh, m
 Para n
 Vós ab
 Dos ca

E mir
 Quero
 E o a
 Vá me

. . .

D

O

E

M

Nascem vendo essa nuve agoureira
 A formar-se de em torno dos olhos,
 Quando fazem-se em vidros, raivosos
 Despejando sanguineos desólhos.

Castigando sua mãe tão querida
 Mãos piedosas de tremula filha —
 Quem fizera! e sorrira-se ao choro
 Que ante os olhos maternos humilha?...

Oh, no inferno viveis que vivemos,
 Para nós não, os céos não se espraiaão:
 Vós abutres as carnes nos comem;
 Dos cordeiros as pragas vos cáiaão.

E mirrado da vida que soffro,
 Quero a triste na morte acabar:
 E o abysmo que a voz me sepulta,
 Vá meu corpo tambem sepultar...

.

D'escura gróta á pedregosa borda
 Lançando maldição
 O escravo sumio. Oco fracasso
 Bateu na solidão.

E as aves em coro levantárão
 Triste cantar,
 Monotono e carpido, erão lamentos
 De longe mar.

E na selva ululada do fugido
 O silencio cahio.
 E o vento estendeu compridas azas,
 E a folhagem 'strugio.

E eu prendo o ouvido contra a terra
 Que vibra os seios :
 Sonora ondulação de longe traz-me
 Latidos feios :

Traz-me por pedras deslocadas lenta
 Cadêa longa
 D'elos de ferro, que arrastada eterna,
 Lá se prolonga :

Traz-me rugir de fêra ; á voz do açoite
 Gemer profundo,
 Tão doloroso, tão de piedade —
 N'um vasto mundo !

Paris.

Eis-me
 Nem o
 Que p
 Esses

Um m
 Quanto
 Como
 Se est

Eu só !
 Em tro
 Dos m
 Desped

Nem o
 O' min
 O' dese
 —Sem

Na mise
 Para ne
 Por tod
 Choro e

XXXI

VISÕES.

Eis-me só! nem os zephyros me cercão,
 Nem ouço a voz da natureza e do homem:
 Que para sempre os meus ouvidos percão
 Esses horrores que o meu ser consomem!

Um momento feliz da solidão —
 Quanto tempo não faz que eu não respiro!
 Como treme de amor meu coração
 Se estrebuxando esta alma! Oh, que eu deliro!

Eu só! nem o meu Deus! que, desdenhoso,
 Em troco de um amor do peito ardente,
 Dos meus ais e do pranto esperançoso,
 Despede sobre mim sarcasmo algente.

Nem o meu Deus! que enchia-me de vida:
 O' minha doce esp'rança! ó minha crença!
 O' desespero, ó alma perseguida,
 —Sem crimes—quem te deu tão má sentença?

Na miseria eu nasci, nella crescido
 Para nella morrer, sempre miseria!
 Por toda a parte, e sempre! um vão gemido—
 Choro e morte a cabir da vil materia.

Que! tudo é miseravel neste mundo!
 Como as cousas se dão tanto valor! ...
 Lamentei-o de o ver o verme immundo
 Se julgando feliz, se dando amor...

Seccou meu pranto; e s'inda o vou chorar,
 Eu deliro, me espasmo de risada!
 Cuspo sobre o meu ser: vi o pisar
 Primeiro o Deos que o levantou do nada!

Não quero a luz do sol: se apague o dia
 Para o meu existir... que mundo horrivel!
 Fugi de mim, perseguição sombria,
 Pensamento de um Deos, e o ser visivel.

Negra noite, eu vos amo, quando a terra
 Passos d'homem não vibra, e nem da estrella
 Um só clarão; profundo o mocho berra:
 Amo essa ave, de horror essa hora é bella!

Antro da fêra, esconde-me como ella
 De sua pelle nas dobras mosqueadas.
 Sois meu anjo do amor, desgraça bella;
 Sois meu Eden, cavernas assombradas.

Aqui podem meus olhos apagades
 Se tornar accender, se encandêar;
 Mordido o corpo em ténebro rosnados,
 Felicidade póde inda encontrar...

Vida
 Minha
 Na fa
 Todo

Sobre
 Acena
 E pa
 Do a

E o c
 Astro
 Oh,
 Embo

Tende
 Não t
 Todos
 Nobre

E tu
 Em c
 Negra
 Dá-me

Serras

Vida, que és tu? Estorce-se convulsa
Minh'alma, e estala! O rei lá se embebeda
Na farça da existencia... A morte impulsa
Todos á mesma barca, á mesma quéda:

Sobre os olhos aperta estreita fronte;
Acena escarnicando: « ei-la, embarcai »:
E passa a humanidade humilde, insonte;
Do alto mar nos escólhos: « naufragai! »

E o que resta do homem? Ventos, vagas,
Astros brilhantes, não emmudecei...
Oh, verdade fatal, que assim me trágas!
Embora inda fícais e eu acabei,

Tendes noites tambem na vida évada,
Não triumphais de mim, nem vos lamenta:
Todos! descemos ás soidões do nada,
Nobres, eu, e o mendigo vil, nojento.

E tu ouves, acaso, Deos, tu ouves
Em contorsões me arrebetarem as veias
Negras d'agro cruor? Não, não me louves,
Dá-me pallido rir; porém, me creias!

Serras de Cíntra.

Dai-me um berço e uma sombra. Como invejo
 Esta vegetação dos mortos ! rosas
 Meu corpo tambem póde alimentar.
 Além passa o susurro da cidade,
 E nem quero dormir neste retiro
 Pelo amor d'ocio : mais feliz o julgo
 Quem faz este mysterio que me enleva,
 Deos sómente alumia este caminho.

Nasce de mim, prolonga-se qual sombra,
 Negra serpe crescendo-se annelando,
 Cadeia horrivel: sonoro e lento
 Um elo cada dia vem com a noite
 Rolando dessas frágoas da existencia
 Prender-se lá no fim — a morte de hoje
 Que procurava a de hontem ; a d'amanhã
 Virá unir-se a ella... e vai tão longa !
 Como palpita ! E eu deste principio,
 Mudo, e sem poder fugir-me delle,
 Já estou traçando com dormentes olhos
 Lá diante o meu lugar — oh, dôres tristes !
 Todos então ao nada cahiremos !
 E o ruido do crime esses anneis
 Não, não hão-de fazer : n'um só gemido,
 Fundo, emmudecerão somno da paz.

Oh, este choro natural dos tumulos
 Onde dormem os pais, indica, amigos,
 Perda... nem as azas ao futuro

Nã
 Qu
 Cor
 Ser
 Na
 As
 Nu
 Por
 Des
 Eu
 Me

Não sei vôar : a dôr é do passado
Que se esquece na vista enfraquecida,
Como fica o deserto muito longe.
Senão a morte me trazendo a noite,
Nada mais se approxima : solitario
As bordas me debruço do horizonte,
Nutro o abysmo de mágoas, de miserias !
Porto de salvação não ha na vida,
Desmaia o céu d'estrellas arenoso...
Eu fui amado... e hoje me abandonão...
Meiões do nada, desaparecei-me !

XXXIII

.....
.....
Quando nessas horas vagas
Docemente me encantavas
O pensamento de amor,
Por essas delicias magas
Novo sol me alumiasvas
Campos formados de flôr :

E erão minhas horas vagas
O feliz passar contigo...
Sob a voz de murmurio

Como da fonte nas fragas,
 Como de mar sem perigo,
 Como das folhas d'estio.

Seguimos sol da vida até o occaso,
 E o passado e os annos e a idade
 Seguindo os nossos passos nos despertão
 Em repetidos gritos : morre o echo
 No latejante abysmo, as flôres murchão.
 Nas florestas do horror a alma se ennoita,
 Vai gemendo a rasgar-se pelos troncos.
 A vida está minada de desgostos :
 Do pão da vil miseria se alimenta
 Na mesa da desgraça, a sede amansa
 Nas aguas da amargura ; vem a morte
 Piedosa embalar seu leito e estende
 A mão que alveja d'ossos amarellos,
 Entõa uma voz pallida, qual choro
 Que em moribundos labios adormece :

- « Inda tens de ver a aurora,
 « Ver o occidente a cahir,
 « Inda do mundo ao sorrir
 « Tens de soffrer, de gemer ;
- « Ainda verão teus olhos
 « Odio e sangue os céos de Deos !
 « Mentira nos labios seus
 « Nos teus ouvidos de horror !

Ber
 Dor
 Só
 Apa
 Por
 E, p
 Dei
 Era
 Sub
 Con
 Os c
 Nov
 E pa

Nem
 Salta
 Se a
 Teu
 Pela
 Pelas
 As lu
 Atrás
 Olha
 Desd
 Tudo

« Dorme, filho da desgraça,
 « Somno da pobre innocencia,
 « Dorme, dorme — na existencia
 « Inda terás de acordar. »

Bem cedo eu despertei ; antes quizera
 Dormir eternamente. Achei verdade
 Só na morte : o porvir estremecendo,
 Apagando o que passa, e o dia d'hoje
 Por trás das costas sacudindo ao nada,
 E, por desprezo, ao sol sómente ossadas.
 Dei um passo, escutei, voltando os olhos
 Era um festim : as luzes se apagarão
 Subitamente á exalação da turba :
 Confusão infernal ! na escuridade
 Os dentes batem, se mordião os homens.
 Nova luz apparece, o sangue lava,
 E para envergonhar-se um só não vive.

Nem ólho ao mundo sem me rir de vê-lo :
 Saltadores delphins lédos de vida,
 Se abraçando com a morte, dança. Sente :
 Teu passo mais risonho á morte chega ;
 Pela senda mais doce e mais florida
 Pelas mãos ao destino ella te leva ;
 As luzes do prazer mentem que ha céo,
 Atrás dos prismas da illusão jogando :
 Olha sobre ti mesmo—homem, que horror !
 Desde ti a perder-se onde tu penses
 Tudo é miseria, e tudo é só desgraça.

XXXIV

VISÕES.

Varre aquilão : frondoso ethereo bosque
 Despe as folhas do dia ; sazonado
 Cae através da tarde o fruto de ouro,
 Entre nuvens de aroma o sol vermelho ;
 Nocturno prado de matizes cheio
 Roça a lua com as azas prateadas ;
 Encostado no sul pende o cruzeiro ;
 Vai d'estrellas Urano rodeado.

Tudo perdi na vida... hei muito amado
 Todavia, e sem fim ! meus dias, noites,
 Meus annos todos, todas minhas horas
 A amor eu dei : bem vezes soluçando...
 Minha alma é seccas folhas em pedaços
 Partidas pelo vento ; pelo espaço
 Perde-se esteril som meu pensamento
 De quebrado alaúde. Em teu socego,
 Sombra da tarde, fugitivo guarda-me :
 Só tu sabes calar-me a voz dos labios
 Amargosos, descrentes ; branda calma
 Estender sobre mim no desespero
 Me roxeando em contusões de morte —
 Eu não sei o que eu sou, porque amo e choro :

Del
 Faze
 Para
 Fall
 Indo
 Siler
 Mela
 Emb
 A m
 Os e
 Á ler
 Pela
 Ou s
 Hora
 Para
 Foge
 Quer
 Sorte
 Quar
 Para
 Onde
 Um
 T'o r
 Co'a
 Só pr
 Meu
 Nem
 Julgu
 Para

Delirio, esforço vão ! Sombra da tarde ,
Faze cahir a noite na minha alma
Para um somno sem sonhos. Como és bella,
Fallecendo entre córos de suspiros
Indo por toda a parte ! é melancolico
Silencioso o bosque, a voz do vento ;
Melancolico o mar, nos seus desertos
Embalando a canção dos marinheiros ;
A montanha palmosa, o rio mudo ,
Os campos melancolicos, gemendo
Á lenta voz do gado, e dos pastores
Pelas cortinas tristemente e baixo ,
Ou sentados á porta da choupana.
Horas da tarde, quem vos fez tão frias
Para me adormecer?... Máo pesadelo,
Foge, noite, de mim ; tuas sombras cáião ,
Quero ver inda o sol ! Oh ! malfadada
Sorte do homem : quanto mais fadigas,
Quanto mais existencia — mais um dia,
Para ainda soffrer na mesma terra
Onde em vão desesperas, tu mendigas !
Um só dia é tua vida, o mesmo sol
T'o repete continuo, o mesmo sempre
Co'a mesma noite e aurora, e os sonhos mesmos
Só promette a esperança ; ella só mente.

Meu destino fatal ! de meu não tenho
Nem uma hora sequer : esta em que eu fallo ,
Julguei-a minha, quiz d'egoismo tê-la,
Para dá-la ao meu tumulo... passou ,

E perdeu-se. Meu Deos, como eu te vejo
 Presidindo o teu orbe, e a mim no leito
 Do soffrimento que me dás, e a terra
 Em mil fórmas — de frutos, d'homens, d'aves —
 Hoje a fazer-se, por comer-se inda hoje,
 De tão má, tão faminta que a fizeste !
 E ris deste espectáculo, impassivo
 Lá no teu céo dormindo ao nosso pranto !
 E ris mofando ao moribundo em vascas,
 Quando em berros estorce o corpo e os braços,
 Debaixo do carrasco em negra luta,
 Em sinistro brandear ringindo o leito !

Reptil creador comendo os filhos,
 Quiz comparar-me a ti ! fui assassino,
 Por ver a dôr, que tu amas, no meu peito.

Amei a formosura: mansa e timida
 Á minha voz seguio-me... como inda amo,
 Que estremeço de ouvir-me a negra historia !
 Amando por amar, toda ella amores,
 Um desmazelo virginal, infante;
 Meu amor, minha escrava, minha filha,
 Candida mãe, senhora, que adorava;
 Sua vida minha só, vida que eu dei-lhe;
 Que ella soube me dar, sua minha alma:
 Creação de nós ambos nós sómente.
 Depois que dentro dos desertos vi-me,
 Só com ella e contigo, Deos, ferindo

Es
 Qu
 Se
 De
 En
 E u
 Un
 Qu
 Eu
 Nos
 Ave
 Nas
 Ind
 For
 Liq
 Nos
 Duv
 Feri
 Feli
 A vo
 N'un
 Em
 Penc
 Que
 Canc
 Lang
 Ave
 Onde

Essa corda afinada ao som mais alto ;
Quando a vi delirante a desalmar-se
Se envergando em meus braços, d'innocente
De um choro natural, senti-me fera,
Enfuzada e com sede, aos teus escarneos !
E um deos me vendo (como tu, creei-a,
Unica esphera sua, em mim te via ;
Quiz matá-la tambem, nem criminoso
Eu sou, qual tu não és, tu, enlevado
Nos dolorosos gritos de teus filhos),
Ave branca, rompi-lhe o liso collo
Nas minhas mãos de ferro ! Ella expirava...
Inda o meu nome doce em seus suspiros
Formava, e desfazia-se; inda uns olhos
Liquidos, lentos, tremulos voltavão
Nos meus olhos d'inferno ! Tão piedosa,
Duvidar, parecia do meu peito
Ferino e monstro ! como em sonhos, busca
Feliz realidade, ouvir-me ainda
A voz do caro amante : repudiada...
N'uma comprida esp'rança esvaecendo
Em lagrymas em ondas, desfallece
Pendente aos braços pallidos da morte,
Que o homem bruto lhe estender não soube,
Candido lirio vivo. Erão meus olhos
Lançando um fogo... e o que lançavão era alma !
Ave branca ! ondulou morrendo, e a terra
Onde fria cahio foi no meu peito.

Quero a morte: deter tomo-a nos braços,
 Sacudo-a, grito — que me digão antes
 Do alento final esse mysterio
 Que faz desesperar... Sómente um nome
 Achei, meu nome lhe passou nos labios:
 Negra morte nos meus, quando eu dizia,
 Predispondo os sentidos miseraveis,
 « Espera — espera — agora — morre — morre ! »

Os teus fieis a ti no passamento
 Bradão também, também mandas que morrão.
 Ali tudo ficou, gelou no sangue
 O ar que é nossa vida emquanto ondula
 Quente e agita o coração e as veias,
 Faz o peito sonoro e as faces tintas.
 Onde a alma?... Eu vi! seu corpo á terra
 Tudo arrastou, se consumio com ella.

Como eu era, Senhor, te encontro sempre
 Sem ter descanso, pelos teus dominios.
 Uma victima só dôr deu-me eterna;
 Mil em cada momento apenas podem
 De suspiros formar o ar que respiras!
 Uma só voz extincta a mim gritava,
 Uns olhos só me olhãrão: Deos sómente
 De uma só creatura, uma só vida
 Minha foi, acabei-a, exausto eu morro.
 Porém tu viverás: quando este mundo
 Já não der-te alimento, creas mundos.

Do
 Di
 Es
 Br
 E
 Ta
 Qu
 En
 O s
 (Ma
 Por
 Sin
 E t
 Qu
 Tin
 Seu
 E o
 Se a
 O tr
 Me
 Ant
 Pall
 E d
 — C
 Uni
 Que
 Nua
 Esc
 Pres
 Gran

Do teu rebanho os ultimos balidos
Dizem teu nome, como t'exprobrando;
Espasma-se nos teus o derradeiro
Branquear dos seus olhos, tão mendigos
E tão fieis á promettida esp'rança....
Tal nas mãos do pastor agno mimoso,
Que deu tantos carinhos, que dormia
Entre os seus pés, nos rastos seus andava —
O sangue derramando, espera ainda
(Material esperança!) e cré na vida.
Porém, juro-te, Deos — farto para sempre,
Sinto minha alma de remorsos cheia!
E tu?... Com a vista me rodeio: as aves,
Que no entrar da espessura nos saudarão,
Tinão fugido; pelos ramos inda
Seus desplumes seu medo me disserão;
E os meus cabellos eriçados, grossos,
Se alisavão co'a fronte; o rio, os ventos,
O tronco vegetal tinão parado
Me vendo! Eu despertava em meu delirio
Ante a realidade! a virgem morta,
Pallida e fria a reconheço, eu rujo!
E de homem ver-me, comecei chorar.
— Quiz seu corpo aquecer sobre o meu corpo;
Uni sua bocca á minha, a voz lhe dando,
Que o tumulo não guarda. Em verdes folhas
Nua deitei-a, as mãos postas, e as tranças
Escorrêrão-lhe em torno. Dias, dias
Preso a seus pés levei a contempla-la!
Grandes e abertos sobre mim ficarão

Seus olhos fixos e vidrados, longos
Como a meditação de uma sentença !

E a terra animada desfigura-se :
Grão de poeira que o vento ergueu n'uma hora,
Passeiou sobre a massa de que é parte,
E sobre si cahio, se envolve e perde.
Eu vi ! — seu corpo transparente inchando ;
Perderem-se os seus olhos nas suas faces ;
Humor fétido escôa-se da carne,
Tão pura e fresca, tão cheirosa inda hontem,
Que ella amou apertar em mim, d'insonte
Frenetica de amor, nervosa e tremula !
Formosa ondulação das castas ancas,
Dos seios virginaes, da alva cintura
Bella voluptuosa... disformou-se
Em repugnante, (quem que a vira e amára !)
Em nojenta, esverdeada, monstruosa
Onda de podridão ! Zumbião moscas,
Famintos corvos sobre mim se atirão,
Recurvas unhas regaçando e abrindo
Negras azas e o bico, triumphantes
Soltando agouros ! Eu a defendia
Da ave e do insecto, que irritados vem-me.

Presenciei desfazer-se esse mysterio,
Que foi meu céo na terra, onde eu pensava
Existir e morrer ! Homem o que és ?...
De dia vinha o sol ferir sobre ella,
E como a lua o nitido cadaver

De
Vap
S'in
Bra
Cor
De
Enf
Vap
Ver
Ven
Os l
Seus
E os
Corr
Dess
Dian
Oh !
Julg
Della
Fujo
Depo
Escôa
Seus
Oh !
De ta
Que t
Porqu
Deos
Que s
Encor

De azulado ambiente rodeou-se ;
Vapores levantavão-se em corôas
S'inflammando, perdendo-se : de noite
Branco fogo pairava docemente,
Como as roupas de um anjo sobre as pontas
De verdoso juncal, no espaço aonde
Enfraquecia a exalação na aragem
Vaporoso espalhando-se. E depois,
Vermes internos que espontaneos nascem
Vem rompendo-lhe a pelle se delindo...
Os labios pudibundos rebenárão...
Seus olhos !... se fendião seios, faces
E os castos flancos !... um soroso liquido
Correndo pela terra... Eu quiz limpá-la
Desses monstros horriveis, que a comião
Diante mim ! porém, tudo era immundicia.
Oh ! quantas vezes me lancei sobre ella,
Julgando tudo amores, tudo encantos
Della emanando em limpidos arrosios !
Fujo de noja... de piedade eu volto...
Depois, como as enchentes pluviaes
Escôando, que os troncos já se amostrão,
Seus ossos vão ficando descobertos.
Oh ! mirrado eu fiquei do soffrimento,
De tanta dôr curtir ! E tu, ó Deos,
Que tudo acabas, soffrerás tambem ?
Porque tão miseraveis nos fizeste,
Deos d'escarneo ? teus filhos nós não somos..
Que sorte de alimento ou de deleite
Encontras na desgraça deshumana ?

Bello horror da existencia — formosura,
 Filha da natureza engraudecida
 No seu peccado e morte, meteóro
 Enganoso da noite, flôr vermelha
 Em veneno banhada, mulher bella!
 — Tudo ali 'stá! — ó mundo! mundo... mundo...

Inda é meu amor esse esqueleto,
 Vive commigo: dou-lhe còr ás faces;
 Muito sorriso á bocca descarnada;
 Ás orbitas sombrias molles olhos,
 Como de nuvens rodeado o sol;
 Mellifluas tranças á caveira branca,
 Errando os crespos na aridez do peito
 Que encho de frutos, de suspiros, vozes,
 De um terno coração vibrando amante!
 Mas... essencia immortal não sahio della:
 Embalde interroguei mudo cadaver,
 E os ossos amarellos nem respondem!
 Mas, aqui a mulher não é perjura:
 Só lembrança de amor santo evapora —
 A belleza se fórma ao pensamento,
 Á saudade suas vestias se derramão.

No cimo da montanha solitaria
 Vou levantar-me: grito, Deos, teu nome,
 Deito os ouvidos.... surdo o echo apenas
 Rompendo vai-se do pendor ao valle,

Pelos rochedos, na caverna umbrosa,
 No tronco das palmeiras. Ólho ao longe :
 Ara o campo o colono, o sulco exhala
 Cheirosa emanação tépida, humente ;
 O carro cantador passa no valle
 Entre as rusticas vozes somnolento ;
 Cobrem a selva os areaes de prata,
 Cobrem o dorso dos bois ; verte lamentos
 Moribundo acauan no fundo bosque,
 Mesta espessura de soluço enchendo.
 Mas, inda o que eu sou não m'o disseste,
 Ninguem m'o respondeu : me falle embora
 Que tu sejas, a matta, este penhasco,
 O sopro deste vento assim mugindo,
 Como as almas dos mortos te buscando —
 Nellas não posso crêr, não posso crêr-te,
 Que em mim não creio ! Deos, dá-me outra essencia,
 Muda o meu ser, substitue minha'alma
 Para poder te amar, crente e feliz,
 Feliz ! E' meu soffrer o desespero,
 Este desejo e carecer.... que aspiro....
 Minha morte eternal ! muda o meu ser.

E és tu mesmo que dás minha descrença !
 Passava a vida a procurar-te — Escuta :
 De dia ao desespero me levaste ;
 Tirão meu somno á noite os teus sarcasmos.
 N'um deserto, mui só, de terras vastas,
 Sem um vento e nem voz, o sol sómente
 Sobre a minha cabeça achei batendo ;

Não havia mais ar, baldava as forças
 Por soltar-me, e mil braços me enleivão ;
 E eu apenas pensava na existencia ,
 Alma e corpo, e um Deos. O sol se apaga :
 Em cima delle um monte alcantilou-se,
 E ãa face de ferro se brunia
 Sob elle, como liso era o meu plano :
 Azas nascêrão ; e uma mão, que o tinha,
 O larga sobre mim — foi um momento :
 Mais negra se fazia a escuridade ,
 Elle mais perto já ; lá vem ! lá vem !
 Faz um vento, que a sombra espessa, acalca ;
 Penetra a atmosphera, que se estala ;
 Já range e arrebenta-se nos ares,
 Furacão na floresta á meia noite ,
 Aos echos infernaes deixando lascas ,
 Centelhas vivas. Esmagou-me em atomos.
 Uma dôr me passou, qual uma nuvem
 Que se inunda de luz, vai-se escòando :
 Leve fumaça alevantou, perdeu-se.
 Assustado acordei — lá ia o sol.
 — Outras vezes sonhei prisões d'inferno,
 Por onde eu era horror, e horror vi tudo.
 Outras vezes sonhei na concha de ouro,
 Só, no ar embalado. Outras sonhava,
 Então com azas de mimoso fogo
 Igneos pés abraçar da Eternidade ,
 E de lá ver o tempo sobre o mundo
 Voando, de que eu mais não carecia.
 Outras vezes sonhei, morrer meu corpo

Porqu
 Outra
 Em su
 Como
 Ella p
 Em de
 Ou no
 Elle p
 Que se
 De vid
 Nas to
 Para tr
 A mast
 Oh ! da
 Na paz
 Estes e
 Florir

Nasce a
 São tur
 Rompe
 Ethereo
 Vai no l
 Saltão
 Borbole
 Ainda a
 Inda te
 . . .
 . . .
 Que min
 Como fol

Porque morria a alma dentro delle.
 Outras, que não ha morte: o corpo e a alma
 Em sua luta final que se separão,
 Como a que a sorte das nações decide:
 Ella por ir viver por hi — no céo —
 Em descanso talvez, ou livre ao menos,
 Ou nova terra, e amar novos amores;
 Elle por desfazer-se em outros seres,
 Que se desfazem n'outros, a perder-se
 De vida em vida. E eu inda acordava
 Nas torturas do adeos, nesses estorços,
 Para trás a cabeça, em vasca os olhos,
 A mastigada lingua despejando.
 Oh! dá-me ao menos que de ti me esqueça:
 Na paz dos corações talvez tu desças
 Estes estereis, desgraçados campos
 Florir verdes — de ti, do amor, da crença.

Nasce a manhã no céo, alvas formosas
 São turbantes do sol: hymno encantado
 Rompe a terra, que leva ao som dos orgãos
 Ethereos, do regato e do arvoredos;
 Vai no horizonte uma ave; pelos campos
 Saltão flôres e orvalhos, mil doiradas
 Borboletas ao sol se embalançando.
 Ainda a minha voz diz o teu nome,
 Inda te escuto... mas, descreio ainda!

 Que minha alma arrancou de mim passando,
 Como folhas do matto o vento leva?

Que musicas divinas opprimirão
 Meus ouvidos de afagos de harmonias !
 Que é isto que me enlêa, que me prende,
 Que me atrai p'ra as nuvens que me embalão
 No occidente de fogo, e a voz me abafa ?

.

 Senhor! Senhor! perdôa, Deos, perdôa !
 Ouvi tuas harpas, na sua voz estavam
 Vozes celestiaes — liquidas veias
 Tecião-se na relva do teu sólo,
 Pelos teus pés divinos se humilhavão.
 Para o verme vaidoso em terreo lodo
 Desdenhaste fallar; porém eu te ouço
 Nas vibrações sonoras do instrumento
 Que em suspiros degela o peito meu.

—
 Sob um montão de ruinas, um tugurio,
 De palacio que foi, ora occultava
 Do sol do mundo uma familia: outrora
 Soberba e radiosa, de mil homens
 Ou de amigos (nogentos mascarados,
 Homens e amigos, raça desgraçada)
 Rodeada d'incensos, de sorrisos,
 De meiga adulação. Fulmina a sorte;
 As ondas inconstantes da fortuna
 Sobre si refluindo, á praia secca
 Deixou ao desamparo o pobre naufrago:
 E, esse bando de abutres, quando o virão
 Só, deseccado, desaparecerão!

Hoje
 Desca
 Cahir
 Medit
 Ao pu
 Das v
 Conte
 Oiro
 No ve
 Desbe
 D'ara
 Quebr
 Ali a
 Ali jo
 Luzer
 Que n
 O tem
 Um es
 Escap
 O ven
 Dante
 Magro
 Vendi
 Em m
 Dias d
 Temp
 — Um
 Por es
 Sômb

Hoje sómente o caminhante pára,
Descansa uma hora á sombra das paredes,
Cahindo os torreões, passeia a vista,
Medita a vida, e se levanta e segue,
Ao punhal da saudade abrindo o sangue
Das veias da alma. No montar das ruinas,
Contempla. Ali a sala onde rugira
Oiro sanguinho, no fulgor das luzes
No velludo e crystal: pulverulenta,
Desbotada a pintura, ondèa o tecto
D'aranhoso teçume, o umbral pendente;
Quebrados moveis, apagados, terreos:
Ali a seda resvalou das bellas,
Ali jorrou clarão de amor, que excita...
Luzente o chão — lá está, fendido e sujo,
Que não pode fender ruidosa dansa...
O tempo, a sorte como tudo estraga!
Um escravo que apenas da rasoura
Escapou, lento passa, mal coberto;
O vento o leva, os olhos fundos, tristes,
Dantes tão ledos nos serões cantados;
Magro, só geme, que sua mãe vendida,
Vendidos seus irmãos, vai acabando
Em mudo trabalhar penosos dias...
Dias da escravidão vós sois bem longos!
Tempo, correi, passai, sumi sua vida.
— Um echo doloroso prolongava-se
Por esses desolados aposentos
Sómbrios — d'outrora... E tu fizeste mais...

O mar vanzêa preguiçosas ondas
 No oleoso deserto, e muge e berra
 Sobre a praia arenosa, longe: ó mar,
 O' meu irmão do isolamento e lagrymas,
 O' mar, como eu te amo! O que tu dizes
 Nesse choro profundo? acaso triste
 Lamentas meu delirio? acaso sabes
 Quem deu-te a voz a ti, dôr á minha alma?
 Responde, mar! Ai! não, tambem demandas
 Quem prendeu-te nas margens, que não salvas,
 E dentro dellas assanhado bramas,
 O peito ensanguentando pelas rochas.
 — E arido este céo com tantos astros,
 Cemiterio d'espectros luminosos
 Com ar de menosprezo cortezão,
 Só reflecte monotonos esgares —
 Incentivo da dôr, do desespero;
 Do desprezo, talvez! Descrença eterna,
 Inexgotavel calice me encheste
 Neste mundo sem fim, para nutrir-me
 Nesta morte eternal que arranco ás noites!
 Dias d'alma, que o sol luz á materia.

Aond
 E isto
 É tua

Tenho
 Repug
 Sentar
 Aridos
 Pastar
 Teus
 Tenho
 Limpic
 Mas, te
 O' Deo

Porque
 Vagar
 Qual d'
 Formac
 Errante
 Para na
 Figura
 Pela fac

XXXV

VISÕES.

Aonde eu vou, Senhor, onde me levas ?
 E isto que me arrasta, e que eu não vejo,
 É tua mão ? Oh, então leva-me, leva-me !

Tenho fome : mas, sangue não me nutre,
 Repugno de comer os meus irmãos,
 Sentar-me á mesa dos humanos corvos,
 Aridos olhos de faminta chamma,
 Pastar sanguentas póstas de cadaver —
 Teus filhos como eu sou, nasci da terra.
 Tenho sede : horroriza-me sorvê-las
 Limpidas ondas nos meus pés tão mansas !
 Mas, tenho sede... Leva-me á tua fonte,
 O' Deos, dá-me beber a agua da crença.

Porque fujo dos homens ? porque eu amo,
 Vagar pela montanha e pelas praias,
 Qual d'outra essencia, qual d'arêa ou d'onda
 Formado, e como espectro, e como sombra,
 Errante uma hora e desaparecendo,
 Para nascer de novo e inda perder-se,
 Figura hebraica que os desertos fórmão
 Pela face arenosa escorregando ?...

Não tenho uma familia na minh'alma
 D'irmãos, d'irmãs tamanha ? e porque amo
 Só tê-los na minh'alma, e longe delles ?
 É que a distancia prende mais o amigo,
 Como a dôr que Deos dá faz mais amá-lo ?
 Que encantos vejo em ver-me só commigo,
 Com a lembrança dos mortos e o passado,
 Cemiterio de craneos florescido ?
 Estar com minha lagryma espontanea,
 Que eu nem sei porque choro ; e solitario
 N'uma isolada solidão, que eu veja
 Muito longe, que eu só viva no meio
 E por mim, sem ninguem que dê-me a vida,
 Sombra pesada e vil?... (« Não tens nas mãos
 Teus dias?... Deos t'engeita... Deixa os vivos,
 Enteedo da terra, esteril peso,
 Elles respirem livre... » Ouço o demonio !)
 Mas, no deserto eu vivo, nem procuro
 Rama d'arvore : o sol me queima a fronte,
 De seus raios me visto qual de fogo,
 Chamo o sol meu irmão e a natureza ;
 A manhã minha virgem nova e bella
 Por quem morro de amores ; amo a tarde,
 Que minha mãe semelha ; o vento, os montes
 São meus amigos ; minha musa a noite ;
 Noite minha alma, os sonhos as estrellas
 Que me adormecem na piedosa luz ;
 O rio, o mar, o lago melancolico,
 Meu ser d'hoje e o passado ; e o meu futuro...
 Oh, meu futuro ! a tempestade e o raio

Sono
 Tão c
 Quan
 Se un
 Irei e
 Com
 A mi
 Por to
 Ocean
 Uma
 Suspe
 Deos a
 Nessa
 Lança
 Sobre
 Branc
 Cabir
 Deixa
 Tão ca
 Sómer
 C'os ir
 Tu, es
 Nasc
 Vive s
 E por
 A alma
 Ella q
 Porqu
 Indign

Sonoras velas do navio rasgão
Tão quasi a naufragar cortando o golfo.

Quando cahir meu corpo sobre a terra,
Se uma alma eu tiver que Deos não queira,
Irei então morar sobre um rochedo
Como ave do mar, que dê só pouso
A mim, o mais, cercado de oceano
Por toda a parte e céu que perca a vista ;
Oceano remoto, onde não passe
Uma vela, que qual fanal me veja
Suspenso no horizonte. E se minh'alma
Deos a quizer, ó vós que mais me amastes,
Nessa pedra isolada como eu sonho,
Lançai meus tristes ossos espalhados
Sobre essa pedra de soidão : á noite
Branca aurora virá trazendo orvalhos
Cahir fagueira. E se alma nós não temos...
Deixai-os inda lá dormir tranquillos,
Tão cançados da vida ! com suas ondas
Sómente e o sol e a tempestade bella,
C'os irmãos que eu amava os rodêando.

Tu, essencia immortal do nosso corpo,
Nasces com elle ? és filha d'elle ? o creas?...
Vive sem alma o bruto, o homem morrerá !
E porque ? Se organisados todos somos,
A alma, que do corpo não carece,
Ella que vive só mais venturosa,
Porque o não deixa como o bruto, quando
Indigno della ? Conjuncção sublime !

Sublime aniquilar! A eternidade
 Sómente a Deos : a nós, homens d'argilla,
 O genio para olha-lo, o amor, o canto,
 E este vago anhelar... alma, existencia
 Do pensamento, que mais sobe e luzo,
 A elle todo! Nutre-se em desgostos
 Grosseira esp'rança, e nada a satisfaz :
 Triste e cansada a bemaventurança
 Desse dia sem noite, que descansa,
 Não valera depois : « e Deos que importa,
 Se paramos aqui... » tambem o avaro
 Nunca se farta de ouro, a aguia mais alta
 Mais quer subir as solitarias nuvens ;
 Ao marmore da estatua que talhaste
 Deras vida, tambem morrera humana ;
 Fizera-te immortal, mil outros deoses
 Quizerão derribar seu pai, mais goso
 Sonharião além. A eternidade
 No homem !... Deos, perdõa ; dêste o sonho,
 Tão fresco embalançar, suave engano
 Da vaidosa loucura. Quanta vida,
 Quanta felicidade neste mundo !
 Amor desde o nascer, e sempre amor
 Até nas tristes lagrymas da morte !
 (Religioso terror ! lá passa enterro...
 Sons de sino rodêão-me tão funebres !...
 Avante !) ás nossas mãos fecunda terra
 Doira rubentes frutos, flôres abre ;
 Uma voz doce e maternal no berço,
 Ledice innata vê sorrir a infancia ;

Os
 Ten
 As e
 Di-l
 Sah
 Das
 Qua
 Dor
 Que
 Nada
 Irás
 Que
 Ace
 E de
 Eis t
 A nó
 Está
 Ond
 Que
 Digã
 Qual
 Semp
 Sabic
 Desd
 Circu
 Sahin
 Nós s
 Noss

Os amores depois; inda a velhice
Tem prazer e illusão. Diz-nos cada anno
As estações o circulo da vida,
Di-lo um dia ligeiro : vejo a esphera
Sahir das frias sombras e tornar,
Das mesmas cinzas renascere[m] vidas.
Qual instruida a terra de seus filhos,
Dores hoje, amanhã gosos lhes verte,
Que seriam monotonos. Senhor !
Nada sei. Nô mysterio que gerou-te
Irás perder-te, luz de teda pallida
Que arde enquanto o ar rodêa a flamma :
Accendêrão-te aqui, além te apaga[m],
E depois ? e depois !... Olha a teu lado,
Eis teus ossos ali ! A eternidade
A nós nos levantando desta terra,
Está na successão da vida e morte :
Ondulação dos ventos animados
Que já vimos vivendo neste tempo.
Digão embora os prophetas, não sabemos
Qual foi seu nascimento : vejo tudo
Sempre na mesma idade ; houverão sempre
Sabios e hão de existir ; o dia é mudo
Desde a aurora ao sol pôr. Gyro dos ventos !
Circulo eterno que descreve o sol !
Sahimos de uma noite, entramos n'outra,
Nós somos um só dia, e nós contamos
Nossos minutos pelas nossas dôres.

Alma do homem, se immortal tu és,
 Como cresces com os annos da criança?
 Como desmaias quando o corpo enferma?
 Pendurados nos seios maternas
 O da Grecia, o de Roma sempre forão
 Como quando da idade aos echos longos
 S'encostavão ao bordão septuagenario,
 Pendião a vista, o pensamento immenso,
 Como se ao peso delle oppresso o corpo
 Frouxo se desfizesse em eternidade.
 Não tens idade, és infinita, és uma:
 E á materia momentanea desces,
 Segui-la engrandecendo-te com ella;
 Inimiga que é tua, vens amá-la,
 Vestir a virgem de pudor, de encantos,
 Apodrecer ao pestilente clima
 Da prostituta immunda, e por vontade,
 Que do corsel as rédeas tu governas!
 O que vens cá buscar? romper tuas azas
 Que são divinas, succumbir ás dôres,
 Ás torturas da carne: oh! fôras louca,
 Hospede errante das regiões ethereas,
 Vir sobre a pedra repousar tão vil,
 Descançar uma sésta, e já partida
 Á presença de um Deos ir ser julgada!
 E não foi elle que mandou-te á terra,
 E porque tudo fez, tudo sabendo,
 Medindo os passos teus antes que os movas?...
 Fazem de Deos um monstro, te fazendo
 Simples escarneo seu. Morta a razão

E o
 O co
 A gr
 Med
 Que

Noss
 Dest
 São
 Sem
 O pe
 A atr
 E' se
 Os fr
 E as
 Ama
 Amor
 E par
 Mater
 Amer
 Mãi e
 Esse
 Do q
 « Ad
 Mand
 E cur
 Do m
 Aman
 Pede

E o sentimento livre e a consciencia,
O corpo vale mais : candida filha,
A gloria do Senhor, teu ser eterno
Medem teus altos vôos ; mais vais, mais vives,
Que a Deos sómente a absoluta vida !

Nossa vida este sangue, a seiva d'arvore,
Desta arvore pensante e divinal ;
São perfumes nossa alma, differentes,
Sempre anhelante a se perder nos céos ;
O pensamento, o resplendor que a cinge,
A atmosphera vegetal ambiente ;
E' seu tronco o amor, a gloria ; os ramos,
Os frutos e o sombrio gasalhoso
E as flôres—a virtude, o crime. E' bello
Amar um Deos, oh ! sim, que um pai nós temos :
Amor, que fazes dôr, que a dôr esqueces !
E para amar nem peço alma infinita —
Material condição do mundo aos céos.
Amemos de amor santo, amor sem esp'rança,
Mãi enganosa da ambição, dos vicios :
Esse amor natural é mais divino,
Do que quando nos dizem duramente :
« Adora o que a vingança aguarda, o raio
Manda e a peste, o Deos de sangue e morte ! »
E curvão-se os cobardes, mas não amão,
Do medo infame e do terror ; escravos
Amantes !... como o pai vibrando o açoite
Pede a benção do filho. Amor mais puro

Demos ao Deos dos homens, por nós mesmos,
 Como os passaros cantão na espessura.
 Embora o sol se apague, os rios sequem,
 Não vamos d'interesse ante os altares
 Lagrymas d'olhos espalhar, vilmente
 Miserias confessar aos impostores,
 Mais miseraveis inda, que se ennovão
 Na esperança de que elles purificação.
 Commercio d'alma nos marmoreos céos
 Entre o povo e o ministro, o rei sopito
 Pela alta nuvem : e, quando despertado
 Aos latidos do crime, iremos, nojo!
 Chorar, pedir... Choremos todo o dia,
 Porém, movidos de um amor — da crença!
 Triumpho á consciencia, e suffocado
 Estale dentro o coração perverso !

Deos deu-nos para nós o mundo todo,
 O sol, os astros e este mar e a selva;
 Deu-nos vida e saber. E o homem pede,
 Por pedir, por sonhar pede sómente,
 O salario do goso em recompensa
 De uma existencia d'azas soltas, pura,
 Que elle proprio só mancha ! então gemendo
 Sente do vicio as farpas. O innocente
 Bem vezes soffre : mas, o sangue d'elle
 Banha a sociedade que o condemna :
 O homem crea o mal — por consumi-lo —
 Contra o seu deos, oh, prole generosa !

A ete
 Pela
 Na ad
 Para
 A jus
 Tamb
 — E'
 Candi
 Lagry
 Em p
 D'alma
 Nem
 Da na
 Sobre
 A vero
 Não fo
 Eu qu
 Mentir
 Duvida
 — Se
 Homen
 Vejo u
 Pura re
 Do sen
 Me lev
 Vejo só
 A fera
 — Nem
 Às min
 Amand

A eternidade em recompensa ainda
Pela sua morte e as horas que passasse
Na adoração divina ! e Deos nem fê-lo
Para idéa tão vil : negando bruto
A justiça infinita, elle não sendo
Tambem por esses céos infindo n'alma.
— E' céo em si a caridade, o amor :
Candidas palmas seu caminho juncão,
Lagrymas vê correr sua morte, e rindo
Em piedosa alegria extingue os olhos.
D'alma eterna a virtude não carece ;
Nem por não ser eterna o crime, os vicios
Da natureza pendem. Em letras igneus
Sobre o rosto da lua apparecesse
A verdade immortal, e as leis da terra
Não fossem mais—ó mundo desgraçado,
Eu quizera te ver... a lua fôra
Mentirosa : — a verdade faz escravos :—
Duvidar é viver : o homem é livre !
— Se eu tenho eternidade, não m'o digão
Homens como eu : no espelho do universo
Vejo uma só imagem reflectida :
Pura religião da consciencia,
Do sentimento da moral divina
Me levarão naturalmente e cego.
Vejo só pedras o fallar dos homens :
A fera de razão berre aos cordeiros.
— Nem quero recompensa á minha vida,
As minhas dôres, meu amor de um Deos —
Amando tenho o céo, tenho o meu Pai !

Eu sou da terra : a terra, o vento, as aguas
 Dão por preço seus cantos ? não são elles
 Preço de amor á criação sómente ?...
 Ser feliz é amar, feliz eu era
 Amando a doce mãe na doce infancia.
 — O navegante sol passa na esphera,
 Mirão-se estrellas nelle, e dá-nos dia
 Aos nossos olhos e o calor ao sangue :
 Voa ao sol deste sol, muito além d'elle,
 A alma do meu corpo na existencia,
 Ao clima ethereo de sua vida e flôres.

—
 Não é amor divino o amor da terra,
 Onde é fanal da longitude o lucro.
 O' santo, ó generoso amor da patria !
 Ai d'elle o que disser : « os sacrificios
 Ao nosso corpo, que o Senhor amansão,
 A nós as portas das delicias abre ;
 A patria dá-vos ouro, augustas glorias,
 Combatei pela patria, salvo a morte ! »
 Hão de cahir teus dentes, e os teus labios
 Baba infecta derramem do teu peito !
 — Caião os templos aos pés da natureza,
 E' mais bello este sol de luz de dia :
 Como do moribundo á cabeceira
 Parece a vela insinuar piedosa
 O caminho a passar, mudo-eloquente
 Elle nos diz « além ! » Mais do que os echos
 Deslavados, que estão se desmaiando
 Ante a paternidade desses homens,

Qu
 Por
 Ch
 Gél
 Int
 Do
 Da

Não
 Em
 As i
 Ent
 Em
 Sob
 E o
 Vou
 Deb
 Das
 Chei
 Sent
 D'in
 Phra
 Inse

E' tá
 Sem
 Natu
 Onde
 E es

Que se dizem do Christo a imagem pura,
 Por dizerem : « batei ! feri os peitos !
 Chorai agora ! » e as lagrymas s'entornão,
 Géla o terror a vista pela terra :
 Interesse servil ! « brandi o remo
 Do baixel da esperança, além dos mares
 Da vida — o porto d'ineffavel goso ! »

Não me ensinem os canticos sagrados.
 Emquanto lava de harmonia a abobada
 As imagens que impuras mãos talhárão,
 Entre as paredes tão mesquinhas postas ;
 Emquanto verte luz de terra o cirio
 Sobre a turba sonora, gemem orgãos
 E o sino — que o dinheiro vil comprou —
 Vou na campina me deitar cheirosa
 Debaixo deste céo á voz do vento,
 Das aguas e do bosque, e a natureza
 Cheia d'um solitario sol ! como ella,
 Sentir meu coração valente e novo
 D'inspirações formosas ; que não dessas
 Phrases diarias que aprendi, monotonas,
 Insensiveis na machina dos labios.

E' tão feliz, embora o mundo e a sorte,
 Sem ser por gratidão do leite e a cama,
 Naturalmente amar o filho os seios
 Onde nascêra, a mãe seu filho amando !
 E essa mãe que adoramos nos promette

Outro sonoro berço além da morte?
 Não é na morte que ella é mais querida?
 Porque a perdemos que a amamos tanto?...
 O puro amor não tem, não tem esp'rança.
 Amai a Deos na paz, na rubra guerra,
 Nas ondas do prazer amai a Deos,
 Na abundancia ou no fundo da miseria,
 Na morte desgraçada amai-o ainda.
 Tire-se o filho, a mãe seu leite perde:
 Deos morrerá, seu mundo aniquilando:
 Perdida a voz da natureza e os astros,
 O mar e os homens, quem seu nome ouvira?
 Quem dissera que elle é?... Cedro infinito,
 Seus frutos somos nós aos céos olhando.
 Elle o quiz. Se consuma a alma do ingrato!
 Erga-se a crença que natura ensina,
 Como a corrente perennal descendo!
 — Esperança do goso o amor dos homens,
 E sempre esp'rança e goso! Amor da terra
 Querem dar-te, Senhor: não alimenta
 Delicado manjar corruptos seios.

A unidade os cegou: multiplicarão
 Deoses aqui nascidos filhos delles;
 E pelos mil altares que divagão
 Dão migalhas de amor. Eu não conheço
 Nem mais que um Deos, nem deoses subalternos:
 Ao primeiro me elevo, amo o primeiro.
 — Idolatria eterna! as bentas aguas
 Brutal gentilidade não lavarão:

A
 Des
 Um
 De
 Tãc
 Noe
 A c
 —
 O c
 Vai
 Ao
 As
 Ner
 Que
 Já l
 Em
 Em
 Anj
 Edu
 Hyp
 Que
 —C
 Às r
 De r
 Tode
 Tode
 Que
 Hun
 Feri
 A n

A familia christãa se degenera
Desde a morte de um pai. Elege o povo
Um para santo, e dá poder divino
De suas mãos ás delle... Homens da terra,
Tão nescios, que buscais? como os insectos
Nocturnos, ante o dia deslumbrados,
A cahirem se agarrão pelas folhas.
—Lá se embala na praça o enforcado:
O carrasco em seus pés se dependura,
Vai nos hombros saltar-lhe... esperta o peito
Ao timido mancebo—a turba applaude!
As carpideiras torres não chorarão:
Nem se alegrão passando o innocentinho
Que vio antes a morte que o baptismo:
Já leva deste mundo o julgamento:
Em fogo lento vai gemer, nem póde
Em córos celestiaes ser cherubim...
Anjos te negão, Senhor Deos, não sendo
Educados e feitos por mãos delles!
Hypocritas, eu vi monstros do incesto,
Que ungidos fôrão, qu'inda o são no occaso!
—Curvárão os animaes antigamente
Ás rubras aras d'oiro a fronte do homem:
De mil homens os pés hoje beijamos.
Todos um coração sangrando mordem,
Todos vivem da vida que era d'outrem,
Que para si aos seus irmãos arrancão.
Humanas feras, muito mais que os homens,
Ferinos homens, muito mais que as feras,
A natureza verte: indifferente

Um e outro adorára, se não fosse
 Meu amor todo só de um Deos — um Deos!
 E só de um sentimento pio e irmão
 Vejo o mundo — do monte ao bruto ao homem.

Lia a Biblia por noite indo os gemidos
 Do Christo neste dia d'endoenças;
 Logo o enfado da vida adormeceu-me.
 « Voa, terra do sol que vem nascendo,
 « Receber os seus raios que se perdem
 « No arido espaço, de fecundas flôres
 « Murchas regiões abrir... » Eu sobresalto,
 Cabindo o livro. Pelas ruas corro,
 Como levado de ãa mão: no peito
 Se engrossando o coração me estronda;
 Em destroçado pensamento a fronte
 Me susurrava. Agora tudo pára.
 O circulo em que eu ia, se escòando,
 Desencantou-me em terra. Deos! a sombra
 D'Anna fronteira a mim! Quantos amores
 De um sentir tão mystico se librão
 Neste espaço, infinito! encadêado,
 D'entre os meus olhos e os seus olhos!... e ella,
 E eu, máo grado nosso, nos fugindo,
 Genio invisivel nos sostinha: encanto,
 Flecha attractiva se irradia della,
 Eu era o astro do meu centro em torno.
 Eu senti uma voz timida e vaga
 Como brisas de seda me enleando
 De azas vaporosas, e um perfume

De bocca virginal; rumor depois,
Como do estremecer das folhas verdes,
E as rôlas quando vôão. Que me arrasta?...
Como d'aurora afugentado sonho,
Minha alma foi de mim. Rangêrão pedras,
Bem como outrora na cidade santa.
Chamou-me louco atropellada turba.
— Mais divina que amor, oh, mais ceeste
Do que o reino dos céos e o ser dos anjos!
E eu bem cansado desta vida morta,
Viveu-me o seu amor! Dentro de um astro
Correndo penetrei na minha gruta
Sem luz: tudo uma sombra povoava.
Estendi-me no chão dando uns abraços,
Beijando uns pés em soluçar de amante
Feliz— felicidade o amor sómente —
Eu era o esposo dessas sombras todas,
Todas uma, ou meus olhos todas ellas,
Ternas de mim, chorando aos meus delirios.
— Tu me fazes christão, tu dás-me a crença,
Tu és o signo santo dos meus labios
Quando a aláuda em limpidas endechas
De ti fallando despertar-me vem:
O' ave da manhã, quem que ensinou-te
Dizê-la?... Me alevanto, e vejo o dia
No oriente indeciso. Então, brandindo
Na minha voz teu nome, eu vi a erguer-se
Das montanhas o sol; risonhas luzes
Se suspendêrão nas fitaceas palmas,
Que se dobrárão reflectindo orvalhos

Adiante delle; balançou-se o vento ;
 Estremeceu a selva, como as virgens
 No fim do somno sem sonhar suspirão ;
 E pelo em torno se afinarão rusticos
 Psalterios de alegria. Viste, ó Anna ,
 O' sombra da mulher que não existe,
 D'uma existencia dúbia a natureza
 Abrir-se como a flôr ? assim minha alma.
 Porém, eu sonho que de mim te arrancão :
 Meus gritos , meu chorar de nada valem...
 Mesmo sombra de amor, que eu ame, eu perco !

Tudo é mentira em miseravel mundo !
 Tu, que eu julguei-te dom celeste e santo,
 A maldição a ti, que me enganaste,
 Falsa amizade... não és mais que do homem
 Hypocrisia e serpe. E eu pensava
 Do amor na eternidade... maldição
 A toda esta existencia ! Nuvem bella
 Cobria uma hora a flôr que o valle cresce .
 Apareceu o sol — negra verdade !
 E tudo não foi mais do que uma sombra,
 Uma estação da momentanea infancia .

Hoje, ó irmãa, eu recebi tua carta,
 Na flôr do amanhecer me alevantando,
 Como essas aves que n'aurora cantão
 No tecto da choupana e estão dizendo
 Que o sol já nasce: e eu que no meu leito

Arquejava dobrado dos máos sonhos,
 Foste lagrymas d'alva, o dia d'hoje...
 Encheste-me de amor todo este dia!
 De nossa mãe, tão doce, me fallavas:
 « Deos lembre-se de sua alma... eu sou tua mãe...
 « Não me falles assim... morrer tão longe,
 « De dôr e de saudade, onde não saibão
 « De ti homens e o mundo... ó meu amigo,
 « Quantos punhaes no coração me embebes!...
 « Deos quer nos consolar... do esposo ao lado,
 « Um bem perto do outro nós vivamos
 « Sempre, sempre, meu Deos!... serei tua mãe,
 « Teu consolo, depois desse gram Pai
 « Soberano, a quem sempre eu rogarei
 « Tão triste presentir, e os sonhos mude,
 « Tire do solitario pensamento...
 « Não desanimes — tão esmorecido!...
 « Já estás cansado de viver? é cedo —
 « Oh! é tão cedo — vive mais um dia!... »
 Que palavras do céo! ainda a terra
 Dá flôres que nos dêem tão grato aroma?...
 Oh, falla sempre della, nossa mãe!
 Ha tanto tempo morta... oh, falla sempre!
 O que derrama no meu peito a lagryma,
 Dôr, orphandade, dá-me tambem vida:
 E minha alma viver, é na tristeza
 Solitaria exilar-se; o dó dos tumulos,
 Da saudade cobri-la. Me rodêão
 Tristes sombras da noite, frias, mudas,
 São mysterios do morto: e tu disseras

Meu limite amanhã, hoje chorando;
 Porém não, é minh'alma que é tão triste,
 Nem tenho tanto amor, que a vida chore.

São teus melhores dons o pranto e as dôres,
 Senhor, porque mais perto a ti nos levão:
 Por isso eu amo a noite, amo o deserto —
 Lá se desatão as prisões magoadas,
 E só contigo estou, e não nos ouvem.
 Nos perigos do mar, sobre o naufragio,
 Quem teu nome ensinou, que o nauta ignora?
 Ao moribundo que se estorce e dobra,
 Que sua vida passou salteando os montes,
 Descrente as veias qu'inda rompem sangue
 Com suas unhas cortou — seus ais da morte
 Quem do teu nome encheu, ferindo os troncos
 E as penedias que seu leito o ouvirão?...
 O' Pai, ó Deos dos homens, Deos dos astros,
 Que nessa hora tua mão piedosa estendes
 E uma esmola de graças nella brilha!
 Horas felizes do perigo e dôres,
 Solemnes, bellas, do Senhor tão perto!
 — São teus filhos eleitos esses bardos
 Gemendo pela terra sem ter patria,
 Rodeados de morte, os pés te beijão.

Sobre o mar, procurando o céu, se eleva
 Em columnas de sombra e de ar e d'agua
 Um templo: vejo um ser baixar sobre elle,

Qu
 H
 Ma
 Co
 En
 Pa
 Dis
 Qu
 Um
 Dar
 Qua
 Est
 A t
 Sem
 Em
 Que
 Que
 Uma
 A el
 As a
 As p
 O m
 Infan
 O bo
 Se fo
 Eu t
 Oh, i

Sae m
 Não s

Que as columnas brandêão, o mar se arquêa,
Humildemente geme, e o mar indomito!
Mais puro do que a noite, eu mal o enxergo,
Como o sol... não, não é, que o sol n'um disco
Encerra as fôrmas de ouro: não tem fôrma,
Parece a eternidade e o infinito!
Disseras qual uma ave transparente
Que com as azas envolve a immensidade!
Uma luz, que concentra-se a extinguir-se,
Dando mais claridade ao pensamento,
Quanto a tire aos sentidos; que tão pura
Estende-se d'ali por toda a parte,
A terra, os astros e os celestes ares
Sem refração seus raios trespassando,
Embebendo de vida e de piedade;
Que tudo anima e faz amor tão santo,
Que de um só pulso inteiro este universo
Uma respiração palpita eterna
A ella só! Nella só tudo desperta:
As aves vivem mais a ella cantando;
As plantas quando o zephyro as agita;
O mar quando mugindo balbucia,
Infante o nome de seu pai, mais vive;
O bosque amigos não teria e os ventos
Se fossem mudos, não dissessem — Deos!
Eu tambem vivo mais, morrendo nelle;
Oh, tudo vive mais nelle vivendo!

Sae minha alma de mim, ante os altares
Não subio: filho ingrato, arrependido,

Que aproxima seu pai timidamente ;
 Cão que mordêra seu senhor, que humilde
 Se arrasta e esconde-se em logar sozinho,
 A vista lenta, e doce como a crença,
 Espiando-o por ver se elle o perdôa —
 Assim piedosa por detrás das ondas
 Pede sombra ás columnas... Mas, quem tudo
 Afugentou, cobrio de horror do mundo?...
 Geme a festa nos flancos do castello,
 Impura ondulação d'infrenes vozes
 Tolda o espaço: minha alma recolheu-se
 Trémula e fria a emmudecer de susto ;
 E da poeira sonora que ergue a terra
 Eu não vejo mais nada, os olhos turvos.

E depois outras vozes me perguntão :
 « Se fosses um caminho, onde encontrasses
 Salteadores mil e um homem preso,
 E te dissessem : este homem vai morrer :
 Se queres passar livre, mata-o ; ou morres :
 És simples instrumento. O que farias ? »
 Respondi : eu sou livre, não matára,
 Me perseguira a sombra do assassino ;
 Morresse embora. Rirão-se de mim.
 Perguntei-lhes : se fosse o prisioneiro
 Vosso amigo mais intimo ? « Matavamos ;
 Porque elle ia morrer, e nós sómente
 Nossa vida salyavamos, podendo
 Ser uteis inda a elle e aos que ficassem. »

Se fosse vossa amante, vossa filha,
Se fosse vossa mãe? « Inda matavamos ;
Assassininos não eramos, da morte
Sendo o punhal por mãos d'outrem vibrado. »
Ri-me delles então. Mas, vossa mãe!
Com um semblante de céu pelo seu rosto ;
Com seus olhos de lagrymas olhando
Seu filho que ella amou, beijou na infancia,
Com seu canto da tarde sobre o leito
Embalou e adormeceu — seu filho
Que ella abençoava ao sol nascendo,
Nas estrellas da noite, e á flôr do campo,
Ao vento quando movê a natureza ;
Sua alma da existencia era o seu filho,
Seu filho os seios lhe romper, sangrá-lo
De morte ! donde a vida em lacteas ondas
Corria-lhe, n'um rio espontaneo
Do céu por climas divinaes passando !
Ella piedosa vos pedira a morte,
Sim, por vida inda dar-vos : leopardos !
E a maternal doçura feminina
O peito d'homem não brandira — egoismo !
Por um dia talvez já só no mundo,
Que se passa a dormir, que nada vale,
Dereis a morte ao que teria inda annos
De vivo ter-vos na moral do amor...
Um cão já vi morrer salvando um homem.
— E eu matar minha mãe... meu Deos ! viessem
Raios do inferno sobre mim, serpentes
D'azas e olhos de fogo, com mil mortes

Todas 'sfaimadas, com mil deoses, todos
 Unhas e dentes regaçando em furia
 Para acabar-me — ainda eu me sorrira —
 Os monstros friamente desdenhando,
 Nos pés de minha mãe eu suspirára
 Meu ultimo suspiro; e ella morrêra,
 Nós ambos morreriamos! O' homens,
 Deixai-me com meus sonhos, com minh'alma,
 Não vinde perturbá-la; differentes
 Vós não sois meus irmãos, vos tenho horror!
 Naquelles ares, vêde, ha pouco estava
 Edificado um templo: eu socegado
 A' sombra do meu Deos parava uma hora:
 Fallastes, tudo se sumio! deixai-me
 C'o a minha noite e as minhas ondas, tendes
 O dia inquieto para vós e o mundo.

Vem, ó musa, modesta divindade,
 Em pedaços minha alma na poesia
 Verter: eu te amo! que minha alma rompes
 E mais leve me deixas do seu peso.
 Tão descorada! quem das faces humidas
 O velludo celeste matutino,
 As rosas virgínaes tão cedo esfolha?
 Tambem a dôr apaga, como a onda
 O dourado fulgor da arêa branca,
 As faces; nos teus olhos lá se extingue
 A esperanza: mulher enganadora,
 Por quem morrem os homens illudidos,
 Esgotados de vida e crentes nella,

Dize
 Co' o
 E el
 Min
 Seco
 Eu r
 Teu
 Crep
 Se es
 Vá t
 Onde
 E ca
 Mas,
 Nem
 Não c

Pelos
 Por c
 Ao cé
 Tão a
 Só ad
 Túmi
 Meu c
 E de u
 Abate
 Que e
 Dizem
 Estéri
 Sou c
 — Tu

Dizendo inda ella no cahir do tumulo
 Co'os braços de cadaver supplicantes,
 E ella vòa risonha d'inconstancia.
 Minha terrivel inimiga, esp'rança!
 Seccaste os meus jardins e as minhas lymphas:
 Eu morra ao menos sem te ouvir longinqua
 Teu canto sirenal; roçar tua vestia
 Crepitante a cahirem minhas palpebras,
 Se estendendo na morte; deosa falsa,
 Vá tranquilla minh'alma deste inferno,
 Onde á tua voz sómente errante andava;
 E cansada da vida, outra não pede;
 Mas, inda viverá se Deos o manda.
 Nem para os céos nem para a terra, esp'rança,
 Não careço de ti, mulher perdida!

Pelos valles do espaço a vista eu solto
 Por detrás do horizonte, quando as nuvens
 Ao céo limpo não tração seus limites;
 Tão amplo e tão vasio o firmamento
 Só adormece e eleva: então me sinto
 Túmido o cerebro, esquecer meu peito
 Meu coração, d'uma alma entorpecida,
 E de um pesado pensamento as sombras
 Abatem-me: Senhor, dá vida e força
 Que eu possa comprehender-te para amar-te.
 Dizem-m'o os homens; mas a voz dos homens
 Estéril para mim, ouvir nem posso:
 Sou como elles; me falla tu sómente!
 — Tu vens no galopar da tempestade?

Vens no pavor da noite e sobre o sol?
 No tempo derribando nos seus passos
 Tão largas gerações e gerações?
 Com pés de fogo a terra verdejante
 Fazer passando adusta, esses imperios,
 Cidades em pedaços palpitantes? —
 Mas os meus olhos materiaes não bastão:
 Vem tu mesmo, a verdade e o infinito,
 Reflectir na minh'alma, que se esmaga
 Sob o impossível no estupor que fazes!
 — Como tu fazes delirar e matas
 O que em terra se arrasta invio ás tuas portas!
 Oh! que pai que tu és! oh! maldição!
 Se eu pudesse dormir somno de um morto,
 Por não sonhar em ti, déra esta vida!
 Balar da vaga humilde, és só ás praias.

E aquelle sol cobarde vai fugindo
 A voltar-me o seu rosto! se eu pudesse
 Pelos cabellos arrancá-lo ó occaso,
 E destes braços o suster immovel
 Lá no meio do espaço, e frente a frente,
 Fender-lhe o peito, que uma voz soltasse
 Em fumo envolta!... A lua desmaiando
 Se encobre por detrás dos arvoredos,
 Uns olhos timoratos da donzella
 Dissimulando a idéa, e detençosa
 Fez dous passos no azul, tremeu de mim.
 E este vento, que ha pouco nos meus hombros

As
 Esc
 .
 Mas
 Con
 Que
 Leva
 E es
 De c
 E es
 Sole
 Voze
 Este
 Rola
 Ninh
 Quar
 Quer
 Quan
 Mas,
 Dond
 Rode
 Por d
 Mais
 Revo.
 Estala
 Outra
 Nas a
 Qual
 Orden

As elasticas azas menciava,
Escapou-se tambem, me ouvindo — eu só!...

.....
Mas, o rio que passa azul, vermelho,
Conforme a côr do céu, quem foi que o fez?
Quem é que do despenho alcantilado
Leva-o saudar os campos e esses valles?
E este vento que me açoita as faces
De condemnado, e arranca-me os cabellos?
E este côro florestal da terra,
Solemne e cheio, como dos altares,
Vozes, orgãos, incensos todo o templo?
Este meu pensamento pressuroso
Rolando dentro em mim? este meu corpo
Ninho dessa ave de tão vastas azas?...
Quanto é sublime todo este universo!
Quem te negára o ser? — quando houve tempo
Quando nada existio, que tudo fez-se!
Mas, o infinito comprehender não posso.
Donde sahiste, Deos, onde vivias,
Rodeado do espaço? elle gerou-te
Por dominá-lo sol omnipotente?
Mais elle fôra. Não. Acaso o cháos,
Revolvido incessante ás tempestades,
Estalado em lascões, lavas brilhantes,
Outras terreas, librando-se embaladas
Nas azas da attracção fraterna entre ellas,
Qual presas pelas mãos por não perderem-se,
Ordenou-se por si? ou fôra acaso

A criação fatal, tudo se erguendo
 Segundo as circumstancias? Oh, inferno
 Da obscura razão — mofa, ludibrio
 Com que Deos pisa o homem! Um Deos fez tudo!
 Um Deos... palavra abstracta, incompreensivel...
 Mas a sinto tão ampla, que me perde!
 — E então, quem aos mares suspendidos
 A verdura defende, e que se atirem
 Uns astros sobre os outros? Deos... um Deos
 Ao sol dá sceptro e luz, azas ao vento,
 Leito ás aguas dormir, delirio ao homem
 Quando queira abraçá-lo. Dorme o infante
 Sob os pés de sua mãe, que ama e não sabe:
 A natureza ao Creador se humilhe.
 Não tenho alma infinita, porque é cega
 A verdade immortal: visse ella o eterno —
 Quanto eu amára! quanto! Eu sou bastardo,
 Não sei quem são meus pais... se amar não posso,
 A existencia me enfada: enjeito-a, e morro!

Eu estava n'um mar de calmaria
 Amplo e cheio de sol, meu peito o esquife
 Mudo arquejava; as velas da minha alma
 Não arredonda nem um vento — descem,
 Pelo coração se escorrem; durmo
 No meio das soidões de minhas mágoas.
 Senti na minha face um doce alento
 Trazer os meus cabellos: fria e timida
 Mão seraphica a testa levantou-me
 Com liberdade fraternal; meus olhos

De pranto escuros não pudêrão vê-la.
 Duvidava uma voz de sensitiva,
 De flexível luar, longinquo incerto,
 Porque era virgem e amante ; mas, coragem
 Deu-lhe a piedade, o amor : « eu tenho ouro,
 « Muito ouro p'ra dar-te ; ergue a tua vista
 « Da terra, qual meditas que ella guarda
 « Tantas riquezas, te denega escassa
 « O teu pão de amanhã... sê meu esposo...
 « Meu esposo feliz ! — além desta alma,
 « Uns annos alvoraes e os meus amores
 « Castos, muito ouro para dar-te eu tenho. »
 Os meus olhos na terra pelo ouro !...
 Não, pesados de morte descaião :
 Um só meu pensamento ao ser mundano,
 Ao sanguineo motor nunca eu dei,
 Eu andava bem longe ! Se eriçava
 A longas dobras de um espanto bello
 E de nervosas commoções minha alma
 Sobre as bordas do nada : lá nascia
 O mundo, os campos se estendião, os montes
 Sobrepunhão-se, e logo o bosque, as hervas
 Corôão e cobrem de folhagem e sombra ;
 Eu sentia esmagarem-se na esphera
 Os astros seu caminho procurando,
 Rebanho alvoraçado em campo estranho,
 Depois se accommodavão ; o sol despede
 Seus raios primogenitos ; mais fracas
 Estrellas ás mais fortes se rodêão,
 Como o rei do Oriente está no meio

De mulheres tão brancas, tão mimosas,
 Porém sem luz, que o seu amor reflecte
 Em distancia. Eu choro, virgem moça,
 O amor, porém não o amor da carne ;
 Eu choro a dôr que o corpo não conhece
 Nem teu oiro não cura. — De repente
 O mar tremeu ; as ondas sepultavão-se
 Assim, perto de nós, como se a terra
 Debaixo as devorasse, nos ouvindo ;
 Surdo estrondo banhou todo o horizonte,
 Terremoto passou submarino.

As mãos prende nos seios assustados,
 Respirando perdão nos olhos bellos
 No rosto meia-côr, tal pousalouza
 Folhêa as azas que de sol se orvalhão
 Por céu de brando, d'innocente azul.

Não te aterres de mim, falla um defunto
 Á virgem longos braços amorosos.
 Eu já não vivo mais: vês, como eu fujo
 De ti, mugindo ás solidões e ás noites,
 De monte em monte, como a fera errante?
 Amo abraçar a rocha sonora,
 Quanto amava a mulher inda hontem mesmo :
 Meu peito aquece a pedra, e destas mãos
 Afago as ondas suas que me cercão.
 O bardo d'illusões, que ia cantando
 Mimosos carmes do equador esplendido
 Pelas margens risonhas da esperança,
 Acabou : tenho odio aos céos, aos homens,

Tre
 De
 Cor
 E e
 Qu
 O v
 Que
 Ao
 Con
 O q
 Des
 O pa
 Em
 Desp
 Que

Uma
 Meu
 Erra
 De t
 Do p
 Que
 Para
 Nem
 Da ef
 Nem
 Em n

Tróco a luz pela sombra, e só respiro
Destruição e tempestade e morte!

Como ia tão fresca a primavera !
E eu me sinto cahir do verde cume,
Qual fructo apodrecido pelo inverno,
O velho d'alvas cãs d'envira branca
Que de viver cançou ; nem tenho inveja
Ao homem que em seus calidos estios
Contempla o vasto da existencia. Ai delle
O que desesperou deste mysterio !
Deste silencio estúpido nos céos !
O pavoroso assombro de natura
Em vago e nescio susurrar ! Ai delle...
Desprezo ao mundo, e maldição a esta alma,
Que os olhos abre para ser mais cega !

Uma onda no mar levando o echo,
Meu coração é campa solitaria
Errante pelas naves ruinosas
De tumulos-desfeitos, rotas sombras
Do peito meu ; é como ave ferida,
Que sómente estrebuxa, entésa as azas
Para os gemidos no estertor da morte :
Nem Libano sagrado eu sou, e a gleba
Da eternidade os cedros meus não plantão ;
Nem ólho para o longe, envolta a fronte
Em negros braços de ataúde, eu durmo.

Cançado viajor, descanso á base
 Do monte que desci — frondosos campos !
 Onde as imagens duvidosas, bellas,
 Verdes folhas arrancão-me passando
 Os ventos a perder: eu estremeço
 Que nos véos d'illusão que além s'estendem
 Não durma o raio da desgraça, e as flôres
 De pétalos rosados não me arrojem
 Com seu peso de ferro. Oh ! doce aurora ! —

Era phantasma; a voz de escuridão
 Na carreira dos ventos misturou-se :
 « Que faço, qu'inda existo ? a morte ! a morte !
 E os theologos dizem — nossa vida
 Pertence a Deos, que a dá — Miseria ao homem
 Vil existencia mendigando, fraco !
 Inda aos dias mais fundos de desgraça !
 E eu inutil no mundo, e lasso delle,
 Minha vida nas mãos, não quero os dias...
 Espinhados cabellos se amollégão,
 A fronte alise-se aos que me ouvem mudos
 Com fixo terror passar nas sombras
 Pela esphera infernal das minhas noites — »

Sonho, sonho de amor, que me adormeces
 Tumultuosa, amotinada esta alma !
 Uma ineffavel ambição me segue :
 Mulher, uma sómente, como os anjos,
 Em cujas mãos eu desfolhasse todo
 Este amor que me ancêa, vaga viva

A
 Q
 A
 Q
 P
 E
 Co
 Só
 De
 Es
 Ac
 En
 Ess
 En
 E c
 Bus
 Ess
 Des
 Alt
 Não
 Des
 N'un
 Púd
 Que
 O' vi
 — L
 Vós
 Lact
 Casal
 Aqui

A querer se perder. Feliz da virgem
Que nasceu para mim ! que eu acordá-la
Ao meio dia do amor ! como essas flôres
Que abrem á força do calor do sol ;
Por isso ainda mortas vertem cheiro
E o vivo do escarlata não descórão,
Como as d'aurora que favonio anima
Só emquanto do orvalho humedecidas,
De fresca mocidade as faces tintas.
Essa que sobre mim primeiro os olhos
Accender de paixão, que ainda estavam
Entre as capellas virginaes fechados ;
Essa, onde o candor de um riso infante
Envergonhou primeiro o gesto ameno,
E o coração reprenda e de mimosa
Busque, pobre ! tirar de si minh'alma ;
Essa, dormindo da existencia o somno
Desde os seios da mãi té ao meu peito,
Alto o sol, vio-se nua diante d'elle —
Não em volúpias sensuaes enferma
Descamisando-se, espasmando o corpo —
N'um assalto de amor vago, encantado,
Púdica rosa em flôr, se esconde, crente
Que no seu rosto o coração lhe salta :
O' virgem, onde estás ? ó minha noiva !...
— Lá das partes do céo a vejo... vem...
Vós podeis começar os nossos dias,
Lacteas manhãs e as brisas da montanha !
Casal ditoso, nós não peccaremos,
Aqui não ha serpente. A minha fronte

Sómente por dormir o teu regaço,
 Teus pés hão de embalar, nos meus cabellos
 Sentindo o afago da tua mão cheirosa.
 Nosso universo só de nós composto,
 Amores respirando no ar, amores
 O coração banhando, iremos longe...
 Onde só testemunhe a natureza,
 A terra, o vento e as estrellas altas
 O nosso corpo nú... anjos selvagens!
 Os berços de roseiras e a ramada
 Não murcharão neste Eden: novo sol
 Ha de ver se murchando o velho monte,
 Novas flôres nascer, nova esmeralda
 Dourando nova relva, se estendendo
 Dos pés aos joelhos, como á luz aspira,
 Por o cinto lambar, braços d'esposo
 No enlêar de enlevos — oh, triumpho!
 Nestes jardins ha Deos, sobre este clima
 Ondula o firmamento dos amores.
 A tempestade, o mar, a voz d'ameaças
 Nos provocára o riso: o sol sómente
 Nossos quentes vestidos, muda lua
 Nos seus serões de luar tão só nos vira —
 Longe dos vivos, evocando os céos!
 Eterna vida! amor eterno! esta alma,
 Ave perdida, errante, hoje sómente
 Ao ninho conhecido, ao ninho amado
 Levantará seus vôos, e do passado
 Sem lei nem crença não terá saudades.

O
 «
 Qu
 Pe
 Co
 Vo
 Un
 E d
 E s
 E c
 Ess

 Em
 Cha
 Ter
 Nos
 Cha
 A fl
 Min
 A m
 Ao s
 — M
 Com
 As a
 As q
 Eu v
 Na n
 Qual

— Vê-la saudoso-olhar mui longamente
 O caminho que eu fui, quando lhe ouvia :
 « Adeos, vem cedo » : e vê-la inda sósinha,
 Qual presa á minha imagem que a circumda,
 Pensativa e bem triste : e quando, bella
 Como céo, n'um relampago assaltada
 Voando me encontrar, dar-me tão linda
 Uma face de amor ao beijo amante,
 E de alegre de mim desapareça...
 E sempre, sempre no primeiro dia,
 E dizer-me lá da alma : « Como podes
 Essas horas passar sem mim tamanhas?... »

Embora o sonho se rompesse, eu vi-te !
 Chamei-te anjo dos mares : oh ! me salva,
 Terra onde eu tenho de aportar, ou morro
 Nos escólios da sorte, a não perdida !
 Chamei-te estrella d'opastor ; chamei-te
 A flôr dos céos, que eu vejo solitaria
 Minha irmãa, como eu sou, no mundo d'homens :
 A mim teus olhos só te amostrem, como
 Ao sol nos céos do dia os astros morrem.
 — Mas, nada foi : embalde nos meus olhos,
 Como a luz, eu julguei tudo ella ser ;
 As arvores em flôr eu sacudia,
 As que eu achava mais como ella ; embalde
 Eu vi brancas imagens se gerando
 Na minha voz — perdião-se qual nuvens,
 Qual pombas vaporosas no horizonte

D'alvas da esp'rança e da felicidade :
 Um echo prolongava-se, e sómente,
 Em rapidos, sensíveis ondulados,
 Canto d'ave da tarde após a chuva.
 — Anjo mimoso, de nevadas roupas,
 E os cabellos de sol, os pés argenteos !...
 Amo esta sombra — tu, mulher não és.

Porém , tu me dizias no descermos
 Daquelle morro á tarde : « Nestas virgens
 Amor não ha, poeta, ouro sómente
 Os pais lhes mostram ; teu cantar desdenhão,
 És pobre, nada vales : e que importa
 Alma capaz de suspender os céos
 Abaixados aqui na vida intima ,
 Que á natureza o coração desdobra
 E o corpo despe desta impura terra ?...
 Que importa — és pobre, nada vales. Olha,
 O homem que lá vês dellas cercado
 É vil traficador, nasceu tão baixo :
 E hoje um potentado numeroso,
 Vai ás salas do rei, brilhante o peito !
 A velha pobre mãe 'stá pelas ruas
 A mendigar o pão, elle a desmente
 Quando a benção lhe dá ! Orphãos, viúvas
 O nome seu maldizem ; mas tem ouro
 Tanto, á vista perturbar ! Suas filhas
 Mais limpidas e tenras são presentes
 Que os pais ricos lhe levão ; e esses olhos

Tint
 Pelas
 Arra
 Marr
 De fa
 Não h
 Nas r
 Amor
 Enfas
 — Ma
 O ou
 Eu, c
 Disse
 Cala
 Ou a
 Ha de
 Mão g
 Eu de

Amav
 Aos se
 Voltar
 Aos ca
 Pelo v
 Beijan
 Que ne
 Em ca
 E já co
 E de o

Tintos em menosprezo, resvalados
Pelas costas a amor, que ouro só quebra,
Arrasta nos seus pés, deita em seu chão
Marmorea cortezã de frios risos,
De faceis prantos que seu peito ignora.
Não ha felicidade, isto que é d'alma
Nas metallicas fórmas se marêa ;
Amor do corpo só — n'um dia, cança,
Enfastia a existencia, a alma se fecha. »
— Mas, eu te respondia : e que me importa
O ouro e os amores das mulheres ?
Eu, descrente do mundo, adeos eterno
Disse ás suas virgens. Falle a natureza,
Cala a fortuna : a timidez dos campos,
Ou a filha do principe soberbo
Ha de ser minha, morrerei por ella,
Máo grado o meu destino : indifferença,
Eu desprezo o que possa a terra dar-me.

Amava uma criança outrora, quando
Aos seus brinquedos innocentes via
Voltar minha existencia ; e tanto amou-me,
Aos carinhos deixar da mãe querida
Pelo vir suspender-se em meu pescoço
Beijando-me, apertando-me : parece
Que nella estava a aurora dos meus dias
Em cada amanhecer se enrubecendo ;
E já corrião negros de tristeza
E de orphandade. Oh ! tudo era alegria

Diante della, nascer : luz matutina
Que um zephyro alevanta afugentando
Os primeiros negrumes da minha alma.
Borboleta do prado ao sol voando
As azas brilha e esmalta, a mim se lança
Nos raios de um amor do coração :
Vejo-a limpido lirio rodeado
Do candor virginal, despentêada ,
C'o a camisa infantil nevada e pura,
Os braços nus e o collo, os pés de rosas,
Levantar-se do leito e vir correndo,
Mimosa e barulheira como a cria
Que salta na campina ao vir do dia,
Seus beijos matinaes pôr-me na fronte,
As mãozinhas correr nas minhas faces,
Que no seio lhe encosto perfumado
Ondeando de angelica innocencia ,
De vapores de amor, que exhalão anjos.
Vejo-a no sol pender, cantando os passaros
Com saudade, e nos hymnos vegetaes
Pelos desterrros da montanha e o valle ;
Nas palmeiras cadentes no horizonte
Qual lampadae ethereas, ou de noite
Alvejando-se os campos estrellosos
Como fróta no mar ; e sempre exacta
Minha sombra, meu raio me seguindo
N'um captiveiro que o amor prendia,
Linda abelha que em mim seu mel formava.
Caminhando o céo d'astros, nos cobrimos
Dos seus molles e tremulos clarões,

Como das barras da manhã vermelha
Do formoso equador; e eu lhe mostrava
A natureza esplendida nas flôres.

« Vem commigo: desponta alva açucena! »
Eu lhe disse, e por vê-la acompanhou-me
Um meu contemporaneo, meu amigo
D'infancia, bello, namorado e ledô,
Quanto eu era sombrio e mudo e triste:
Cadeias trança deslumbrantes, grossas;
Era a flôr dos salões e da belleza,
E na lyra cantava os seus amores.
— Olhou-nos a menina friamente,
E d'entre os meus joelhos desdenhosa
Foge ao gentil, ao festival mancebo;
E os aneis afagando que pendião,
Fez um ar de mulher e abandonou-me!
Eu senti meus cabellos se entesarem!
Mofou da minha voz desconcertada,
E que o luto e a pobreza me cobrião,
E nunca mais amou-me. O' natureza,
O' Deos, que fazes a mulher tão bella
Desde o berço, e tão fraca! innocentinha,
Que má sorte é a tua, que o teu peito
Sangue tão máo banhô! e eu te amava,
Com que amor eu não sei, mas é verdade.
Hoje mais fortes te corôão os annos,
E a minha voz escutarás piedosa.
— Espera a natureza aos teus amores:
A terra é falsa, não te illuda a terra.

Consumiste minha alma ennegrecida.
Tu diceste, que um Deos não me acompanha;
Vãa fumaça minha alma, que meu corpo
Em cinzas perderá passando o vento.

Me negas um repouso, um doce amigo;
M'incitas duvidar no amor da virgem:
E murcho e frio me recolho ás sombras
Da minha vida a me abraçar co'a morte.

Olhei... Meus dias vi do sol cahindo.
Escutei... Foi meus labios estalando
Em maldições ao ser desta existencia,
Ao Ser que sobre o sol conta os meus dias!

E eu que me assentava ao pé da serra,
Vendo as estrellas como nymphas de ouro
Subindo lá do fundo da corrente,
Começando-se a noite a encher de sombras;

Esperando que a lua atravessasse
No valle, por sauda-la destes nomes —
« Anna e minha mãe » — achei só tumulos:
Pallido o amor, pallida amizade!

Achei a minha vida ser tão longa!
Como o passar da eternidade: embalde
Dormia as horas, e nas dôres de hoje
Meus dias de depois eu descontei.



SOLIDÕES

SOLIDORS

XXXVII

V. ***

(A' MINHA IRMÃ MARIA-JOSÉ.)

Não mais o amor fatal, o amor do inferno :
Eu canto o amor da natureza — Salvo !

Quando fôres mais crescida,
Quando souberes fallar,
Quando mudares os dentes,
Deixaremos o palmar :
E este pé de mangueiro
Que sombrêa este logar
Ha de cahir de saudade
Sobre estas aguas do mar.

Na leiva de terra estranha
Cae do bico d'ave errante
O grão que preso levava
Em seu voar inconstante ;
E dali nasce uma planta :
Quem foi que a plantou ? Avante,
Por entre as moitas da urze
Desmaia engeitada infante :

Nem da quadra cultivada
Pelas mãos do lavrador,
Nem da semente aquecida
Em seios fortes de amor,
Ella não foi... desfallece,
Como os mysterios da flôr,
Olhando a sorte de Deos
Em muda, innocente dôr.

Nos seus banquetes o mundo
Espera a filha sem pai;
Os homens lanção-lhe o preço;
Em vil miseria descae:
Rodêa os olhos mendigos,
E nada encontra... um só ai!
A morte sua presa arrasta;
Porém, eu digo: esperai!

Triumpho! triumpho, ó Deos!
Não morres, filha, sou eu;
Ês aos lados de teu pai,
Ergue a fronte, o sol é teu.
— Não mintas... como eu te amára!
Meu pranto nunca escorreu
Por uma felicidade...
Estou nas portas do céu! —

Orphãa da mãe perdida,
Nem és a filha do amor,
Que o fogo d'alva dos annos
Só queima, não ama a flôr:

Nesse qual vago saudoso,
 Nesse qual perder da côr
 Bem dizes que és debil fruto
 De adolescente candor :

Desanimado crepusculo
 Em teu semblante esmorece,
 És botão mysterioso
 Que de manhã desfallece :
 Nem a brancura da rosa
 O corpo teu não aquece ;
 O pardo destas campinas
 Sobre o teu collo adormece :

És a irmã da parda rôla
 Solitaria e só donzella,
 Quando co'a voz despovôa
 A tarde assombrada e bella :
 Como o genio da tristeza,
 Tudo cala em torno della ;
 Se ella passa, tudo exila,
 Coitada flôr amarella !

Corça morena dos montes,
 Bastarda côr do anajá,
 Todo o mundo te despreza,
 Como a tua sorte é tão má !
 Não !... do mundo eu nada quero :
 Filha, amor, tudo aqui 'stá !
 Vivamos como as correntes
 Do tortuoso Mapá. — (*)

(*) Ribeiro da Victoria.

Escondido na espessura
 Lá da Victoria (*) deserta:
 Que eu seja tudo o que tenhas,
 Teu astro da vida incerta;
 E só tu minha existencia
 Que eu sinto que em ti desperta,
 Meu canto da nambú-preta,
 Flôr nos meus jardins aberta.

O' filha da escrava negra!
 Eu encontro em ti poesia,
 Mesmo no teu nascimento
 Do crepusculo do dia,
 E no abandono dos brancos,
 Que te faz tão triste e fria:
 Tudo passa, a lyra vive,
 Tu não tens noite sombria.

Cativa no occaso d'hontem,
 Eis o sol da liberdade!...
 Eu choro, que tenho o peito
 Tão cheio desta amizade!...
 Ao leito impuro descêras,
 Descêras antes da idade—
 Horror! as azas de um anjo
 Só võem á Eternidade.

Quando fôres mais crescida
 E já souberes fallar,
 Quando mudares os dentes
 Deixaremos o palmar:

(*) Fazenda de meus pais.

Iremos ver o Vesuvio
Suas lavas aos céos lançar,
A bella França ha de ver-te,
E as louras filhas do mar.

Tu, perfume dos meus dias,
Que dar sòmente quiz Deos:
Elle o soube... é que na terra
Eu nada tenho dos céos,
Além dos vagos delirios
Que vejo nos sonhos meus;
Os meus amores são sonhos,
Inda um sonho eu julgo os teus.

Tu serás a companheira
Da minha triste existencia:
Te mostrarei das estrellas
A harmoniosa cadencia;
Das harpas mysteriosas
A virginal confidencia,
Ouvirás meus sons nocturnos
Da noite n'alta dormencia.

E estas aves da tarde,
E estas terras do lar
Chorando te acompanharão
No deixarmos o palmar;
E este pé de mangueiro
Que sombrêa este logar
Ha de cahir de saudade
Sobre estas aguas do mar.

Ia tão triste o meu choro,
Que o rio, o vento chorava;
Mesmo a sombra do mangueiro
Como a tristeza esfolhava:
A minha pobre filhinha
Ignorante e terna olhava,
E de tímida e medrosa
No meu corpo se apertava.

Sobre os pés do velho manguê
A minha fronte pendia,
E minha filha brincando
Parece mimosa cria
Na relva do praturá ;
Longe a tarde se esvaía:
As noites do Marianno (*)
Pelos meus olhos eu via...

Margens do Pericumán.

(*) Río que estende o nome aos paizes da Victoria.

XXXVIII**DIA DE NATAL.**

(AOS MEUS CONTEMPORANEOS DO PERIGUMAN.)

Raia o sol, brilha no talo;
Morre o sol, fenece a flôr.

Tudo passa e vai com o tempo,
Nossa vida e nosso amor;
Doce quadra em que gozamos
Logo muda em dissabor.

Fazem annos que n'aldêa,
Patria nossa onde nascemos,
Leda gente concorria,
Ledas festas desfrutemos:

Nossas virgens matizavão
Nosso prado como a flôr;
Corria o vento nas folhas,
Meigas palavras de amor:

Estendia-se o horizonte
De fumarentas choupanas,
Nos paizes d'arredores
Cantavão brando as silvanas:

Rugia o tambor alpestre,
 Cadenciavão os cativos
 Toada africana ás danças
 Das crioulas d'olhos vivos :

Uma viôla harmoniosa,
 Doce fruta pastoril,
 Mimosa esteira de relva,
 Nosso tecto um céo de anil,

Noite e dia erão momentos
 Que como o vento passavão !
 Na minha infante donzella
 Meus olhos não se fitavão ;

Nem mais os tempos meus dias
 Com suas azas me arrancáião,
 Em sombras de amor desfeitos
 Em torno della abaixáião.

E nessa pura innocencia
 Tanto amor me arrebatava,
 Que minh'alma no meu peito
 Bellos sonhos delirava :

« Anjo do céo, flôr do campo,
 « Que me diceste que eu sou !
 « Fui como a noite obscura
 « Que n'alva o sol despertou ;

« Levantaste a minha fronte,
« Meus olhos d'orção cabidos :
« Minha vida, amor, esp'rança
« Eu via em ti renascidos !

« Oh ! juro pela minh'alma,
« Por ti, que dizes que eu sou,
« Por este amor que me déste,
« E a vida que me embalou :

« Ou morrer, ou suspender-te
« Nos louros da eternidade,
« Combater pelo teu nome
« A sorte, a adversidade !

« Arrancar-te deste inferno
« Para o meu clima dos céos,
« Arrancar-te á morte, ao nada,
« Se possível fosse, a Deos !...

« No romper desses nove annos,
« Expande as azas de amor,
« Pura e candida, remonta
« Nas harpas do teu cantor. »

Porém hoje no desterro
Deste longinquo saudoso
Minh'alma perde-se, esváe-se
Onda do echo vaporoso ;

Minhas horas vão pesadas
Sobre a corrente da vida :
Me desanima a existencia
De uma tarde esmorecida.

E eu a choro, que a amava !
A ella meu doce amor :
Feliz ! que os homens ignorão
Quem dá-me tão pura dôr :

A ella que appareceu-me
De formosura radiante,
E deu-me o dia á minh'alma
Pela noite escura errante :

A ella sombra encantada
Que d'innocente me amou ;
A ella que despertou-me
E que me disse, que eu sou.

Dezembro de 1853. Rio de Janeiro.

E'
No
Li
Ne
Nã
Da
Re
De
Do
Dei
Fil
Mir
Erg
No
Co'o
Da
Diz-
— C

XXXIX

A MUSA.

A. J. D.

O primeiro me fallaste ao oração
doce da infancia. Minha musa des-
pertou : e no pôr-do-sol da vida ephem-
era, ainda se exhala ao seu astro
da aurora.

E' noite e solidão ! noite e silencio !
Noite e minh'alma ! noite e meus amores !
Limpidas alvas não respira a lua,
Nem ondas d'harpa eolia nem de vozes
Não vagão : desce a sombra e cobre os valles
Da penedia, na verdura umbrosa.
Recolhe-me em teu seio, nos teus hombros
Deixa cahir-me a fronte mutilada
Do triste pensamento e da tristeza ;
Deixa correr meu choro e os meus soluços,
Filha da noite, minha musa, deixa !
Minha coitada mãe por toda a parte
Erguendo-me piedosa se enfraqueço
No caminho da vida tão difficil ;
Co'os çabellos me enxuga a fronte e os olhos
Da mágoa e do soffrer pisados, mortos :
Diz-me « coragem ! » e me consola e anima.
— Qual será meu destino ? porque eu choro,

Como quem vai morrer n'alva do dia,
 Deixando a patria e toda esta existencia
 Que eu tinha no meu genio, e toda esta alma
 Que me embala n'um céo que tanto eu sonho?
 Tu, que és do céo, ó minha musa, falla....
 Ah! estremeces.... é que eu vou morrer.

Solitario nas plagas do deserto,
 Errante como o vento, ou pelos mares,
 Na sepultura de meus pais chorando,
 De sombra em sombra procurando abrigo
 Nos ramos do cypreste, eu só contigo
 Tenho me achado, minha filha e amores,
 Tu, mãe que minha mãe deu-me em morrendo,
 Bafejando o meu corpo nos teus braços
 Como um berço d'infante, como um passaro
 Movendo-me em seu ramo á viração;
 Tu, fiel junto a mim sempre te encontro,
 Sempre tu, sempre tu — n'uma alegria,
 Olhando para trás desse passado
 De lagryma e saudade, olhando adiante
 O astro d'amanhã longinquo e frio
 Na sua luz duvidoso. Oh! quanta vida,
 Quanta poesia, quanto amor eu tinha,
 Qual n'um globo de ferro um sol fechado
 Sómente á espera de uma voz divina,
 Da inspiração de Deos para nascer,
 Dentro desta alma d'hontem! vacillante,
 Que ha de se apagar voltando a aurora,
 Logo no amanhecer! Perdido Cygnus,

Não mais, não te ouvirão.... Quantas mil flôres
Hei plantado ! e um sol sómente ao tempo,
Deos, pedia por dar-tas perfumadas
Nos jardins do ideal, puras e abertas.

Melancolica noite, minha musa,
Como eu te amo assim ! sombra nos campos,
Sombra nos montes, nem a lua e estrellas ;
Sómente o vento no deserto, longe
O mar na costa, um tépido susurro
Exhalando a folhagem. Horas tristes !
Meu corpo de cansado se desmembra,
O dia nem passei rasgando a terra.
Meus cabellos sombrêão minha fronte
Que pende no meu peito, que a levanta
No pesado bater, vibrão-me as fontes.
Então rios de mágoa e de tristeza
Nas suas ondas me levão. Tremo a morte
Que sinto vir andando ; eu abro os olhos
Ao tacto de sua mão : vejo um sepulchro
Aonde eu vou cabir ! já está tão cheio...
As cinzas de meu pai, de minha mãe,
Tantos amigos, muito amor perdido
Pela foice do tempo, na minh'alma
Córos, incensos, luzes do meu templo,
Que além do meu peito se extinguirão !...
Hiante para mim, não vos fecheis,
Sepulchro de meus pais — eu venho já,
Quero ver minha mãe.... porém, me aterra,
Tenho medo da morte, nesta idade,

Nem sei porque.... os tempos não me esperão,
 Gloria não vinga pobre flôr dos valles,
 Corôas do carvalho da montanha.
 Porém á minha patria, ás minhas virgens
 Vindo abrindo tão puras, encantadas,
 Porém á minha mãe deixar quizera
 Pendurada ao seu tumulto uma lampada
 De luz, d'oleos eternos; ao cypreste
 Que dá-lhe sombra uma harpa que gemesse
 Passando o vento, ao homem que sósinho
 Repousasse sob ella, a dôr no peito:
 Sob o musgo do tempo, na folhagem
 Temporãa, não perdêra-se hoje mesmo
 Seu leito d'anjo alumiado em sombras:
 Viria o coração sensível, triste
 No caminho da luz peregrinando,
 Derramar-lhe seus beijos com suas flôres,
 Dorido pranto suffocando n'alma.

Oh, não mates ainda, o sol nascendo!
 Mais um dia, meu Deos! dá mais um dia
 A' minha vida como a flôr, tão pouco
 Te pede um filho — dá! na eternidade
 Um dia o que é? Senhor! « Adiante!
 Adiante! vai morrer: em negra torre
 Do destino a tua hora está soando:
 Chegaste ao porto de manhã. » O' musa,
 Filha da noite, abraça-me e morramos!
 Adeos, bello universo de poesia,

Que de em torno o meu corpo, nos meus olhos
E na mente rolava-me : um cháos vivo,
Que, como tu fazias n'um aceno
As estrellas e o sol, na harpa que inspiras,
Que sabes dar, Senhor, puros arroios
D'harmonia tu víras, teus incensos ;
Da casa do pastor humilde fumo
Sumido aos turbilhões que os céos eſcurão
Dos castellos dos reis ; mas, recebêras
A pobre criação, tambem divina....
O homem, o insecto são teus filhos, te amão :
Vale tanto p'ra ti zumbido incerto
Como um hymno, que o mesmo amor os move.

Tão tristes minhas candidas irmãs,
Amigos que tenho hoje, e mesmo os outros
Que d'outr'ora eu amei — ah, não me amavão !
E esse limpido côro d'innocentes
Qu'inda não sabem amar, que inda não sentem
Feridas que homens fazem á morte eterna ;
Por isso rindo e amando, rindo ignaras,
Que o outro amor só chora ; as minhas rosas,
Meus anjos do meu céu do pensamento —
Vejo-as errantes, pallidas vestidas,
Bradando por meu nome ; eu não respondo :
Desentranção-se e chorão pelas margens
Do rio onde eu vaguei por esta vida ;
Perguntão-lhe por mim, pégão suas aguas
Por uma onda deter nas mãos tão frias,
Que lhes diga onde estou ; escutão, esperão. .

E nas aguas suas vozes vão perdidas
Tão bellas que a ave emmudeceu no ramo !
Os louros da Victoria qu'inda esperão
Estremecer á minha voz sob elles,
Suas folhas me chuvendo e a grata sombra,
Onde espiação-me os passaros calados
Reconhecendo-me a tão longa ausencia,
Gemendo murcharão de mil saudades,
De desp'rança mugirão na ruina.
— Eis porque eu chóro de morrer tão cedo :
Porém, dos anjos rodeado, eu morro :
Qual palmeira de argenteas borboletas
Se cobre esvoando na manhã d'estio,
Que fogem, quando ao golpe do colono
Cabio ; coitadas, seintillando as azas
Vem de novo pousar, errão nos ares
Onde a rama ondeava, e se retirão ;
A metade inda volta, uma só, duas,
Que mais o orvalho e o som beber-lhe amárão,
Chegão perto, porém desaparecem,
De acostumadas ; por si mesma, triste,
Inda o dia seguinte aquella vinha
Que ainda o amor engana ; então sumirão.
Por uma vez, e a palma a terra envolve.
Assim quero morrer ; inda descendo
A' noite quero ouvi-las suspirando,
Em trepida candura as azas d'ave
Tremendo desdobradas na corrente ;
Ouvi-las medrontadas do cadaver
Que amárão apertar ; mesmo fugindo,

Perdendo-me, esquecendo, amára vè-las
No horizonte do tumulo espalhadas.

Fôra bello voltar depois da morte
E muda vista percorrer ao mundo ;
E, antes de tornar ao pouso eterno,
Cantar saudoso adeos, nessa tristeza
Desse solemne soluçar dos montes :
E traçar sobre as paginas da lagem
Seus mysterios, mysterios desta vida
Que eu não posso entender, e o Deos que adoro !

XL

O TRONCO DE PALMEIRA.

Oh ! eu sou como a palma sem folhas ??
Solitaria nas praias do mar :
Minha fronte seus ventos rompêrão ?
Inda branca da infancia doirar.

Os passantes aqui nesta fonte,
Quando outr'ora, tão doce, corria,
Vinhão todos beber : hoje secca,
Dizem tristes olhando « um só dia ! »

A verdura perdeu-se co'as aves
Deste monte coberto de relva,
Nem as sombras por elle se estendem 9
Como vagas dos ramos da selva ;

Como em fendas que o raio fizera,
 Hoje o vento só vem sibilar,
 Lisas pedras da encosta rolando,
 Pó fumante no cume a soprar.

Debruçadas no roto penhasco,
 Longas aguas seu canto entristecem
 Pelas sombras da tarde, e com ella
 Do horizonte selvaticos descem

Lentos echos pousar, lentas rolas,
 Tristes filhas do isolamento,
Abstractas no tronco sem folhas,
 Sem ter vozes, sem ter pensamento?

Descobertas raizes lhe seccão,
 Envergar-se disseras de dôr:
 Sobre as ondas seus arcos descrevem
 Ante os raios do sol do equador.

Sem a veia que cerque-lhe os pés,
 Suspendida na pedra cortada,
 Qual da foice do incola negro
 Esquecida na terra queimada,

Inda é bella a gemer aos tufões,
 Rama a rama perdendo a murchar....
 Oh! eu sou como a palma sem folhas
 Solitaria nas praias do mar!

XLI

Noite silenciosa! unico abrigo
Que ficou-me no mundo! nesta praia
Tão solitaria me lançarão: triste,
Indifferente, mudo, nada encontra
Minha vista por longe — murchas hervas
E o tronco desfolhado me rodêão.
Não sahe deste rochedo veia d'agua
Para o valle sem flôr; e a onda amarga
Um choro esteril nos meus pés derrama.
O cypreste espiral dá-me sómente
Sua mão de tumulo! tumulo piedoso
E a sombra frouxa, moribunda á fronte
Pendida minha, branca e sem esp'rança:
E no deserto della eu sinto errante
A nuvem da alma... ó musa desgraçada!
Apagão-se os meus olhos friamente,
Sem uma onda de luz, sem raio extremo,
Em fundo occaso pallido: minha alma
Nem mais corre de amor, de amor os gritos
Nem mais a chamma do meu peito espertão.
Minhas azas cairão, como outomno
Vem despindo o meu corpo; folhas mortas
A crepitar se escôão... tudo em torno
Nada tenho de mim! dorme o silencio
No caminho deserto, e só palpitão
Meus rastos apagados pelo vento:

E mugibundo ao longe o mar contando
 Os meus desgostos ás sonoras plagas,
 Ao peito meu sonoro d'oco tronco,
 Que o vapor fraco do meu pranto exhala,
 Fendido ao coração que se convulsã
 Sem verter uma seiva! Eu sou cadaver
 A' mão divina estremeçando — chora! —
 E minha alma começa nos meus olhos
 Desfazer-se e cahir, se esvaecendo.

Silenciosa noite! um céo apenas
 Adiante eu vi raiar: mostrou-me a terra
 Dos meus pedaços espalhada, e eu só,
 A dôr me contrahio: oh! como é longo
 O caminho que eu vou! — por este monte
 Eu tenho de passar: cada uma pedra
 Que eu ergo, e sinto atrás de mim cahir,
 Um passo eu dou — de menos este sol
 Me deixa respirar. Cançado e morto,
 Na minha tumba eu já me deito: noite,
 Occulta-me em tua sombra!... Já branqueã
 Abertas margens do horizonte a aurora:
 Ave de Juno desplumando estrellas
 Nas sayas ondulantes, tu mentiste!
 O perfumado mel que dás á abelha,
 Com a mão d'ouro espremendo dos cabellos;
 Tão mimoso sorrir com que te inundas
 E faz poesia aos passaros e ao vento,
 De que valem p'ra mim? Na terra onde
 Não ha vegetação, tua luz de lua

Que vem fazer? nasci perto da morte,
O meu nascente escureceu no occaso.
— Julguei a noite eterna! e desdenhoso
O céo mostra-me ainda o dia d'hontem,
Que mata-me de novo em cada dia...
A noite do infeliz não tem manhã.
Leito da vida, morte, leito da alma,
Sêcca a fonte de mim, que inda esperais?
Acabei de viver — nem soube o mundo.
Meu incognito adeos sómente á noite,
Com quem tenho vivido, ao monte, ás praias!

N'aurora — eu penso no descer da tarde;
Mal fecha a noite — já procuro o dia:
Quem me dera esquecer dormindo as horas,
Consumi-las!... desperto, e vejo o tempo
Em seu lento cahir! pouco avancei
No querer apressar minha existencia:
O tempo d'azas para mim não vòa,
Falta muito p'ra noite, oh! muito! muito!

Chega tremulo velho suspirando
Á beira do seu tumulo, com a vista
O fundo mede, e foge horrorizado:
Volta ainda, e vacilla: é tempo — olha
Distante o mundo com saudade e pranto.
Espanta, se uma brisa fria e leve
Um pedaço da neve ergueu-lhe á fronte
Que as idades sombrêão, quando um echo
Vago perto passou, atrás sentindo

Rumor d'insecto: a morte sabe de tudo,
 De toda a parte surde — da flôrzinha,
 Da corrente que deita-se no valle,
 Do ramo que no pé se menêou —
 « Como tudo era morte, natureza,
 « Debaixo dessas fôrmas bem fagueiras
 « Com que tu me illudias, te escondendo
 « N'uns vestidos de amor, ledice e vida!
 « Hoje, porque rompeste as phantasias
 « Que em outro tempo eu vi te embellezavão?
 « Occultavas na flôr tantos phantasmas?
 « Esta a verdade, dura, horrenda, feia,
 « Que com tanto sorrir preludiaste?...
 « A bondade de Deos não está nas dôres
 « Que o fim da vida magoado pisão... »
 E volta-se; e de novo arripiado
 Estremece, correr tenta, debalde:
 Para aonde? — chegaste em toda a parte!
 Não ha partida ao porto do infinito!
 O mundo todo é sepultura aberta,
 Lousa silenciosa o céu; da esp'rança
 Não reverdecem os ramos que murcharão.
 O pensamento tímido afrouxado
 Da vista, pelos raios, se irradiá.
 — Que tens, velho? inda queres vida? ainda?...
 Como és feliz, que tanto vives! e eu,
 Tão cansado dos meus primeiros dias,
 Vasia a terra achei, sem ter esperança.
 Cerro os olhos, e atiro-me contente
 Na eternidade socegar — ao Nada!

Fica no meu logar, dá-me a tua noite,
Desta manhã teus annos recomeça.
— E' tempo! sente no cahir das horas
Quebrar-se o coração, como hei sentido
Passando a vida. Aqui deixáras a alma
Na saudade do mundo e dos amores,
Se primeiro não visses descarnada
Serpe co'as faces da mulher sorrindo,
Feições exteriores de natura:
Barbara a doce morte antes das dôres,
Na alegria não salva, ella assassina.
— Nem mais o amor, o amigo! horror ao mundo:
Nem olhes para trás sabindo delle.
Manhã por entre as noites da existencia
A esperança lá está nas mãos de Deos...
E Deos está na dôr — nossa alma inteira
A elle, no soffrer divinizada.

Amor, felicidade é toda a terra,
O infeliz sou eu: em circ'lo estreito
Rodêa-me o prazer e a vida; e triste,
D'uma outra natureza, em mi me fecho —
Nem digo a minha dôr que o homem sinta,
Os homens não me podem consolar.

XLII**O CASAL PATERNO.**

(VICTORIA.)

Eu era o Benjamin querido
destes logares....

Tectos ! que o vagido ouvirão
Quando despertou-me o mundo ;
Montes ! que abaixei subindo ;
Valles ! que descendo ergui ;
Troncos ! meus contemporaneos,
Julguei que estivesseis mortos.

Lua ! que correndo eu via
Ama a segurar meus passos ;
Sol ! que meu pai mostrou-me,
Venho viver comvosco.

Sitios da minha infancia ! então qual concha
Pelas auras tangida ao mar d'aurora,
Candidos annos forão-me, ó infancia !
O' arvores, que vistes-me em seus hombros
Aos embalos da voz adormecido,
Qual vosso fructo balançais ao vento ;
Seguindo-me a crescer, depois ao lado
Pela mão de meu pai de um passo lento

A correr e saltar, e me ensinando
O nome delles e do céo, ó arvores,
Eu vos saúdo! não desconheçais,
Cobri-me deste ramo — a calma é forte...
Hei medo de estar só com estas sombras...
O' meu casal, ó meu casal amigo!
Como está repetindo a natureza
Tudo o que já passou!... falla! que existes.
Como as flôres se erguem diante della!
Como crescem suas folhas!... Enganosas
Imagens através ás minhas lagrymas:
Depois que o pranto cabe, tudo é tristeza.

Acorda, minha mãe, que tanto dormes
Lá na pallida campa! vem ouvir-me
Dilacerado o canto das ruinas,
Deste assombrado solitario o canto.
— Tudo é silencio, solidões é tudo:
Apenas o echo magoado e lento
Da minha voz expira no fracasso
Da folhagem cadente, nos rumores
De amortecido vento pelas fendas
Musgosas, e os destroços espalhados
Da fazenda, que foi, que assola o tempo.

Foi um goso e brincar a infancia minha,
Foi delicias de amor:
Meus dias matinaes! dias que eu tinha,
Lymphas no pé da flôr.

Porém, tão poucos! despontando a vida
Cerrou-se o meu nascente ;
A noite se despenha denegrida
Cahindo tristemente.

E esses lindos verdores
Desse bello sol-nascer,
Penhores por entre o riso,
Por entre a voz a correr,
Tudo passou tão de pressa,
Foi tão de pressa morrer !

Doce nome de mãe, que eu amei tanto
Dentro do coração !
Doce nome de mãe que era o meu canto
Do anoitecer na benção.

E perdeu-se para sempre
No meu peito a minha vida,
Como nos céos enublados
A minha estrella querida :

Assim de tarde apparece
Ramo d'ouro na espessura
Cercado d'aves cantando :
Passa o Natal, e não dura.

E como o ledo páu-d'arco
Só n'uma tarde sorri,
Mimosas tão breves flôres
Murchas nos meus pés as vi.

Seus olhós por seu rosto se estendendo,
 Errava a claridade que espalhavão.
 Tão boa minha mãe ! tão maternal !...
 Tão má ! tão homicida esta saudade !
 — As arvores viúvas se despirão
 Do verdemar esplendido e frondoso,
 Pelo silencio mystico e sombrio :
 Sentinellas fieis que estão guardando
 Os tumulos sagrados de seus reis,
 Qual domesticos velhos mudos vagão
 Pelos salões vãos dos senhores.
 Acompanhar-vos venho ; neste portico
 Tomo o meu posto, aqui fico encostado :
 Choremos juntos, companheiras minhas ;
 Chorai, amigas, soluçai commigo.

Tinha sua frente o repouso
 Da piedade e do amor ;
 Bonança divina, eterna
 Formava seu resplendor :
 Essas coróas se rompêrão,
 Sobre um cadaver pendêrão.

Beijeí seus labios tão frios,
 Beijeí seus olhos fechados :
 Inda amor seus labios tinhão,
 Inda em pranto desfiados
 Seus olhos eu vi chorando,
 Pelos seus orfãos clamando.

A escravidão toda errante,
Que sonho inquieto inspirava,
Por meio da noite andando,
Nocturnamente ululava :
Mesmo os cedros parecião
Que soluçando se erguião.

As laranjeiras do sitio
Umamorrerão, murcharão ;
A criação fugitiva,
Os pombaes se abandonarão :
Tudo mudava n'um dia,
O valle fundo gemia.

O Olho-d'agua (*) seccou,
Perdêrão o trilho os caminhos,
Deixarão as folhas os troncos,
Deixarão as aves os ninhos :
Tudo n'um dia mudava,
O monte longe chorava.

Todas as aves e o gado,
Tudo o que a vio nestes sitios
Tudo morreu de saudades,
Tudo com ella acabou :
Murcharão flôres no prado,
No monte o cedro murchou.

(1) Fonte da Victoria.

E eu penetro os annos que passárão,
 De minha mãe ao lado aqui me assento ;
 Ouço tocar a campa ave-maria,
 Do pai religioso o grave accênto.
 Como é triste o espectac'lo da tapéra !
 No fundo do deserto ondêa o vento.
 — O echo de uma pedra... desmoronão
 Antigos torreões onde eu nasci !
 Um gemido.... suspira moribundo
 O confidente velho, esse africano
 Filho da liberdade, escravo aqui.

Esquecêra o velho d'Africa
 O paiz onde ha poesia,
 A longa margem que o Zaire
 Por mez d'inverno floria ;
 Esquecêra a lua argentea,
 As luzes do sol do dia,
 Pelo nome dos finados
 Que revive n'agonia.

Nesta orfandade desbotada eu vivo...
 Meu Deos ! quero fugir aos vossos reinos.

Nesse tempo eu não sonhava :
 Não vio-me o sol delirar,
 Não vio-me o cume dos astros
 Nos fundos valles do mar.
 Porém, desço dessas nuvens
 E sou na terra a chorar,
 No meio da soledade
 Dos desertos do palmar ;

Sou debaixo das fruteiras
 Renascer vendo o passado :
 Em cima responde a rola
 O meu suspiro cortado :
 De meus pais a Deos eu fallo
 Lá no oratorio sagrado.
 Imagens mortas povoão
 O mundo do desgraçado.

Minha mãe, pede que eu morra,
 Pede que eu morra, meu pai ;
 Pede a Deos descendo ás pontas
 Da montanha do Sinai,
 Quando a lei gravou nas táboas,
 Diz ao propheta « espalhai ! »

XLIII

FRONDOSOS CEDROS D'OUTR'ORA.

Frondosos cedros d'outrora,
 Que déstes sombra ao meu gado,
 Quando na calma do estio
 Andava errante no prado ;
 Piquiseiro envelhecido,
 Que lh'estendeste a ramada
 Cheia de tremula sombra,
 Do toscó fructo envergada ;

Meus campos d'antigamente,
Que longas hollas cercavão;
Bella collina, o penhasco
Que no occidente enrouxavão:
Salve! — céos da natureza
Só viva para chorar —
Foste agigantada virgem,
Ês murcho outomno a esfolhar.

O' dias dos outros tempos!
O' dias da minha aurora!
Como encantado me vistes,
Frondosos cedros d'outrora!
Brada a noite, e despovôa
Os negros cumes do céu;
Os vossos vestidos novos
Tambem a noite os rompeu.

Era o sol da minha idade,
Eramos gêmeos da selva,
Com elle brincava junto
Nestas campinas de relva:
Ás mesmas horas dormimos,
As mesmas nos despertarão,
A mesma fonte banhou-nos,
E as mesmas aves cantarão.

Eu era gêmeo co' as palmas,
A crescer nos comparando —
Um dia achei-as mais altas,
Virão-me n'outro as passando.

Bello passaro que amava
 Bateu as azas, vôou :
 Aqui — nos pés destes troncos
 Minha existencia findou....

Victoria.

XLIV

MEUS NOVE ANNOS N'ALDÊA.

Quem ? n'uma pedra do caminho descansando uma hora; já pelas sombras da vida, não volverá em religioso silencio uns olhos vagarosos aos valles da infancia ? já vão tão longe na extensão profunda e obscura, e apenas a lembrança os amollece ainda de fresquidão e de relva, cahindo o pranto saudavel e tão terno como esses mesmos nove annos d'aldêa !

Nove annos eu tinha e vivia
 Nos desertos do Pericuman,
 E meu pai ensinava-me a Biblia
 E os preceitos da igreja christã :

E meu pai educava minh'alma,
 Minha mãe faz o meu coração
 Cada dia mais amplo, de amores
 Qual de flôres o enchendo com a mão.

Como eu era feliz nesse tempo !
Sem da vida a lembrança de horror,
Alegrando meus olhos n'um riso,
Espontaneos chorados na dôr.

Muitas vezes á pedra assentado,
Quando o sol começava a sumir,
Meditando confuso no livro,
Eu perdia com o sol o existir !

Entre as mãos o meu rosto escondido,
Crendo imagens, que eu via, apagar ;
Minha frente estalava e batia,
Turbilhões vindo nella roçar :

Abysmavão-me os astros da noite,
Quando a lua suas phases mudava ;
O prazer da manhã na minh'alma,
Qual meu pai, não sei que me animava.

E pensando que o mundo só era
Entre as nossas montanhas d'aldêa,
Que depois do horizonte só Deos,
Eu tremia no mar dessa idéa :

Qual sahido de um sonho me olhava,
Que sentia me o ar comprimir ;
E medroso fugindo das trevas
A's irmãas que lá brincão me unir —

Meu semblante inda pallido vião ;
Porém nunca ninguem revelou :
Tinha medo dizer meu pensar,
Conhecê-lo inda mais me aterrou !

— Bem amava do velho africano
Grave o aspecto, nevada sua frente ;
Longa historia lhe ouvi, tão saudosa,
Como a chuva descendo do monte.

Procurava-o á tarde : assentado
No batente, rugia na mão
Loura palma, vedando á palhoça
Pobre e limpa gentil criação.

Vêr o indio, suas pennas, sua flecha ;
Dos siganos o bando esmaltado,
Fui confuso que Deos outras gentes
Mais que a nós tanto houvesse creado !

E eu dizia : por tua grandeza
Não bastarão teus filhos, meu Deos,
E estes montes e o valle florido
E as estrellas que pisas nos céos ?

Porém, tudo me ennova, me alegre :
Nédia rez conduzindo o vaqueiro,
Pascentar o rebanho, a chegada
Quasi á noite de um cavalleiro.

— Salvas santas amei de Maria,
Foi-me noite de festas o sabbado,
Lento o sino dobrando sonoro,
Repetindo na selva e no Prado.

E propinquas vizinhas familias
Juntas ledos passavão o serão :
Exultou-nos a infancia de vida,
Mesmo infancia exultou no ancião.

Altas alvas tocavão matinas,
Quando brilha o domingo no céo ;
Bella, accesa, fumosa a capella
Era harpejos de um canticos hebreu.

Derramavão-se sobre a montanha
Longas ondas de um sol tão formoso,
Como vestias, como harpas ethereas
Desdobradas pelo ar vaporoso.

Calmo o tempo, o descanso de Deos
Amplas horas fazião lembrar,
Muito ao longe uma pomba arrulhando,
Longe harmonico o gallo a cantar :

Tinha o dia mais echo, nas arvores
Balançava-se o vento mais brando,
Doce e mesta canção das senzalas
Minha mãe no seu fuso levando :

Toda a casa mais clara, mais nova ;
Erão os trilhos mais longos, nitentes,
Que o da lua nascendo angustia,
Murcha as flôres do sol innocentes.

Eu corria nos raios do occaso
Me vestir todo de ouro no campo,
Inda as filhas da noite me achavão
Esperando accender pyrilampo.

— O inverno passavamos juntos
Reunidos no grande casal,
No verão nossos pais nos levavão
Aos retiros, á roça, ao curral.

Nos dissemos a prole da lua
Recolhidos no seio de um'aza ;
Indo o sol para a tarde, brincamos
Pelas sombras da beira da casa.

Via o monte, as palmeiras suspensas
Pelas bordas de um céu todo em côr —
Bellas campas, qual flôres de fogo
Nas vermelhas manhãs do equador.

De amoroso estendi-me na relva
Da campina coberta d'enfeite,
Ou na tosca fumante ramada
Dos pastores das vaccas de leite ;

De amoroso nos pés me deitava
Da laranja cheirosa e florida,
Como a cria que a sombra procura,
Que sósinha encontrou-se perdida :

Esperando cantar philomela
Que suspira na moita do matto,
E as palmeiras sonoras erguerem
Bellos orgãos co'a voz do regato.

Perto o vento passava longinquo
E o pomar de sensível tremia,
Como a fonte que vai modulada,
Que entre as humidas hervas corria.

Tinha arêa de prata o Olho-d'agua,
Tinha conchas e encantos sem fim,
Redolentes suas margens, seus peixes
Vinhão mansos em torno de mim.

— Como as rolas do sitio a conhecem
Que em seus hombros desciaõ pousar !
Revoavão seus pombos sobre ella,
Minha mãi vindo a aurora saudar :

Leda escolta das aves domesticas
Vai trás della n'um côro selvagem ;
E ella fez seu passeio matino,
Colhe um fructo envergando a ramagem.

O terreiro lhes cobre de grãos,
Onde fervem qual folhas na serra ;
E depois estendendo suas azas
Inda estão se lavando na terra :

E levantão-se as rolas aos galhos
Onde paixão nas calmas do dia,
Para dar ás irmãs a criar
Seus filhinhos do ninho eu pedia.

Como pousa na rez, tão coitado
Perguntou-me gentil bemteví :
« Onde a vida me levas nos filhos ? »
Um açôr eu não sou : respondi.

« Tu quizeras que á mãe te arrancassem ?
« Ver seu pranto que os olhos vertessem ?...
« Só as vozes de mãe adormentão ;
« Outras azas que a mãe não aquecem.

« Tu me queres tirar do trabalho ?
« Como é doce o trabalho dos filhos !
« Eu não vejo tua mãe doces frutas
« Apanhando por dar-te nos trilhos ?

« Terei sempre o que dar-lhes nos ares ;
« Quando a mim me faltar, oh, com beijos
« Minha fome eu irei enganando,
« Minha sede e os meus outros desejos :

« Não lhes vês a garganta batendo
« Quando os tócas, abrindo o biquinho ?
« Como quando eu chegava no ramo
« São suas vozes, oh, dá-me o meu ninho !

« Elles chorão tremendo de frio,
« Já tem fome : não queiras trocar
« Essa cama que eu fiz-lhes das pennas
« Que eu podia do corpo arrancar,

« E estas azas que os cobre da noite,
« Um calor natural nelles dando,
« E a comida já meia digesta
« Do meu seio em seus seios passando,

« Pelos pannos que aqueintas no fogo,
« Pela dura e tão fria comida...
« Como é grato o viver com sua mãe !
« Como é triste o perder-se essa vida !... »

Apertou-se-me o meu coração,
Nunca mais nem um ninho eu tirei :
Qual da minha estar junto eu amava,
Vê-los juntos sua mãe eu amei.

E ficou-me um pezar no meu peito...
Como quando ave triste cantou,
Como quando suspira a ribeira
Que a torrente passando deixou.

Toda a parte por onde eu andasse
 Rodeou-me um temor de perdê-la :
 Eu corria abraçar minha mãe,
 Nunca farto de amá-la e revê-la.

Aquella ave fallou-me p'ra sempre,
 Todas mais ella só repetião ;
 Eu pedi minha mãe não cantasse,
 Porque mesmo os seus cantos dizião.

Apertava-a sensível, suas faces
 Nos meus beijos de filho amoroso —
 Que entristece-a mil vezes olhando
 Como agouro em meu rosto piedoso. . . .

— Ide hoje á Victoria, e vereis. . . .
 Cae o dia formoso do sol,
 Porém sobre ruínas, vestigios
 Do que foi meu amor no arrebol ;

Uma só laranjeira e nem flôres,
 O Olho-d'agua seccou ! nem as casas. . . .
 Só tu ficas, ó tempo, ó eterno,
 Tudo a nós nos arrancas com as azas !

— Minha vida era toda o presente,
 Foi-me um sonho da noite o passado
 Que se apaga com a luz matutina,
 Meu porvir um só passo apressado :

Minha vida era um valle obscuro,
 Brilho honesto de candida estrella....
 Onde fostes, meus bellos nove annos?
 Onde fostes, aldêa tão bella?...

O' descanço no collo materno!
 O' desertos do Pericumán!...
 E meu pai ensinava-me a Biblia
 E os preceitos da igreja christãa.

Auteuil.

XLV

Dorme em leito de bonança
 O feliz, na paz da creença:
 Sem sonhos no somno placido;
 Sonhando, só sonha amor.
 Eu sonho quando não durmo,
 Por viver nesse passado:
 Dormindo, máis pesadelos
 Me sobresaltão de horror.

O' tu! que nos relampagos dos olhos
 Embalaste minh'alma, vaga incerta
 Cahida nos teus pés, n'um céo d'amores
 Levada por encanto — e convulsosa,
 E ávida de ti, ampla qual nuvens,
 Me enlouqueceste de uma vida eterna!
 Aonde foste? onde estás? porque morreste,
 Virgem co'as fórmãs da nevada nuvem
 N'alvacenta manhã, co'a graça angelica?...

Tu, que beijaste minha face e amante
Deslisavas por mim, me estremecendo,
Mimosa e mansa, linda rosa d'hontem,
Em suspirar só teu, abrindo ao zephyro ;
Tu, que em teus seios, tão feliz, sentias
O latejar da minha fronte calida,
Meus labios quentes offegando amores ;
Que aos meus delirios piedosa andavas
Teus olhos sobre mim, de apaixonados
N'uma luz pranteada se quebrando ;
Enleando os teus braços indolentes
Pelos meus hombros.... onde foste ?—Inda amo !
Amo-te, eu sinto, de tuas sombras fujo,
Da vida eu fujo que contigo amei.
A musica celeste, essa poesia
Que foi minha de harmonicos enlevos,
Quando em teu peito tresbordava esta alma
Em ondas de um pensar tão melancolico
De tantos ignorados sentimentos,
Não quero ouvir a musica, essas harpas
Que no meu coração notas côavão ;
Não quero o canto nem tremor dos bosques
Nem voz da fonte nem clarão da lua !

Sonhos tão bellos, que no amor se gerão,
No meu passado como horror trazeis
Tão de sombria morte a rodear-me,
Me roçando a passar ! eu estremeço :
Porém não sei correr da minha sorte ;
É porque ? como a ovelha ignorante

Que pasma ao céo, que relampêa e estala
 Como o pestanejar do deos das sombras,
 E sacode a cabeça e nada entende,
 Ou que aos olhos da féra os seus aperta
 E balido innocente apenas solta
 Na morte penetrante : eu sou como ella.
 — O' vida desgraçada, ó minha vida,
 Quem que te fez assim ? quem te vivêra
 Se eu não fôra ? faminta, miseravel,
 Fugindo aos homens, só, assim na terra
 A rugir do meu ser á voz que eu sinto
 Lá dentro d'alma remorder-me ! os vivos
 Aterrando de mim ; persigo os mortos.

Eu careço de amar, viver careço
 Nos montes do Brasil, no Maranhão,
 Dormir aos berros da arenosa praia
 Da ruinosa Alcantara, evocando
 Amor.... Pericumán !... morrer.... meu Deos !
 Quero fugir d'Europa, nem meus ossos
 Descançar em Paris, não quero, não !
 Oh ! porque a vida desprezei dos lares,
 Onde minh'alma sempre forças tinha
 Para elevar-se á natureza e os astros ?
 Aqui tenho sómente uma janella
 E uma geira de céo, que uma só nuvem
 A seu grado me tira ; e o sol me passa
 Ave rapida , ou como o cavalleiro :
 E lá ! a terra toda, este sol todo —

E n'um céo anilado eu m'envolvía,
Como a aguia se perde dentro delle.

Ingrato o filho que não ama os berços
Do seu primeiro sol. Eu se algum dia
Tiver de descansar a vida errante,
Caminhos de Paris não me verão :
A través os meus valles solitarios
Eu irei me assentar, e as brisas tépidas
Que os meus cabellos pretos perfumavão,
Dos meus cabellos velhos a aza tremula
Embranquecerão : quando eu nascia
Meu primeiro suspiro ellas me derão ;
Meu ultimo suspiro eu lhes darei.

Quando eu fôr navegando á minha terra,
A viração mareira no meu rosto,
Espanejando esta alma no oceano,
Começarei amar ! e o sol co'os raios,
Como braços de amante, as mariposas,
As inconstantes ondas afagando,
Amansando-as de amor em rebeldia ;
E a lua formosa, como a rosa
Quando as petalas todas desdobrando
Vai, qual virgem de amor descamisada
Nevado seio a arregaçar dormindo
Em seus leitos de azul resvala, ondula ;
E as longinquas montanhas fumarentas
A balançarem na agua ; e o nevoeiro
Desrolando dos céos, diffuso ao longe

No horizonte; e quando sobre as margens
Enlevado da patria o meu baixel,
Ginete inquieto aos conhecidos sitios,
Eu vir; sob os meus olhos, que uma lagryma
Partem, partem de alegres, as palmeiras,
Esses rios e serras, esses campos,
Irmãas, amigos, tudo... então morrer!

Prenhes de raios, de trovões as nuvens
Arrastão pelós céos pesados elos
De cadêa inequal, por despertar-me.
O céo estremeceu: de azul, prescito
As faces retrahio; negrento fumo
Correu; a terra densa vestia cáe.
E eu dormia o meu somno de acordado,
Quando a dôr amortece: olhos desvairos,
Deslavados das lagrymas, não olhão.
Minha alma errante, de voar nas trevas
Fecha as cançadas escorridas azas;
Meu pensar afadiga-me: do mundo
Fugitivo eu serei... oh, minha sorte!
Minha mãi pelos céos abandonou-me
Inda infante, meu pai tambem morreu;
Amei doces irmãas, eu não sei dellas;
Companheiros gentis da meninice,
Da carreira nos prados, se perdêrão;
Meigas adolescentulas celestes,
Que descer dos mais annos me fazião
No jardimoso albor andar com ellas,
Fechadas flôres, tão cheirosas, fôrão!

Perdi tudo o que amei! tudo me foge,
E nem a morte eu sou — tudo o que eu tóco
Desfaz-se, horror! E o meu céo, meu berço,
E os anjos do meu sonho, e o meu sol d'oiro,
Sisudo ancião com frente de meu pai,
E os meus amores... Não! quando sonhando
Augurão-me abandono, e solitario
Como o Job piedoso, ainda a vejo
Gêmea do meu amor, em nós nascido,
Por nós creado, que ella amou primeiro,
Que primeiro eu amei, que amemos tanto!
Vejo-a correndo não sei donde, e doida,
Seus vestidos no vento desdobrados
E os humidos cabellos; braços longos
Despedaçando o ar, que diante ondêa,
Por mais solta chegar; incertos gestos
Na face, nos seus labios, nos seus olhos
De choro, de alegria ou de piedade,
Trememente por ditosa e de tristeza
Vendo-me como o Job: dos céos, do mundo
Exulado e faminto, e sem abrigo
Á ventania, aos vermes! pobre filha,
Pobre escrava de amor, porque inda o amas?..
Verte consolações, traz salvamento,
Doces afagos tão de mãe saudosa,
Doce fresco da tarde me alentando;
Com seus cabellos a nudez me cobre,
• Molles ondas do mar se desfazendo,
Se desdóbandando, rodeando a praia;
Palma ao sol, sobre mim seu corpo inclina,

Eu sinto a sombra me passar na fronte,
Cabindo co'o murmúrio da sua falla,
Quando eu acordo!... E que me importa o mundo,
E que me importa o céo que me abandona!
Unidade o poeta absoluta
Sem depender dos astros nem da terra,
Canta por natureza como o passaro,
Por natureza as lagrymas espalha,
Vendo os homens miseria, elle miseria;
A escorregar co'os mais sobre a desgraça,
Curte saudades do que vai passando
Arrastado do tempo, e que elle amára:
Amor, de que se nutre, e nunca farto,
Seu alimento devorando, morre!
— Soffre o homem vivente, ao menos o homem
Sabe dizer sua dôr, que Deos afaga,
Não sare embora; mas o pobre bardo,
Ai d'elle — de gemer suas veias rompe,
Como ignoto do Ser, vai delirante,
Vai sem saber de si, do que sentira,
Que foi tão fundo, que ninguem lhe entende!
Um phantasma sumio-se espavorido,
Bello vôando á noitidão do abysmo,
Donde apparece: « passa, e leva o echo
Da tua voz, ó sombra mysteriosa,
Que nós da crença » dizem « não sabemos
Teus latidos ouvir, delirios torvos
Em candentes marasmos revezados. »
— Se cava, se ergue e se balança a onda
Em seus tremulos pés sobre o oceano:

Filho dos mares, filho das estrellas,
Errante como a onda ao pólo eu sigo.

À sombra da palhoça americana
Ei-la assentada ao lado de sua mãe
Aprendendo a tecer n'alva almofada,
Pobre innocente! Eis-me abandonado
No meio da Victoria, entre as ruinas,
Por entre os laranjaes sem flôr nem folhas,
Sem raizes nem fruto, semêados
Por mãos do furacão por sobre a terra!
Corro abraçar os seios tão fecundos,
Beijar tão ampla, tão piedosa fronte,
Diffusos meus afagos derramar-lhe
No pensamento, que se lança, ondêa
Expansivo e materno aos pés de Deos
Nos olhos de seu filho... os labios firo
Na dura casca do longêvo tronco
Do bacurizeiro e a pedra; em vez da bocca
Perfumada da voz celeste e tépida,
Em vez do collo amorenado e fresco
De minha mãe de vibrações pacificas!
— Me debruçava lá na infancia longe,
Tão fértil, matinal e tão amada...
Como é arido o pranto que eu espalho!

A herva, o musgo não estavam nella,
Eu vejo a sala em chão ennegrecido
E liso pelo tempo, alegre e limpa,
Com seus rusticos moveis d'angelim;
Atada a branca rede neste canto,

Rainha minha mãe do throno argenteo
Repartindo suas ordens brandamente :
Amiga escravidão contente a' escuta,
Basta matta derriba, os montes queima.
Da terra quente e humida do fogo
Emanão das entranhas os vapores,
Do lavrador o sacrificio aos céos,
Innócuo, a cada passo repetido
No cahir de uma enxada, erguer d'um echo
A voz saudosa e nautica da escrava
Acompanhando os cavadores no eito ;
No braço pende a cesta de pindoba
Co'a semente do outro anno conservada,
Melhor á plantação; e o vento leve
Monta e balança as oblações divinas
Do tronco que inda fuma e os longos sulcos
Que o grão sepultão. Já lourêa o milho,
Verdeja o arrozal na baixa, e sobe
Na ladeira viçosa o algodoeiro,
Que vermelha maniva a cima entouca :
Depois, rica a colheita — oh, tão felizes !
E Deos tudo nos dava, largas eiras,
Amplios terreiros abundante enchia.

Na lavra a padroeira se festeja
Com festas, com selvaticos cantares,
Que dera inverno copioso ás plantas,
Para o rio que sahê do fundo leito ;
Verão formoso na colheita, aos campos,
Ás pingues pescas e ubertosos bosques.

Em fresca madrugada nós partimos
Gratos dias passar na doce quinta
Com sua vida de um anno ou dous; a lua
Nos raios da manhã sua luz perdia.
No seio do caminho se encobrimdo,
Gritando por seus pais, que cedo abração,
Vão saltando os crioulos; vão nos mansos,
Nos esbeltos corseis branco-mimosos
Meu pai, minhas irmãs; atrás os servos,
E os cães ladrando á fugitiva corsa
Que na volta da lua sahe na estrada;
No meio minha mãe, eu no seu collo,
No carro cantador, sonoro e lento,
Por formosa parelha igual tirado,
Fumante o dorso, sacudindo a fronte
De ramos enfeitada, um lacteo bafo
Exhalando saudavel; pelos ares
Poenta nuvem de marsim desonda
Do caminho de fita. A voz confusa
Da leda caravana matinava
Harmonia selvagem, mas tão bella!

Que risonho paiz, que novidade
Sobresaltou minha alma! alto horizonte
O tujupar domina, se amontôa
Aurea colheita pelo em torno; as aves
Cantão no meio do arrozal que ondêa
Ao vento estivo; serpentêa o rio
Turvo e placido, além perdido, além
Passando á sombra do algodão plumoso.

Que das margens se abraça, entrança os ramos ;
Cortado, além, da estiva que debruço
Formou naturalmente o piquizeiro ;
E pela riba as verdes cabaceiras
Em floridos cordões se dependurão :
Nuvem cobre o terreiro, vagão nuvens
Matizadas no ar, como folhagem
Rugidora que o vento cêrca e arranca,
A arvore queimada enverdecendo,
Tristes, pallidas torres que não dobrão,
Inconstante despindo o mobil manto
Para outra enramar, cobrir de flôres
Com a breve estação desta que esfolha.

Voltavamos, passada uma semana ,
Mui saudosos da lavra. Nos trazião
Nossa mãi preta e todos os escravos
Mil presentes d'infancia : a cuja nova
Tingida e resinosa ; o cará rôxo ;
Dois ovos de perdiz, da glauca tonna ;
A leda, herradeira seryquara
De pés e olhos vermelhos, verdoengos
Longo bico e a plumagem ; uns filhinhos
Do coráo viridante em quentes plumas.

A' tarde, quando a lua no horizonte
Descobria de prata o rosto humente
Agitado no mar de um céu d'azul,
Os cumes do occidente se extinguindo,
Como o casal do Eden se assentavão

Meus pais á fresca porta no batente
 Vendo o nosso folgar: interrompido
 Quando o sino vibrava na capella
 Angelus-ave; renascendo logo.
 Lá chegava o feitor, depunha a foice,
 E a meu pai relatava o dia findo;
 Sobre a queima lhe falla, as chuvas teme:
 « Corre mais abundante no caminho
 « Tortuoso Mapá, banhou das margens
 « A lustrosa cantan, que se ergue olente;
 « Já tayócas se alastrão doidamente
 « Ou vão subterraneas; n'alta matta
 « O acauan cantou, echos de longe
 « Levárão por mais longe os outros echos;
 « Acimão-se nos céos os sete-estrellos,
 « Acentrada n'um forno a lua pende —
 « Outros signaes eu vi — todos os astros
 « São maiores, mais luzem; são mais fun los
 « Os campos, perto os matos d'outra banda,
 « É mais amplo o horizonte; á madrugada
 « Gritavão gansos para o sul passando;
 « Comprido bando eu vi passar á tarde
 « Da colhereira rosea; o sol no poente
 « Vermelho: tudo as chuvas annuncia. »

Nos braços maternas que me embalavão,
 Em ondas de alegria derramando
 O cansaço infantil, eu me atirei
 Um dia e, de prazer, preso em soluços.
 Já mudo e descansado olhando os outros

No teçume em que andavão, despedir-me,
Por entre elles perder-me, ia pensando :
No lançar-me, senti na minha fronte
Cahir gottas de pranto, eu estremeço...
Minha mãi me apertava, e como alegre
Foi dizendo : « Hoje brincas, no meu collo,
« Qual na patria, depois da vida errante,
« Hoje vens descansar... occulta sorte
« Quantas vezes não muda os seios almos,
« Delicias da mãi terna e o doce filho,
« Por um leito de pedra ! estes rosaes,
« Tanto cêo, tanto amor, por tantas dôres,
« Longo penar, morrer ! oh, Deos te salve
« Dos frios dentes d'assassina sorte... »
Nada pude entender ; mas, commoveu-me
A voz dorida lhe escutar, tão triste !
E assim como a progne implume ainda
Se encolhendo tremente sob as azas
Estendidas da mãi, quando na torre
Quebrou a tempestade, eu a seu lado
Ignaro emmudeci tambem chorando.
— Induzio-me a voltar aos meus brinquedos,
Emquanto era feliz, emquanto infante.
Nunca mais ser contente eu não sabia :
Minha mãi nunca mais contente olhou-me
Com sua vista d'esp'rança : um que piedoso
E de tristeza estava em seu semblante
Olhando para mim, tão carinhosa !
Comecei a passar todos meus dias
Junto della, onde quer que ella estivesse,

Ou na rêde da sala, ou passeiando
 Por entre a laranjeira, ou nos pombaes ;
 Dormia no seu leito, a voz lhe ouvindo —
 Tremendo adormecer ! — e quando n'alva
 Cantava o gallo, eu despertava, a via,
 E como triumphante e prazenteiro
 Dessa noite salvar, beijei-lhe a fronte !
 Não podia perdê-la um só momento,
 Temia não sei que, porque nem sei...

E morreu minha mãe, perdi meu pai,
 A Victoria, os escravos acabarão !...
 Sou orphãa, sou perdida andorinha
 Arrancada do ninho pelo vento,
 Não sei por onde eu vou... murchando a vida
 Nesta minha invernosa primavera.

Assim, meu Deos, no mundo os justos passão,
 Sem ruido — vai sombra solitaria
 Que reflectiste uma hora. Ah ! se eu pudesse
 Voltar ao meu paiz.... ah, se eu pudesse !
 Passando, resgatar á liberdade
 Esses vendidos, miserandos velhos
 Da Victoria felizes ! pobres crias
 De minha mãe, por hi morrendo, céos !
 Dar-lhes a respirar no fim da vida
 Os ares do palmar onde nascêrão :
 E pasmados d'encanto ao ninho amado,
 Qual aves da saudade erguendo o côto
 Para o collo esconder fechando os olhos,

Então morrerem... mas, ouvindo ainda
O som dos bosques, o gemer da rola,
E o lago berrador por muda noite
Harmoniosa, e as aves da alvorada,
E o suspiro exhalarem no seu canto !

Ainda a solidão nos conhecera,
O deserto echóara, e sob os pés
Sentiramos a terra estremecer !
A campa quando mãos de amor a tocão,
Escorrendo uma voz quebrada, um pranto.
Nossa casa ergueríamos da noite
Dessas mesmas ruínas do casal,
Entre ellas ; serviria a mesma porta,
Os esteios os mesmos, o batente,
Esses mesmos terrões desmoronados
Novas paredes levantarão ; tudo
Nos fallara o passado... tudo lagrymas !
E' fagueiro chorar por muitos olhos,
Por muitos corações, por muitos labios
O mesmo choro, o sentimento e amores
Dos tempos que já forão ! — Se eu pudesse
Meus amigos vendidos libertar !
Ainda ver passando a colhereira,
O ganso á madrugada, os meus palmares
E a rola da Victoria e as aves todas !...
E mudo a miuha dôr come a minha alma
Nos annos verdes, como verde fruto
Mastigado com força nôs vorazes,
Nos rijos dentes a estralar quebrando

Da homicida, fatal, da minha sorte :
 Porém, não perca o fio da existencia,
 Deos no meu peito, amor nos olhos ambos,
 Longe do mundo, o rustico alaúde
 Na dextra sonora — hei de vencê-la !

Sou como a cria desmamada e triste,
 Que uma gotta de leite mendigando,
 Bale em torno de todas as ovelhas :
 Abanão-lhe a cabeça : eu não sou filho.
 Andorinha dos mares, sobre as ondas
 Perdida, as azas de cançada arrasta ;
 Passa a fróta alvejando qual cidade,
 Voa aos mastros de um, d'outro navio,
 Os marinheiros gritão, e ella volta
 De timida outro bordo, e deste áquelle :
 Ai de ti coitadinha, fecha as azas,
 Solta um gemido e lança-te da vida,
 Vai na morte pousar ; cae desse cume
 Dos teus dias bem lugubres n'aurora !
 Ah, se eu tivesse mãe ! então.... ah ! sim,
 Nem como ave do mar, nem como a ovelha :
 A seus lados feliz, bem junto della,
 Meus braços enlaçando-lhe o pescoço,
 Bebendo os olhos seus, seus doces labios,
 Sua respiração branda, amorosa,
 Que alentou minha infancia e fôra eterna ;
 Vivendo nella só, toda minha alma
 Derramando sôbre ella, ao mundo, ao tempo
 Mostrara o meu amor ! — O' vós, que a tendes,

Amai a vossa mãe, amai-a sempre,
 Amai ainda — quanto amei, quanto amo
 Minha mãe.... minha mãe !... tu, divindade,
 Meu sol da infancia que me davas tudo....
 Senti meu pranto como triste corre;
 Vede meus dias solitarios, áridos,
 Fruto que não vingou : tão cedo, a selva
 Morreu, cahio : á calma exposto, o succo
 Se perdeu, e mirrou.. . não tenho mãe.

Com o são lentos, longos, e pesados
 Os dias deste mundo! como custa
 Arrastar este arado da existencia,
 Rompendo a leiva pedregosa e secca
 Que não dá uma flôr ! Tu me abandonas,
 Deos, na terra ingrata? — eu vou seguir-te,
 Se depois deste mundo azas me derdes....

XLVI

Tua voz na infancia adormeceu no berço
 Meu dormir de flor;
 E de saudade e amor,
 O' mãe, é sobre um tumulto que eu canto.

Sombria morte me acompanha; eu sinto
 Seu faminto alentar : cada um meu passo
 Abre um sepulchro, e me desapparece.
 A luz me aterra, desconheço o dia,
 Noite que treme apresentar-se ao sol

Antes da vida eu morro. Olhava apenas
 Essa terra de vastos horizontes....
 Meus olhos cambaléão pelas faces,
 Como o occaso despede-se dos pinaros.
 Nascem echos distante.... um só minuto,
 O' echos, esperai-me — eu vou cahir !

.
 Não me vês, minha mãe, neste deserto ?
 Sem patria, como a nuvem desgarrada
 Resvalando por céos de noite pallida :
 Sem parar n'uma terra d'existencia —
 Corrente crystallina por amores,
 Por amores a cúpula palmosa,
 Sombria e mui sonora, do folhede
 Seus aromas com os canticos das aves
 Sobre mim derramando em casto leite
 De val cheiroso, do penhasco ao seio
 Descançada a cabeça, e o junco e as flôres
 Do páramo por virgens do meu peito,
 E por meu tecto o céu; candida lua
 No meio da cerulea cabelleira
 Exhalando o seu rosto de donzella,
 Claro manto de sedas perfumadas
 Cobrindo-me da noite, árida esta alma
 M'embevecendo d'orvalhoso effluvio ;
 Dormindo o somno placido da crença,
 Afagar-te em meus sonhos de ventura,
 Ver-me infante em teus braços, em tua fronte
 Juncar, juncar meus beijos... minha mãe !

Não me vês, doce mãe, neste deserto ?

E o jardineiro sol da madrugada
 Banhando as flôres de perfume e tintas,
 Ou quando da palmeira aos pés arroja
 A menêante imagem, no occidente
 Carminizando o mar, e a natureza
 Entre as mysticas sombras de uma tarde,
 Quanto eu amára ! que esta vida enchêra
 De todo este universo, minha mãe !

Não tenho um só amigo, sou tão pobre....
 Que eu vejo um mundo.... ninguem sabe ao menos:
 Extinctos olhos e uma terrea fronte
 Não vão c'o ledo romanesco em galas.
 Oh, quem pudesse penetrar-lhe o exilio,
 Sondar seus mares d'illusões e abysmo,
 E os mysterios erguer n'alma do bardo —
 Sombria diante o sol, por entre as luzes,
 Para os dias da noite solitaria !
 Sem gemer uma dôr, chora-as comsigo,
 Ao mundo que sorri, sorriso empresta ;
 Na paz da solidão rasga sua alma ;
 Lucubrações á hora êvosa e tacita,
 E umas gottas de lagryma espontanea
 Sobre essas flôres de tristeza e insomnia.
 Meu corpo á terra abandonei miserrimo :
 De saudades, de amor, sonhos, esp'ranças,
 De ti, de um Deos alimentei meu peito —
 E para o mundo, minha mãe, tão pobre !...

Errante pelas ondas do oceano,
O som das vagas temperou-me a lyra,
Echos dellas seus echos repetirão.
Solitario dos homens, forasteiro,
Na soledade do ideal ouvi-as
Sympathicas, soluços me ensinando
Arrancar ao coração ; com ellas
Errei a mente n'amplidão calada ;
Gemi com ellas na canção do nauta,
Realçando na pròa sonora
Em silencio a deshoras, pelo bojo
Rompendo as tranças, quando a lua enflora,
Quando a lua humedece, bella em mares,
Bella no céo azul, no cávo panno
Suspenso eburneo pelas vergas longas ;
Chorei com ellas na extensão profunda
Povòada do ether anilado,
Quando da noite a balançar-se ao collo
Sem bosque ave sentida ia piando ;
Ensinárão-me a voz rude e selvagem
Arando o vendaval rouco e ruinoso ;
Em calma eu vi-as açoitando as rochas
De Marrocos, d'Hespanha, ou docemente
As velas balouçando, e, qual mulheres
D'ardentia vestidas, debruçadas
Pelo Mediterraneo, o pensamento
A descantar perdidas, suspirando ;
E quando á matinada saltão peixes,
Rubente caravella esmalta á tona,
E de mansas e languidas dormião

Desfallecidos ventos nos seus braços.
 E no vago ondular da vida alheia
 Não busco a natureza, amo-a : nos homens
 Encontrar meus irmãos... ah ! minha mãe,
 Ao meu amor só tu. Foste : — a tua sombra,
 Alma, ou o que houvesse de immortal em ti,
 Ficou-me triste musa do crepusculo ;
 Da saudade uma lyra encordoei
 No meu pranto por ti, no amor a Deos.
 — Balbo, flébil infante ao desamparo,
 Senti necessidade : eu quiz vibrá-la
 Por meu consolo ; e tímido, aos meus olhos
 Envolveu-me pudor, fugia crê-la ;
 Rubece a musa, innocentinha virgem
 Meiga nota de amor passar sentindo.
 E eu cresci na crença de meu pai.
 Meu pai também morreu, ergui-lhe as cordas
 Da lyra que me deste, em noite escura
 Ao mundo esquivo ás sombras do sepulchro.

Em pallida orfandade eu fui qual folha
 Nas azas dos tufões ludibriada :
 Da selva me arrancarão tenra e murcha,
 Quando o sol rodeava-me n'um berço
 De flôres e favonios, quando as aves
 No trino virginal d'argentea infancia...
 Que amanhecer, ó mãe, quanto era horror !
 Collocado me achei n'um horizonte
 Onde o fogo queimára a terra, as flôres,
 Tanto sorriso pradial no monte,

No valle a prágana aureando ao sol!
 A terra estava negra, rebuçada
 Em camadas de cinza; além, além
 Crépe alvacento levantando apenas —
 E o céo nem soube dar-me um fresco orvalho!
 Chorei! perdidas lagrymas de orfão.
 Pedi consolações! porém, á terra.
 E os meus gemidos as-soidões comêrão;
 Meu pranto aquece resfriada cinza;
 E ninguém me entendeu. Divago ignoto.

Leviano baixel das aguas todas,
 Vergontea exile do frescor movida,
 Amei, oh, quanto amei! anjos da infancia,
 Que os meus annos d'aurora matizárão!
 Erão ondas saltando, s'infiltravão,
 Como em praia, em meu peito sonoro;
 E como ondas de vida os meus suspiros
 Piedosos cahindo, me escutárão:
 Doces cantos teci de amor travessos,
 Desalentada mansidão da serpe.
 Um rapido sorriso á flôr dos labios
 Nasceu, tingio de amor, passou, morreu,
 Suavissima aragem desprendendo
 Amena rosa de recentes côres,
 Fagueira lymphá vinculando a concha,
 E nem mais divaguei.... morreste?... virgem!
 Anjo coitado, que tremeu de amar-me,
 Arder as azas na silvestre chamma.
 Do meu amor; alampada sagrada,

Luz delirante me sentir nos seios
D'oleos divinos suspirar, morrer.

Longos, pranteados embalava os olhos,
Que a face afrescão de uma luz infante,
Ao céo de azul asserenado, manso,
Ideal d'harmonias respirando,
Como a rosa em seus bafos se diffunde;
E nos fracassos desse peito alheio
Anjos, nuvens divinas se exhalavão:
« Virgem de vaporosas creações,
« Dá-me um beijo por azas, dá com ellas
« Que eu suba á salvação, ó casta! ó noiva!
« Tu, que alvoreces entre o côro e as harpas
« Da natureza, que as montanhas vibrão
« Por estes valles onde o vento dorme;
« Tu, que te inclinas á espaçosa sombra
« Da tarde, como a tépida lembrança,
« E o saudoso passado, dá-me um beijo!
« Enche meu coração dos teus mysterios! »
— E ella não fallou: confusa e bella,
Deixou nos olhos melindroso assomo.
— E ella não fallou: meus olhos baixos
Lampejάρão-lhe aos pés, doce mendigo
Dobrado ante os altares da esperança.
Suaves linguas de mimosa flamma
Sentia-se a sahir do puro alento
Da aromosa bocca: arbêna alpina
Que na calma foi do ávido assaltada,
Em cansaço e medrossa um ar faminta.

Vaguei por sobre as pallidas ruinas,
 Á rota sombra do espinheiro agreste :
 Nem mais ouvi a rola solitaria,
 Lamentoso acauan deu-me o seu canto
 Nas horas do silencio taciturno,
 E outras aves do sol desconcertadas
 Solemnisárão o amanhecer e a tarde.
 Percorri as campinas lá da infancia,
 Não encontrei-as, de mudadas que erão ;
 Regou meu pranto os cardos do alpestrio
 Crescidos no alveo do Olho-d'agua. As flôres
 Que plantavas no pateo, o pé ramoso
 Do bugari morreu, nem matto as cobre !
 A capella das salvas... Oh ! quem pôde
 O casal da Victoria interdizer-me ?
 Já vacilla o esteio, alta parede
 Em seus pés se amontôa, abate o tecto ;
 Em sentido assobio lá se envólta
 Amarella giboyá, ao lado geme
 A coruja d'agouro, das ruinas
 Presidindo o cahir, nocturno esvoaça
 O morcego e pende, rumorêa o vento.

E o teu casal me foi negado um dia
 Pela terra tão má ! pecoreando
 Ao relento passei noite sem fim,
 No meio das soidões do meu passado,
 Em pedras estendido. Quantas dôres
 Abafavão-me as sombras ! meus gemidos
 Apenas ião se perder no valle.

De lassidão sonhava, adormecia :
 Eu era o teu sepulchro mysterioso,
 Na minh'alma encerrei teu pensamento,
 Meu peito a lousa do epitaphio : em mim
 Visões senti que os tumulos rodêão
 Roçarem fugitivas como o vento
 Por muda folha ; imagens dolorosas
 Me acenavão de longe, revoavão,
 Cahião como do ar, feridas pombas
 Quando cegas do sol vão contra os muros,
 Em saudade convulsas me abraçando ;
 De tão chorosas me acordarão.... Eu só !
 Nas ondas do suor, espectro errante,
 Descabellado e pallido entre as arvores —
 Despovoado céo ! O' mãe, ó mãe !

.....

 Meu Deos ! porque mataste minha mãe ?
 Porque mudaste as flôres destes sitios ?
 Porque murchaste todas estas arvores ?
 Como tantas ruinas se amontoão !
 A verdura risonha do outro tempo
 Desfallece do prado, e triste as aves
 Levantão-se ás collinas do horizonte
 Ennegrecidas, aridas. Quem déra
 Vivesse inda aqui ! doce velhice,
 Apoiada em meus hombros, titubantes
 Nossos passos, feliz te conduzira
 Nas margens odorantes de tua fonte
 (Secca e perdida em carrascaes sem flôr),

Te dando agua na mão, que tanto amavas
 Na folha da cantan, e á tua vista
 Sorrindo as lymphas gárrulas passárão ;
 Á tarde, vagarosa, em doce pratica,
 No teu passeio a respirar no monte
 Do bosque perfumado brasileiro
 Ar tépido e saudavel : sobre a pedra
 Da ladeira, encostada a mim, por longe
 Vagando os olhos d'afrouxada vista,
 Como esses cantos vesperaes desmaião,
 N'uma historia sem fim, mas agradavel,
 Branda fita de mel, por entre as phrases
 O nome do teu filho accentuando ;
 E depois, quando a sombra já cahisse
 Dos laranjaes perante os astros todos,
 Pelos trivios á morta claridade
 Virmos trazidos para o tecto amado,
 Onde já passão as primeiras luzes ;
 Descansando no toro de páu-d'arco,
 Tu falláras então, porém sem lagrymas :
 « Aqui tuas irmãs contigo juntas
 « Ha vinte annos brincavão ; lá, teu pai
 « Esse pé de loureiro que inda cresce
 « Plantou quando nasceste, esperançoso
 « No teu futuro — a idade delle é a tua. »
 E no terreiro se ajuntando os pretos,
 Começão-se accender os fogos rusticos.
 Nem mais o canto das senzalas ouço...
 Oh, quantas cousas tem mudado o tempo !
 O' Deos, porque mataste minha mãe ?

Curvei-me á rama do palmar atlante,
No ésto de uma quadra da existencia,
Perto á sorte minguada ouvindo a morte...
Mas, foi sonho. Açoitado do destino
Perdi as margens que eu amava, ingratas!
Minha dôr comprimi, pranto de sangue
Por dormi-la chorei! chorei saudades,
Do peito a fronte a levantar gravosa
Vergada ao pensamento, fundos olhos
Tremulando no vulto do gigante
Rebuçado em seu manto de penhascos,
Entre os céos a cabeça, lh'entoucando
Silencioso nevoeiro a grenha;
Fallecendo no azul das serranias
Dos Orgãos endentados — qual n'arêa
Do lybico deserto, o sol acceso,
S'embalanção palmeiras no espelhoso,
Encantadas cidades, ilha ou selva,
Onde eleva-se muda a caravana —
No remanso das aguas desenhadas
Mellifluas do Janeiro. Oh, meus encantos!
Mãi despiedada que seu filho engeita,
A patria me negárão... Posto ás chuvas,
Senti murchar meus annos inda abrindo;
Minha vida pendeu extenuada
De suspiros e dôres; esta seiva
Da minha alma s'evapora, esvae-se;
Pela aerea raiz repousa o outomno,
E os turbilhões ardentes a lacerão.

Eu vou subindo o rio da existencia
 Contra as correntes em penosa balsa :
 Estendo a vista pelo esteiro, busco
 Deter co'as mãos as ondas, que me fogem !
 Grito, que se não perca o meu passado —
 E perde-se com o echo... e pelas margens
 Apenas uma luz se extingue, um monte
 Empallidece e sécca, as minhas torres
 Desfazem-se em ruínas, um cypreste
 Lá no fim do horizonte o corpo estende!....
 E volto-me ao caminho para adiante :
 O tempo se approxima, e passa : e digo,
 O futuro lá jaz atrás da nuvem —
 Porém branquêa a nuvem... peço ainda
 A' noite, que me espere enquanto ha dia —
 O sol desaparece, e tudo é noite !
 — Está minh'alma se escorrendo em chagas
 Tão vivas, de sanguineos metéoros
 Nella cheia de noite, ou como os raios
 Na sua tempestade serpentêo !

Eu via o tempo segundar-me ás pressas :
 « Corre ! corre ! que eu passo. » Eu corri tanto,
 Que a vida toda n'uma aurora andei
 Até aos pedestaes desta muralha !
 Ainda as verdes purpuras me cercão,
 E esta desgraça que eu radeio as cresta.
 Não posso mais seguir : n'um desalento,
 Eu cáio, e de fadiga mal me arrasto
 A' beira de uma sombra, sobre o marco

A fronte deleixar em descabellos ,
 Indifferente pela terra o corpo :
 Meus olhos apagados, pelo valle
 Embalde se demorão nos meus rastos,
 Que palpitão, que somem-se e os aturvão.
 O sol vacilla a contemplar-me, e pára !
 Volto-lhe as costas, meu desprezo ao sol,
 Que não é mais a mim como da noiva
 O banho perfumado do noivado ;
 Porém onda que o livido cadaver
 Humedece insensível. O abandono
 É meu leito da morte : expiro, acabo,
 Sem terno pranto, sem amigos braços :
 Vejo um inverno a desfolhar-me apenas,
 E purpuras crestadas ; vozes mortas
 Sinto apenas vibradas na montanha.

.
 Que leito bello, e preguiçoso, e morno !

.
 Neste enjôo da vida ao menos diga :
 Eternidade de dôr bebeu minha alma,
 Por ella fui nutrido, e me sepulta ;
 Só aqui não achei mentira o mundo.
 — É rochedo meu peito á flôr estranho :
 E do prazer nas gélidas cavernas
 Sómente encova horror, lymphas amargas !
 Creação desgraçada — nasce o bardo
 Para soffrer, e maldizer os céos.

Ensopada nos balsamos do gozo,
Dos amores, da vida a infancia minha
Foi uma hora, e passou, tão leda e bella!
Meu corpo da doença corrompido
Mistura-se co'a terra; anoitecido,
A noite empresta-me as sombrias fórmas:
E nem espero amanhecer mais nunca...
Morrer! tão cedo, no quartel primeiro,
O sol no monte a palpitar d'esp'ranças
N'um vidroso fulgor... Oh, Senhor Deos!
Os dias eu não choro para o mundo,
Não carecem de mim gozos, prazeres:
Donzella vacillante minha patria,
Nova e rica d'encantos, e tão pobre,
Tão orphãa como eu sou de pais e amores,
De todo o peito meu quizera ama-la,
Abrir com ella no sùbir dos annos
Que não sabem murchar celestes flôres —
Miserrimo sonhar! vão-se os meus dias
Na corrente indomavel tropellados
Dos pendores da sorte ao fundo abysmo.
Porque, Deos, me creaste? em minha aurora
Sou victima — o que fiz? — Corre, homem louco!
Ave magra e sem ninho vai cantando,
De morta a descansar de vôo em vôo,
Conforme a terra ataviada, nua,
D'um céu alpestre, ou desatando encantos.

Doloroso cypreste da minha alma
Ondêa no meu rosto a sombra errante

Dos ramos denegridos, annuncia,
 Como os embalos de nocturno sino
 O enterro que passa, a minha morte —
 Minha morte amanhã... talvez inda hoje.
 Chorão ver-me exhalar a vida d'hontem
 No berço adolescente; eu sinto o pranto
 Do fundo peito, que só meu julgava,
 N'olhos estranhos, a doer na fronte
 Dos que me cercão, repetindo mudos:
 « Morrer tão cedo! » Como é bello, vêde,
 A morte do poeta nesta idade!
 Mimoso cysne pelo céu de um lago
 Desplumando suas alvas sem ter mancha
 Como as virgens gemeu, gemeu! gemeu!
 Nem sabe s'inda á terra um corpo fica,
 Se fica a terra, as flôres e as campinas;
 Sem para cima os olhos d'esperança,
 Mudo e candidamente está sorrindo —
 Expirando e sorrindo. — Mas, a patria?
 S'enlevando inexperta pousalouza
 No sorriso fallaz da humana serpe,
 Ora, com sede, seduzindo a cega;
 Logo depois, escarnecendo a nescia
 Desflorada: « Só farta os vis desejos,
 Tão vasia de amor divino! » O' patria!
 Senhor, salva-a! Senhor! Eu morra, embora.

— Do descobrimento não morrerão os despotas,
 Não, que o candido povo, o povo infante
 Não cêssou de gemer. — Ah! contra o debil

O forte não triumphá: elle envilece.
Tem a alma no peito espaço igual
Do mesquinho senbor, do escravo fraco.
Cobardia é pisar o choro humilde,
Cobardia é chorar nos pés tyrannos:
A sorte commutada, elles semelhão.
Não tem sorte o magnanimo, tão alto
Está no throno ou no servil grabato.
— Rapina simulada, a fronte é clara
Perante o dia, no favor das sombras
Deslisando ao través, t'insulta, e passa:
Com ar d'escravidão te distrahiste!
— Tão indolente, quem te dá piedade
Vendo os teus campos se esterilisarem?
O Deos, o proprio Deos, se offende e vingá:
Peste, desolação, miseria, secca,
Gritos de captiveiro e maldições,
O horror que fazes, só nas mãos te estende!
— Desprezível te olhárão, em torpe estagno
A ressonar, engurgitada em gula
De tão pesada tradição retrógrada:
Olhárão-te vistosa, como a Limace
Arrastando na concha o fatuo egoismo
Debruçar-se mui lenta sobre as praias
De um vasto mar, em camas de ouro — de ouro!
Se alimentando ali do limo e d'hervas
Que as ondas trazem das oppostas margens,
Das margens todas que não sejam suas,
Move a cabeça apenas, e um dos córnos,
Aonde os olhos se arredondão, fura

As cápreas zonas, e no Prata o molha ;
 O outro, ao norte pelas nuvens dentro,
 Accende no equador por entre os signos,
 E nas aguas seus arcos esverdêa
 Do primo-nato filho dos oceanos !
 E o corpo se perdeu quasi nos Andes,
 E além dos Andes, lhe abraçando as plantas,
 Com voz dos sec'los que o futuro abalão,
 Responde o grande mar ao mar Atlantico !

— Ergue-te ! move-te ! sê senhora, impera,
 Estende as azas, vôa ao sol candente,
 Campêa sobranceira pelas nuvens,
 Imagem do condor das serranias !
 Arma a justiça no amazoneo braço,
 Ergue os teus filhos que te erguer sonhárão ;
 Curva os teus filhos quando ingratos forão ;
 Lava tua fronte que os estranhos cospem,
 Saliva invida, mas desprezo ha nella !
 — A onde é viva a riqueza o homem corre,
 Todos amão viver, a patria encontrão :
 Em seu jazer dormente, não amigos,
 Exhauri-la só vem, como bandidos
 Qu'imbelle victima inda insultão quando
 Em seus congressos da montanha bailão.
 — Oh, desperta ! dormindo em pleno dia....
 O bruto pesadelo da politica
 Não dá sonhos — afoga e cansa e mata —
 Pisando nos seus pés a Liberdade....
 E a Liberdade nos teus seios geme !

Por amor de si mesma. A nuvem presa
Desespera e se arroja na tormenta :
Após os seus destroços miserandos
A bonança virá, porém, tão tarde !...
Sê briosa, prepara á natureza
Templos á eterna luz : — na superficie
Vem rolando do globo : ei-la bem perto,
Sauda nossas plagas os primeiros
Clarões e o crepitar ! Vejo o Oriente
Cinza vasta, por onde ella passára,
De um fumo branco se perdendo e leve.
Abarbarando vão-se os que ella deixa,
O tempo embora lhe não lave os traços,
E o barbaro Occidente ora resplende.
As ondas transporá : que já se espelha
Nas Colombias dos Andes e dos mares ;
E a sombra então, que nos envolve ainda,
Irá longe de nós, e a cauda fria
Estenderá no céo que nos eclipsa —
O dia aqui stará — Foi lei do Sol.



ULTIMA PAGINA.

Se eu escrevesse um prologo, seria tão sómente pedindo ao publico me desculpasse de lhe haver offerecido os meus concertos — frios, tão mal entoados e rusticos. A dôr, os soffrimentos, a saudade forão o anjo desgraçado dessas inspirações como o grito fatal das aves da noite. Eu nunca os pretendi publicar — os restos disputados aos vermes e ao tempo serião roto cypreste ao meu tumulo — que, se um dia o pensasse, certamente não os teria escripto, nunca eu seria poeta, ainda só pelos escrever. Eu os cantava descuidado, sem dar-lhes nome os perdia — quando o peito mais leve como que adormeceu. Porém, a sorte fallou mais perto.... e hoje os procuro para dá-los. Estremeço ás fragoas por onde elles tem de rolar, e tenho remorsos de haver dado cousa tão má. Eu nunca os pretendi publicar : foi a sorte que fallou de mais perto: perdoai. Sáfara e inculta, aos auspicios da Infortuna pallida,

a terra só produzio flôres venenosas : não as respi-
reis ; passai longe do valle — eis o caminho. Toda-
via, eu amo naturalmente esta vida errante, sem lei
nem futuro : insecto em arribação continua, tuas
azas cortarão, cahirás em teus primeiros zumbidos.

Á sombra do teu nome, doce irmãa, bella e feliz
Maria-José, eu teria abrigado os meus primeiros en-
saios ; porém, não encontrei nelles um reflexo di-
vino da poesia de que só mereces de ser rodeada,
e encolhi o meu desejo. É a sorte que me anda illu-
dindo, eu não morrerei ainda.

Eu vejo um firmamento de vasto azul, um astro
se levanta no meio. Tudo desmaia em torno de
mim : é que nada era estavel ; e tu, unica realidade
que eu vejo, eu vivo, tu existirás !

Abstenho-me de ajuntar a este volume, por já
tão longo e de certo fatigante, notas sobre lugares,
costumes e nomes naturaes, que por falta de inda-
gações scientificas possão ainda ser desconhecidos.

Rio de Janeiro, 1857.

JOAQUIM DE SOUZA-ANDRADE.

INDICE.

ESTANCIAS.

	Paginas
Harpa I. Desesperança	3
Harpa II. Hymno á liberdade.	6
Harpa III. Ao Sol.	11
Harpa IV. Te Deum laudamus	17
Harpa V. Legenda	23
Harpa VI. A hectica.	29
Harpa VII. A ***	34
Harpa VIII. Visões	35
Harpa IX. O Rouxinol	41
Harpa X. Canção de Cusset	44
Harpa XI. Um dia é semelhante á eternidade	46
Harpa XII. Minha alma aqui.	47
Harpa XIII. A virgemzinha das serras.	49
Harpa XIV. Hora com vida	54
Harpa XV. Vem, ó noite!.	56
Harpa XVI. A ***	57
Harpa XVII. Sonhos da manhã	60
Harpa XVIII. M.	63
Harpa XIX. Pobre filha de Polónia	65
Harpa XX. Berços do amor primeiro	66
Harpa XXI. O principe africano	76
Harpa XXII. Primeiras-aguas	83
Harpa XXIII. Vamos juntos.	90
Harpa XXIV. O inverno	92
Harpa XXV. A' partida de um velho enfermo	98
Harpa XXVI. Fragmentos do mar	99

NOITES.

	Paginas
Harpa XXVII. O Cypreste.	145
Harpa XXVIII. A velhice	149
Harpa XXIX. A escrava.	151
Harpa XXX. A maldição do cativo	157
Harpa XXXI. Visões.	165
Harpa XXXII.	168
Harpa XXXIII.	171
Harpa XXXIV. Visões	174
Harpa XXXV. Visões	189
Harpa XXXVI.	226
Harpa XXXVII. Solidões.	229
Harpa XXXVIII. O dia de Natal	237
Harpa XXXIX. A Musa	241
Harpa XL. O Tronco de Palmeira	247
Harpa XLI.	249
Harpa XLII. O Casal Paterno	254
Harpa XLIII. Frondosos Cedros d'outr'ora	260
Harpa XLIV. Meus nove annos n'aldéa	262
Harpa XLV.	271
Harpa XLVI.	287
—	
Ultima pagina	305

E R R A T A.

Erros.	Emendas.	Páginas.	Linhas.
acabárão	acabáráo,	5	6
Santo!	Santo!	20	18
justo:	justo.	25	15
Innundada	inundada	28	11
religiosa	religiosa,	61	5
enfurece-se	enfurece	103	4
deceu	de céo	107	10
morte: deter	morte deter:	178	1
ũa	uma	184	6
uma	ũa	184	8
d opastor;	do pastor;	221	18
acompanharáõ	acompanhárão	235	23
Eu via	Eu vejo	239	4
A. J. D.	A. G. D.	241	3
azas que a mãi	azas, que a mãi,	268	16
passado	passado,	272	26
do mar	no mar	276	28
do puro	no puro	293	27

Damos estes erros com que podemos deparar á primeira leitura depois da impressão, que alguns dos quaes desformão a metrificacão.



